

The background of the cover is a romantic illustration of a young couple about to kiss. The woman has long brown hair in a ponytail and wears a dark jacket with a backpack. The man has short brown hair and wears a dark hoodie. They are standing on a bridge with a suspension bridge in the background under a sunset sky. Pink cherry blossoms and heart-shaped petals are scattered throughout the scene.

SARA MARINHO

O Que o Tempo Não Apaga

ELES FORAM O PRIMEIRO AMOR UM DO OUTRO.
QUINZE ANOS DEPOIS,
PODERÁ O SENTIMENTO PERSISTIR?

 MANUSCRITO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

The background of the cover is a romantic illustration of a young couple about to kiss. They are standing on a bridge with a suspension bridge in the background under a sunset sky. Pink cherry blossoms and petals are scattered around them. The overall color palette is warm, with pinks, oranges, and purples.

SARA MARINHO

O Que o Tempo Não Apaga

ELES FORAM O PRIMEIRO AMOR UM DO OUTRO.
QUINZE ANOS DEPOIS,
PODERÁ O SENTIMENTO PERSISTIR?

 ANUSCRITO

SARA MARINHO

O Que o Tempo Não Apaga

facebook.com/manuscritoeditora
instagram.com/manuscrito_editora

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Manuscrito encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Título: *O Que o Tempo não Apaga*

Autora: Sara Marinho

Copyright © Editorial Presença, S.A. 2024

Revisão: Luís Afonseca/Editorial Presença

Capa: André Cardoso/Editorial Presença

Composição: Fotocompográfica, Lda.

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-9181-41-0

1.^a edição em papel, Lisboa, julho, 2024

*«But every once in a while, you find someone who's iridescent, and when you do,
nothing will ever compare.»*

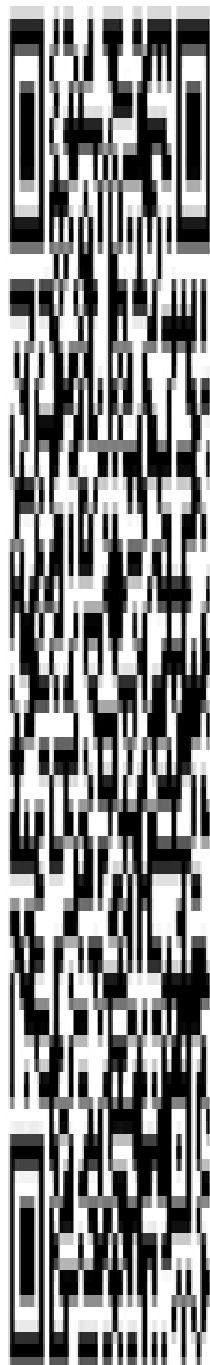
Wendelin Van Draanen, *Flipped*

Playlist

Caro leitor, não ignores esta página!

Garanto-te que esta *playlist* vai complementar a tua experiência de leitura!

Podes ouvi-la aqui :)



«Na Escola» — Os Quatro e Meia
«Uma Vez em Dezembro» — Lúcia Moniz
«Canção de Engate» — Tiago Bettencourt
«As Regras da Sensatez» — Rui Veloso
«In the Stars» — Benson Boone
«Daylight» — David Kushner
«Feels Like We Only Go Backwards» — Tame Impala
«Instant Crush» — Daft Punk ft. Julian Casablancas
«O Tempo Vai Esperar» — Os Quatro e Meia
«Se Eu Pudessem Voltar» — Os Quatro e Meia
«Só Mais Um Instante» — Os Quatro e Meia
«Já Estou de Regresso, Amor» — Os Quatro e Meia
«My Boo» — Usher, Alicia Keys
«Baby I'm Yours» — Arctic Monkeys
«Si No Estás» — Íñigo Quintero
«Sobredosis» — Íñigo Quintero
«Será por ti» — Íñigo Quintero
«Where's My Love» — SYML
«Vai Por Mim» — Mendes e João Só
«I Remember Everything (feat. Kacey Musgraves)» — Zach Bryan
«Anda estragar-me os planos» — Salvador Sobral
«Ouvi Dizer» — Ornatos Violeta
«Past Lives» — Børns

Para todos os que já tiveram um grande amor e não o deixaram escapar.

«(...) as minhas pernas não se mexem e eu fico petrificado a vê-la ir-se embora, sem um adeus, sem uma despedida.

Os nossos olhares cruzam-se por breves momentos, antes de ela desviar o seu e se afastar na direção contrária, rumo ao portão de saída da escola.

Há olhares que são como despedidas, como beijos trocados em silêncio e à distância.

E esta seria, provavelmente, a última vez que a veria.

Talvez para o resto da minha vida.»

Prólogo

Mariana

Questiono-me se é normal sentir-me tão vazia no dia do meu casamento.

Um nevoeiro denso parece envolver-me, a ponto de nem os meus passos parecerem meus. É como se eu fosse uma marioneta e alguém me manobrasse, embora não saiba quem. Só sei que não sou eu quem está a comandar os meus movimentos. Não sou eu quem está a percorrer esta passadeira vermelha em linha reta.

Porque será que sinto este peso no peito e esta tristeza no coração? Seguro num ramo de flores com as mãos. São várias flores num arranjo em tons neutros que entendo ser, na verdade, um *bouquet*. Envergo um vestido branco com tule, rendas e uns apliques que, subitamente, parecem asfixiar-me. Ou será esta sensação proveniente do nevoeiro translúcido que consigo sentir à minha volta?

À medida que avanço passo a passo, com os pés desta pessoa que tenho quase a certeza *não ser eu*, percebo que estou prestes a casar-me.

Não quero.

Não seria de esperar que estivesse a transbordar de alegria por todos os poros, uma vez que estou a viver o melhor dia da minha vida? Que mal pudesse esperar para passar o resto dos meus dias com o meu noivo, que espera por mim no fundo deste corredor?

Porque me sinto tão dormente, então? Serei normal por ter estes pensamentos, por me sentir um extraterrestre, uma criatura prestes a cometer o maior erro da sua vida?

Centenas de questões atravessam a minha mente, atropelando-se umas às outras, e, enquanto tal acontece, percorro a passadeira vermelha que me liga ao meu noivo, como um fio invisível que nos unirá para sempre.

PRESENTE

Capítulo 1

Mariana, 30 anos

Junho de 2022

Estou de tal maneira marcada e transtornada pelos eventos do meu passado, por aquilo que deixei em aberto e não consegui resolver, que já cheguei a ponto de alucinar.

Pestanejo enquanto tento focar a minha visão, que se encontra turva devido à hora avançada e aos *cocktails* que já bebi esta noite.

Será o destino tão cruel a ponto de me pregar uma partida destas, precisamente hoje?

Acredito que possa mesmo ser uma alucinação, mas, após alguns segundos a franzir os meus olhos na direção dele, não me parece que restem dúvidas. Não é uma alucinação ou uma miragem. Desta vez, não é apenas a memória dolorosa que me atormenta há anos. *Ele* está mesmo aqui, no mesmo bar que eu, a 630 quilómetros de distância da minha casa.

Como é que não sei nada do Alex há quinze anos e agora nos cruzamos aqui? De todas as noites em que imaginei que tal pudesse acontecer, não me passou pela cabeça que pudesse ser hoje que isso se tornasse realidade, nem mesmo quando dei por mim a entrar num avião com destino a Madrid, a cidade que nunca quis conhecer, por ser a cidade onde ele vive. Talvez na realidade sempre tenha tido receio de que, mesmo sendo praticamente impossível, nos pudéssemos cruzar. E ei-lo aqui, a escassos metros de mim: algo que quero e idealizo que aconteça desde os meus dezasseis anos. Quando pensei que ele era um assunto do passado — mal-resolvido, mas do passado —, ele aparece como um fantasma para me atormentar.

Apesar da névoa que sinto nos olhos, verificar que aquela imagem pode ser real deixa-me paralisada e automaticamente mais sóbria e tensa. Ainda há alguns minutos estava aos saltos na pista de dança, mas agora sinto-me deslocada, porque este não é o local indicado para estar parada.

Contudo, não consigo voltar ao momento anterior, ao momento em que sou apenas mais uma noiva a celebrar a sua despedida de solteira numa discoteca em Madrid, rodeada pelas suas amigas mais próximas, que também já estão embriagadas. Agora, sou novamente aquela miúda de dezasseis anos com um

coração partido, que não sabe como irá ultrapassar o seu primeiro amor.

O cabelo dele continua a ser loiro, encaracolado, ainda que agora ele já não seja um miúdo. É um homem. Os ombros são largos e a *T-shirt* que tem vestida molda-se perfeitamente ao seu corpo musculado. Consigo perceber que se tornou um homem incrivelmente belo e sinto uma pontada no peito, porque me lembro do seu cheiro quando tínhamos dezasseis anos; lembro-me do nosso primeiro beijo no Ginjal, depois da nossa visita àquela casa abandonada, e dos vários beijos que se seguiram; lembro-me de mais mil e uma memórias que temos juntos ao longo dos quase três anos em que fomos da mesma turma e nos quais passámos de amigos a namorados e de namorados a desconhecidos.

— Mariana, que se passa? Parece que viste um fantasma! — diz-me a minha amiga Melissa, que se encontra comigo na pista de dança e que se dá conta da minha mudança súbita de atitude há alguns segundos.

Não lhe respondo e apenas abandono a pista, para sair daquele torpor e me sentar um pouco. Quando chego à mesa onde temos as garrafas que já consumimos nesta noite, sento-me e ponho as mãos na cabeça, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Estás bem, Mariana? Queres ir embora? — Desta vez não é só a Mel, mas as minhas outras amigas que se aproximam, preocupadas.

— Está tudo bem... Acho que tive uma tontura — comento, tentando relativizar a minha reação, uma vez que não estou em condições de explicar o que quer que seja a nenhuma delas. — Vou à casa de banho.

— Eu vou contigo — diz-me a Mel.

— Não é preciso... Juro que estou bem. Já venho ter convosco.

Contorno a pista e avanço por um corredor azul-escuro que me faz lembrar um céu estrelado, devido às luzes nele projetadas serem tão pequenas e perfeitas. Quando chego à casa de banho, o meu local de refúgio há vários anos e onde me escondo para ninguém suspeitar dos segredos que me esforço por esconder, sento-me numa poltrona que se situa perto dos lavatórios e recosto-me totalmente para trás. Respiro fundo e tento abrandar o meu ritmo cardíaco, praticando pela milésima vez a respiração diafragmática. Fiquei maldisposta depois de o ter visto e sinto-me estúpida em relação a isso. Já passaram *anos*.

Seria mesmo ele? Poderia ele estar praticamente igual ao que era há quase duas décadas, mas ainda mais atraente? Se calhar, não era ele. Este álcool espanhol está a dar-me a volta à cabeça. Se calhar, drogaram-me a bebida.

A espiral de pensamentos redemoinha-me na cabeça, deixando-me ainda mais tonta. Hoje, nem a respiração está a ajudar, pelo que acabo por me deixar levar pela compulsão de pensamentos que me invadem em pequenas frações de

segundo. Não os consigo controlar nem acalmar. Levanto-me e passo a cara por água, para me refrescar e ajudar a esquecer esta cadeia de acontecimentos.

Sou capaz de estar a imaginar tudo. Não era ele. Seria praticamente impossível encontrá-lo aqui. Seria semelhante a encontrar uma agulha num palheiro.

Decido recompor-me e esquecer a maneira como me sinto apenas por achar que o vi. Nem sequer quero pensar mais no significado desta reação. Retoco a maquilhagem com o pó bronzeador, a máscara e o batom que tenho na minha mala e automaticamente sinto-me melhor, como se aquele episódio nem sequer tivesse acontecido.

Respiro fundo e encaminho-me novamente para a discoteca, pronta para continuar a divertir-me, seguindo mais uma vez pelo corredor estreito. Contudo, ao chegar ao fundo do mesmo, estaco de repente.

A minha visão fica toldada como se fosse desmaiar a qualquer momento. Tento respirar normalmente, não posso perder os sentidos agora. Após poucos segundos de olhos fechados, a tentar normalizar a entrada e saída de ar dos meus pulmões, ergo o meu olhar e deparo-me com a realidade.

Ele está aqui, à minha frente, com os seus olhos daquele tom de âmbar inesquecível colados aos meus, como da última vez em que nos vimos, há quinze anos.

Perdi a conta ao número de vezes que imaginei que nos reencontrávamos. Contudo, nem num milhão de anos o imaginei assim, não hoje, não num bar ranhoso em Madrid na minha despedida de solteira. O meu discernimento diz-me que deveria fingir que não o conheço de lado nenhum, simplesmente fintá-lo e seguir em frente em direção às minhas amigas que estarão, certamente, preocupadas comigo, mas sei quão ridículo isso seria. Por isso, adoto a segunda melhor atitude, a da indiferença, não deixando que ele perceba quão perturbada fiquei com este momento.

Olho para ele, para o meu primeiro amor, o meu melhor amigo, o meu confidente, o amor da minha vida. O meu tudo.

Até me ter abandonado e desfeito o meu coração em pedaços.

Capítulo 2

Alex, 31 anos

Junho de 2022

Tive quase a certeza de que era ela.

Apesar de nos separarem quinze anos, o seu rosto é inesquecível. Tive um vislumbre daquela miúda que me costumava sorrir com ar tímido no início da nossa adolescência, aquela miúda com quem partilhei tantas tardes de diversão, preguiça, angústias e partilha, e por quem me apaixonei loucamente, a ponto de pensar que a minha vida podia acabar por me afastar dela.

Pareceu-me mesmo vê-la há alguns minutos na pista de dança; no entanto, deixei de a ver e pensei que a tinha perdido novamente.

Ainda bem que não me fui embora da discoteca, porque acabo de a encontrar a sair da casa de banho. Consigo perceber que está perturbada por me ver. Sinceramente, não a posso censurar, depois de tudo o que aconteceu entre nós e depois do que eu lhe fiz.

— Mariana..., ainda te lembras de mim? — pergunto-lhe estupidamente, embora saiba que se lembra de mim, como é óbvio, não só pela sua reação ao me ver, como se acabasse de ver um fantasma, como por eu estar praticamente igual ao que era, com as mesmas feições e o mesmo corte de cabelo. Apenas anos mais velho, inevitavelmente mais amargurado e com algumas rugas de expressão, sim, mas de resto igual.

— Como me poderia esquecer? — responde-me, tentando ao máximo não transmitir nenhuma emoção.

A voz dela é exatamente como me recordo, aveludada e melódica, como uma nota musical. Mesmo já não a ouvindo há mais de uma década, o seu timbre é tão familiar, que, de repente, volto a ter treze anos e a levá-la pela primeira vez à minha casa; de repente, tenho catorze anos e estou a dar-lhe o seu primeiro beijo na rampa de acesso ao Elevador da Boca do Vento; de repente, tenho dezasseis anos e consigo ouvi-la a cantar António Variações enquanto corremos de mão dada para o Jardim do Rio no Ginjal, na noite do seu décimo sexto aniversário.

Ficamos a olhar um para o outro, sem saber o que dizer. Na verdade, nunca acreditei que nos pudéssemos encontrar novamente. Não desde que vim viver para Madrid. Numa cidade cuja área metropolitana tem mais de seis milhões de

habitantes, seria praticamente impossível ou, pelo menos, bastante improvável, que eu pudesse casualmente encontrar quem quer que fosse da escola onde andei no terceiro ciclo, em Almada.

Só quando a observo com mais atenção é que me dou conta da maneira como se encontra vestida. Tem uma tiara na cabeça com um tule agarrado, como se fosse um véu, e uma faixa branca que diz «Bride to be».

Está noiva e esta é provavelmente a sua despedida de solteira, tal como acontece com tantos outros grupos que vêm festejar a Madrid.

— Parabéns — digo-lhe apenas. Não sei explicar como é que eu saber que está noiva me incomoda, mas a verdade é que sinto dor. Talvez seja apenas porque as coisas terminaram *daquela* maneira, ou melhor, pela forma como *eu* dei cabo de tudo.

— Estás a falar do quê?

— De estares noiva — respondo, assinalando o óbvio.

Ela avança no sentido contrário e continua a andar, ignorando-me a mim e ao nosso reencontro inesperado.

— Ei, espera! — grito, para me fazer ouvir, uma vez que já nos encontramos perto da pista de dança. Tento tocar-lhe no braço, para a fazer virar-se para mim. No entanto, assim que sente o meu toque, afasta-se mais.

— Tu queres o quê? — questiona, sem me encarar.

— Quanto tempo vais ficar em Madrid?

— Chegámos hoje. Ficamos até segunda-feira.

OK, *hoje é sábado, portanto nem chega a dois dias*, penso. Não é o ideal, mas é o suficiente.

— Podemos falar um pouco antes de te ires embora? Não te vou roubar muito tempo, mas acho que devíamos falar. Pelo menos acho que te devo isso. Prometo que depois te deixo em paz.

Solta um riso escarninho, no qual consigo detetar o rancor que sente em relação a mim. Mais uma vez, não a condeno.

— Tivemos quinze anos em que podíamos ter falado. Não foi por falta de tentativas da minha parte. Liguei-te milhares de vezes, mas tu deixaste de ter aquele número — responde-me amargamente, antes de acrescentar: — Já eu tenho o mesmo número desde os meus doze anos. Podias ter-me contactado, se quisesse. Porquê agora? Só porque calhou encontrarmo-nos aqui?

Não lhe respondo de imediato e encaro-a sem saber como me hei de explicar. Não posso simplesmente dizer-lhe que, na verdade, também eu lhe liguei várias vezes, mas a minha cobardia falou sempre mais alto. Não é o momento de explicar seja o que for. Ainda assim, não vejo este reencontro como obra do

acaso. É impossível para mim não acreditar que isto seja obra de *algo* superior, que não conseguimos justificar de maneira racional.

— Porque o destino decidiu que nos voltássemos a juntar numa cidade com quase tantos habitantes quanto Portugal. — Assim que o digo, dou-me conta de quão tosca é a minha referência ao destino. Vejo quão magoada ela está; não vai ser fácil convencê-la a dar-me uma oportunidade.

— Ah, o destino? — troça, novamente com o seu ar sarcástico. — Então, e também foi o destino que te fez dizer o que disseste, no último dia em que nos vimos? Também foi o destino que decidiu não atender as minhas chamadas nem responder às minhas mensagens? Também foi o destino que decidiu bloquear o meu número? Não... Parece-me que nessa altura foste *tu* que foste uma merda de pessoa. Perdoei-te, devido a tudo o que estavas a ultrapassar, mas não me esqueci e não te devo nada, só porque nos encontrámos por acaso na merda de uma discoteca em Madrid!

Vejo no rosto dela o que também vejo em mim ao longo dos últimos anos. Por trás desta máscara de indiferença, há um coração devastado a bater-lhe no peito.

Acho que já devia estar à espera que não fosse fácil. Ainda assim, não esperava que ainda estivesse tão zangada comigo, como se esta dor fosse recente, como se não tivessem passado quase duas décadas para a apaziguar.

— Por isso é que quero falar contigo. Quero explicar-me, sem esta barulheira — grito novamente, por um lado para que me oiça; por outro, para lhe implorar que nos possamos encontrar, pelo menos durante meia hora. — Por favor!

— Mariana, está tudo bem? Estávamos à tua procura — diz uma rapariga que se aproxima de nós e parece preocupada. Olha para mim de soslaio antes de perguntar: — E tu, quem és?

— É um antigo amigo. Encontrámo-nos agora, por acaso — replica-lhe a Mariana, sem tirar os olhos de mim, talvez avaliando se me deve dar uma oportunidade, ou se me deve fazer a vontade e encontrar-se comigo antes de se ir embora.

— Olha, eu moro mesmo no centro, perto do Parque del Retiro. Podemos encontrar-nos lá amanhã, nem que seja durante trinta minutos? Só para ter oportunidade de me explicar — digo-lhe, retirando um cartão da minha carteira, que, embora tenha o nome e a morada da empresa onde eu trabalho, tem o meu número de telemóvel pessoal. — É o meu número.

Amanhã é domingo e ela vai-se embora na segunda, por isso não posso deixar que esta oportunidade me escape por entre os dedos.

— Amanhã confirmo-te se posso — diz-me, enquanto guarda o meu cartão na pequena mala que traz pendurada ao ombro.

Embora não seja uma confirmação, é mais do que tinha ainda há cinco minutos.

Eu sorrio e despeço-me, afastando-me, não sabendo ao certo como isto aconteceu nem como me vou conseguir explicar amanhã, mas ainda tenho algumas horas para me preparar.

PARTE 1

*E de todas essas coisas
Que na escola eu aprendi
Nem um apontamento houve
Para me preparar para ti*

«Na Escola» — Os Quatro e Meia

PASSADO

Capítulo 3

Mariana, 13 anos

Setembro de 2005

O nervosismo começa a tomar conta de mim ainda antes de chegar à minha nova escola no primeiro dia do sétimo ano. Tenho algum receio de como os meus colegas me possam receber, tendo em conta que, na minha antiga escola, nem sempre foram simpáticos comigo. Eram maus e gozavam comigo constantemente devido ao meu problema de dicção. Não digo bem os «erres» e a troça começava mal dizia o meu nome.

Em vez de Mariana, eu pronuncio «Magiana» e isso deixa-me logo insegura e com medo de continuar a falar, por isso é que, contrariamente a todas as raparigas da minha idade, tenho muito mais dificuldade em relacionar-me com as pessoas e socializar. Ao longo dos últimos anos, aprendi a controlar melhor a minha dicção, mas, às vezes, quando falo muito depressa, ainda me sai «g» em vez de «r». De qualquer modo, já consigo dizer o meu nome de modo perfeito. Mariana Batalha.

A nova escola tem terceiro ciclo e ensino secundário e é enorme em comparação com a escola onde andava antes. Como hoje é o primeiro dia, não há aulas, apenas uma pequena apresentação da diretora de turma aos alunos. Do pouco que já consegui observar, parece-me que os rapazes aqui não são tão estúpidos como na Escola Básica D. António da Costa. Pelo menos, ainda ninguém gozou comigo, o que já é um bom presságio de que talvez consiga ser feliz aqui — talvez até arranjar alguns amigos.

Assim que entro na sala de aula, na qual a minha diretora de turma já se encontra, encaminho-me para a primeira carteira, porque a minha mãe sempre me disse para me sentar logo nas cadeiras da frente. Na escola antiga, quem se sentava lá atrás eram os repetentes e normalmente eles eram os piores, por isso faço um esforço adicional não só para cumprir os ensinamentos da mãe, como para me manter distante de quem possa gozar comigo.

Contrariamente a mim, quase ninguém se quis sentar à frente, por isso a professora decide reordenar algumas pessoas pelos lugares vagos, para ficarmos mais bem distribuídos pela sala de aula.

Fico automaticamente nervosa, com medo de que venha algum miúdo parvo

para ao pé de mim, ainda para mais porque, supostamente, estes serão os lugares que ocuparemos em todas as aulas daqui para a frente.

— Alexandre, podes sentar-te aqui ao pé da Mariana, por favor? — pergunta a minha professora a um rapaz que eu ainda não tinha visto, por me sentir inibida até em relação a olhar à minha volta.

Olho para ele enquanto se senta ao meu lado e faço um esforço para não abrir a boca de espanto. Nunca vi um rapaz tão bonito. Verdade seja dita, qual é o rapaz que com treze anos é bonito? Eu nunca tinha visto nenhum. No entanto, inesperada e incredivelmente, este rapaz *é* bonito. Faz-me lembrar um anjo, com os seus cabelos loiros e encaracolados. A cara dele é branca e ligeiramente rosada nas faces, de modo que parece constantemente corado, o que combina mesmo bem com o seu tom de cabelo.

— Olá — diz-me ele, cumprimentando-me, sorridente.

— Olá, eu sou a Mariana — respondo-lhe, esforçando-me ao máximo para dizer o meu nome corretamente e não dar azo a que ele possa gozar comigo.

— Eu sou o Alexandre, mas toda a gente me chama Alex. — Sorri para mim e começa a tirar o caderno e o estojo da mochila *Eastpak* azul-escura.

Também lhe sorrio de volta, orgulhosa, não só porque ele não gozou comigo, como por ser a primeira vez que falei com um rapaz olhos nos olhos e disse o «r» como deve ser.

Gostaria de conseguir sumarizar as coisas que nos foram ditas nessa primeira apresentação, mas a minha mente esteve extremamente ocupada ao longo da hora seguinte, enquanto me redemoinhavam vários pensamentos pela cabeça.

Será que já tenho idade para me sentir apaixonada? Com que idade devem começar a acontecer estas coisas? Será que é esta a sensação de que toda a gente fala? Mas será que, se for mesmo isto, deve acontecer nestas circunstâncias? Devo conseguir apaixonar-me perdidamente pelo rapaz mais bonito que alguma vez vi?

Capítulo 4

Alex, 14 anos

Novembro de 2005

Desde que nos conhecemos que a Mariana se tornou a minha melhor amiga na escola. Com exceção das alturas em que estou a jogar futebol com alguns dos meus colegas, estamos sempre juntos. Alguns rapazes chegam mesmo a gozar por sermos tão próximos e há uns tempos começaram a chamar-nos *namorados*. Eu não me importo, mas a Mariana fica sempre bastante corada e envergonhada. Eu também corou um pouco, embora ninguém repare por esta ser a minha aparência habitual, devido à minha rosácea.

— Não liguês, o que eles queriam era ter uma amiga como tu — digo-lhe sempre, tentando acalmá-la e deixá-la confortável.

Desde que o ano letivo começou que temos sempre a mesma rotina. A seguir às aulas, ou vamos para o parque urbano Comandante Júlio Ferraz, mesmo em frente à nossa escola, a Escola Secundária Emídio Navarro, em Almada, ou então para o Centro Comercial M. Bica, um espaço decadente com apenas meia dúzia de lojas abertas, mas cujos corredores escuros permitem a todos os jovens da nossa idade socializar e ter um sítio para onde ir fora dos limites da escola.

O tempo começa a ficar mais fresco e húmido agora que estamos em novembro, por isso hoje é a primeira vez que vimos para a minha casa estudar depois das aulas. Como moro mesmo em frente da escola, num dos prédios do centro comercial, acaba por ser uma solução bastante prática e mais acolhedora do que ficarmos no centro de recursos da escola.

Quando chegamos a minha casa, a primeira coisa que faço é mostrá-la à Mariana, e inevitavelmente, apresentá-la à minha mãe.

— Menino, a sua mãe está a dormir uma sesta. Hoje não passou bem a noite — informa-me a Júlia, a cuidadora da minha mãe, assim que me vê a aproximar-me da porta do seu quarto.

— Então, nós vamos para a sala fazer os trabalhos de casa. Quando ela acordar, avise-me, para lhe vir apresentar a minha amiga Mariana, se faz favor, Júlia.

— Claro, menino Alex. Já vos vou preparar um lanchinho — diz-nos, enquanto se afasta na direção da cozinha.

A minha mãe, devido à sua doença, passa grande parte do tempo acamada, portanto normalmente é a Júlia quem acaba por me preparar as refeições. Ela aparece na sala alguns minutos depois, com uma bandeja com duas tostas mistas e dois *Compal* de pêssego.

O meu pai trabalha numa empresa em Madrid e só vem a casa aos fins de semana. Se não fosse pela doença da minha mãe e por os meus avós maternos morarem aqui, tenho a certeza de que viveríamos com ele.

Eu e a Mariana lanchamos e estudamos durante algum tempo, até que a minha mãe aparece inesperadamente na sala amparada pela Júlia, cumprimentando-nos e fitando a Mariana com um ar deleitado.

— Olá, meninos — diz-nos, aproximando-se a cambalear, ainda com a ajuda da Júlia, que, por algum motivo, não a traz na cadeira de rodas.

— Mãe — aproximo-me e dou-lhe um beijo no rosto e apresento-as —, esta é a minha amiga Mariana.

Viro-me para ela e esboço um sorriso, dando-me conta do seu esforço por parecer tranquila e descontraída, mesmo que eu saiba que está surpreendida com o aspeto da minha mãe e cheia de perguntas na ponta da língua.

A Mariana tem o cabelo aloirado e os olhos verdes, um pouco à semelhança de mim, que tenho o cabelo ondulado loiro e olhos cor de âmbar, como os da minha mãe. Sei que um dos seus grandes sonhos, além de ser pianista profissional, era o de ter uma menina. Quando eu era pequeno, assemelhava-me mais a uma menina do que a um menino, provavelmente devido ao cabelo, que sempre fora encaracolado e com um comprimento considerável. Acho que a minha mãe se acabou por resignar em relação ao meu sexo, mas agora, ao olhar para a Mariana, vejo nos seus olhos uma luz que não lhe vejo nos outros dias, como se estivesse a imaginar a filha que nunca teve, a minha versão feminina.

— Muito prazer e sê bem-vinda cá a casa — diz, num tom acolhedor.

— Porque não estás na cadeira? — pergunto, não em tom recriminatório, mas porque sinceramente não percebo porque está a gastar tanta da pouca energia que tem.

— Dei-me conta de que não estavas sozinho e não queria aparecer na cadeira de rodas. — Ela admite, num sussurro.

A Júlia faz-me um olhar compreensivo, um dos olhares que trocamos muitas vezes e não precisam de palavras para que os entenda. A minha mãe não aceita a sua doença, mesmo passados todos estes anos. É teimosa e tende a querer fazer as coisas sozinha, como se ainda tivesse autonomia. Infelizmente, já não tem. Sei que o esforço que está a fazer neste momento lhe pode custar o dia todo de amanhã, acamada.

— Além disso, queria tocar um pouco para vocês. — Inclina-se na direção do piano de cauda que temos na nossa sala de estar, insinuando à Júlia que deseja mudar de direção.

A afirmação deixa-me um tanto ou quanto desconcertado. Há muito tempo que não oiço a minha mãe a tocar. Lembro-me de quando era pequeno, ela passava todo o seu tempo livre a tocar, embora não fosse pianista profissional, como sempre quis. Eu ficava horas a observá-la, sem entender ao certo como funcionava aquele mecanismo de teclas brancas, teclas pretas e três pedais: o pedal de sustentação, o pedal tonal e o pedal de deslocamento, numa sincronia indecifrável para mim. Recordo-me que a achava sempre perfeita, mesmo quando se enganava na nota. Com o passar dos anos, ela foi deixando de tocar tanto tempo, até que, a dada altura, parou por completo.

Arregalo os olhos ao me dar conta de há quanto tempo aquele piano de cauda está ali parado na sala, sem que ela lhe toque, sem que sinta energia ou alento para o fazer. Sinto-me imediatamente expectante e ansioso para a ouvir, bem como entusiasmado para que a Mariana a oiça.

Senta-se com a ajuda da Júlia no banco do piano, colocado à largura do teclado, diretamente oposto ao mesmo, e lança-nos um sorriso enquanto abre a tampa. Relaxa os pés, que já estão colocados planos no chão, do calcanhar ao dedo do pé, e os ombros e braços, mantendo as costas retas. Lembro-me de a minha mãe me dizer que «tens de te sentar para mover levemente tudo até à ponta dos teus dedos», quando em tempos me tentou ensinar a tocar.

Olha para o gabinete de som que ainda tem uma partitura aberta, talvez a última que tocou.

A sala de estar está impregnada de um silêncio expectante e os seus dedos tremem levemente quando começa a tocar.

Hesita por um momento, perdida em pensamentos, antes de colocar as mãos sobre as teclas frias. Os dedos começam a deslizar, explorando hesitantemente as notas, como se estivessem a redescobrir um amigo de longa data há muito desaparecido. As primeiras notas são tímidas, quase sussurradas, e parecem ecoar memórias há muito esquecidas.

Reconheço imediatamente a música, porque é de um dos filmes que mais gostávamos de ver juntos quando era pequeno: «Uma Vez em Dezembro», do filme animado *Anastasia*. Vejo os olhos da Mariana, ligeiramente húmidos, emocionada pela tristeza de cada nota.

A melodia flutua pelo ar, criando uma atmosfera de nostalgia e emoção. Conforme toca, sinto que o piano se torna uma extensão da sua alma, narrando a alegria, a tristeza e a resistência que a caracterizaram ao longo dos últimos anos.

Naquele momento, o piano não é apenas um instrumento, mas sim um portal para a alma da minha mãe e uma janela para o seu passado.

De repente, a música para.

— Desculpem, já estou enferrujada — diz-nos, num suspiro, com as olheiras mais fundas do que há apenas alguns minutos. — Júlia, ajude-me a voltar para o quarto, por favor.

— Júlia, é melhor levá-la na cadeira, desta vez — intrometo-me, preocupado com o seu estado cada vez mais exausto e debilitado.

Ela regressa poucos segundos depois com a cadeira de rodas e, de modo bastante fácil, visto que a minha mãe neste momento é quase uma pluma, coloca-a sentada na cadeira em direção ao quarto. A minha mãe para ao pé de nós, para se despedir da Mariana.

— Espero que tenha gostado, minha querida — diz-lhe ela, dando-lhe um beijo no rosto ao despedir-se.

— Adorei! Nunca tinha ouvido piano ao vivo — admite a Mariana, parecendo realmente emocionada com o pequeno espetáculo da minha mãe.

— Isso é uma pena. O piano é terapêutico — sussurra, num suspiro, enquanto a Júlia empurra novamente a cadeira.

Embora tenha tentado disfarçar, sei que a Mariana ficou chocada por ver a minha mãe, uma pessoa tão nova, no estado em que está.

Ficamos uns segundos em silêncio depois de elas abandonarem a sala, que mudou de energia. A televisão está desligada e nós estamos calados, apenas sentados no sofá ao lado um do outro. Quase parece que temos medo de quebrar o silêncio.

Depois, ela para e fica a olhar para mim, com os seus olhos verdes magnéticos.

— Que aconteceu à tua mãe? — pergunta-me, num misto de receio e curiosidade. — Desculpa, não devia ter perguntado — diz, apressadamente.

Claro que não é um tema de que goste de falar, mas é a Mariana, é a minha melhor amiga e a única pessoa com quem sinto que posso falar de qualquer assunto, por isso não vejo qualquer razão para não ser totalmente sincero com ela.

— Não tens de te desculpar. Tem uma doença autoimune — digo-lhe, sem me saber explicar muito bem, apenas debitando o que me explicaram. — Só sei que se chama esclerose múltipla e que leva a que esteja sempre cansada, com dores, e já teve de ir para o hospital muitas vezes. Nessas alturas, o meu pai vem para casa e fica cá até ela ter alta. Mas depois vai-se embora novamente para Madrid.

— E tu ficas aqui sozinho? — pergunta-me, num misto de choque e

preocupação.

— Totalmente sozinho, não. Fico com a Júlia e com os meus avós, que vivem perto e muitas vezes ficam cá em casa no quarto de hóspedes.

— Lamento imenso... Parece uma coisa bastante complicada para alguém ter de lidar com apenas catorze anos.

Eu encolho os ombros, sem saber o que dizer. Sim, de facto é complicado. Às vezes, gostava de me sentir uma criança mais normal, um miúdo na adolescência com os seus pequenos dramas ridículos, e não um miúdo que há anos que vê a mãe doente e o pai ausente.

— Tento apenas aproveitar os momentos que tenho com ela, sabes? — digo-lhe, sem esperar uma resposta. — Sei que ela nem sempre poderá viver cá em casa, sei que se a situação se agravar ainda mais tem de ser... internada numa casa de repouso, como se fosse uma idosa. Não é, não deveria ter de ser assim. Só tem quarenta e cinco anos..., mas enfim, eu apenas tento estar com ela o máximo de tempo que consigo e fazê-la sentir-se amada. — Olho para a Mariana e vejo-lhe os olhos embargados.

— Não devias ter de passar por isto sozinho. Apesar de não valer de muito, sabes que estou aqui sempre, certo? Podes contar comigo para o que precisares, mesmo que seja só falar — responde-me, com uma lágrima a rolar-lhe pelo rosto.

— Não chores... — Passo-lhe o meu polegar pelas bochechas, limpando-lhe a lágrima e impedindo que esta chegue ao queixo. Não aguento ver ninguém a chorar. — Sabes, foi um momento único, este. A minha mãe não tocava há anos. Acho que te quis impressionar — digo-lhe sorrindo, de modo que ela se sinta melhor.

— Impressionar-me, a *mim*? Mas porquê? — pergunta, estupefacta.

— Ora, porque não é qualquer pessoa que eu trago aqui — digo-lhe espontaneamente, embora me arrependa um pouco da minha entoação e de estar a dar a entender algo — *o quê, em concreto?* — que, na realidade, não quero que nem ela nem ninguém saiba. — Além de que acho que ela viu em ti a filha que não teve e que sempre quis ter.

— Oh, não seas parvo — diz-me, pensando que estou a brincar ao dizer aquilo.

— Estou a falar a sério, não estou a brincar! Além disso, não a condeno por te querer impressionar... — Volto a dizer algo sem filtro, como se não comandasse o que me sai da boca para fora. Tento ao máximo mudar de assunto, não vá ela ficar a pensar no que eu digo. — Anda, vamos ver televisão — declaro, para aliviar um pouco o ambiente.

Ligo a televisão na MTV e está a passar um dos maiores *hits* do último ano, a

música «My Boo», do Usher com a Alicia Keys. Olho para ela, que fita a televisão sem olhar uma única vez para mim, corando na parte em que o Usher canta «‘Cause I remember, girl, I was the one who said, “Put your lips like this”». Vejo-lhe as mãos em cima das calças, totalmente inertes e tensas. Sem dúvida que não consegui aliviar o ambiente ao ligar a televisão — antes pelo contrário.

No entanto, há um som estridente que nos retira da energia inebriante da voz do Usher e dou conta de que o *Nokia 3310* dela começou a tocar.

— Estou? — Atende. — Claro, já vou descer dentro de minutos. Até já — diz, desligando. — O meu pai chegou para me vir buscar. Tenho de ir andando.

Nem percebi que já passava das sete da noite, pois o tempo com a Mariana tem uma tendência para se perder numa dimensão única.

— Eu levo-te à porta — afirmo, levantando-me e encaminhando-me na direção da saída.

— Até amanhã — diz-me, ainda com alguma tensão que não sei ao certo de onde provém, se foi por ter conhecido a minha mãe e ter ficado a par do problema dela, ou se foi da música do Usher.

Despeço-me, dando-lhe um beijo na face.

Esta é a primeira vez que sinto que estou a mudar, que olho para ela de maneira diferente, já não apenas como uma grande amiga, mas como alguém que fará parte da minha vida para sempre, mesmo não sabendo ao certo o que isso quer dizer.

Capítulo 5

Mariana, 14 anos

Novembro de 2005

Fiquei com um peso no coração por conhecer a situação da mãe do Alex, especialmente quando ela fez um esforço e nos tocou aquela música, até os seus dedos começarem a tremer e ter de parar. Recordo-me da sua expressão cansada, suspirando como se não aguentasse muito tempo naquela posição. Calculo que não deva tocar devido a ser tão desconfortável, talvez até impossível, pelas dores que deve sentir.

Não consigo imaginar o que será viver permanentemente naquela agonia, nem a vida dele ao querer tanto ajudá-la e não conseguir. Gostaria de o poder abraçar e lhe dizer que vai ficar tudo bem, mas a realidade é que não sei se vai. O Alex não entrou em pormenores, mas a situação parece-me grave. Vi a tristeza nos seus olhos quando a mãe parou de tocar e regressou ao quarto na cadeira de rodas, com a ajuda da Júlia.

Só queria saber uma maneira de aliviar um pouco a sua tristeza, de lhe provar que pode mesmo contar comigo para o que precisar, mas não lhe consegui demonstrar nada naquela altura, porque começou a dar aquela música estúpida do Usher que paralisou todos os meus sentidos.

De qualquer modo, decido escrever-lhe uma carta, que tenciono colocar no seu cacifo agora, enquanto me dirijo para os balneários antes da aula de Educação Física.

Acredito que as cartas podem ter um poder maior do que as palavras ditas, porque essas são mais propícias ao esquecimento, enquanto uma carta pode ser lida e recordada toda a vida.

Alex,

Posso muitas vezes não saber o que dizer ou fazer para que te sintas melhor, como aconteceu ontem, mas quero que saibas que somos amigos e, no que depender de mim, iremos ser amigos para sempre!

Conta comigo para tudo.

Com amizade,

Eu ia escrever com amor, mas tenho medo de o assustar com essa palavra. Além disso, quem, na nossa idade, sabe o que é o amor?

Coloco-a na ranhura da parte de baixo do seu cacifo antes de me afastar de repente, de modo que ninguém possa ver o que estou a fazer, como se fosse um crime deixar um bilhete a um amigo.

Devia ter olhado em volta antes de o colocar, porque sou imediatamente apanhada em flagrante pela Patrícia, a rapariga mais irritante e inconveniente que já conheci.

— Olhem, olhem, quem é ela... a deixar uma cartinha para o namorado — comenta, num tom escarninho, enquanto se aproxima de mim, vinda das escadas que dão acesso aos pisos de cima.

— Não sei do que estás a falar — respondo-lhe, fingindo indiferença.

— Ah, agora vai-se fazer de sonsa... — diz para a Inês, a miúda que vai ao lado dela e parece um fantoche, sempre a embarcar nas brincadeiras e piadas estúpidas que a Patrícia insiste em fazer, porque se acha o máximo. — Toda a gente já percebeu o que tu sentes pelo Alex!

— O que eu sinto, como? Sou amiga dele, apenas isso. Devias experimentar ter um amigo ou uma amiga *a sério*, para saberes como é. — Interrompo o riso de ambas.

Decido não dar mais conversa, tal como a minha mãe me ensinou, de todas as vezes que tentaram gozar comigo na escola, recordando-me das suas palavras: «Finge que eles são um cão a ladrar... Os cães ladram e a caravana passa.»

Viro-lhe costas e continuo o meu caminho para os balneários, mas, para meu azar, ela é da minha turma e tem a mesma aula que eu. Por isso, apesar de todos os meus esforços para me escapulir, ela segue na mesma direção e não consigo evitar ouvir os seus comentários desagradáveis e as suas provocações, que me acompanham ao longo do caminho. Até que há algo que oiço e não permite que me mantenha indiferente.

— Na realidade, eu sei que vocês não são namorados. Achas que tens *gabarito* para ser namorada dele? Eu cá sei que não...

— Que queres dizer com isso? — Viro-me para trás num impulso.

— O que quero dizer é que tu nem falar sabes — responde, maldosamente.

— Estás a dizer isso por causa do meu problema de dicção?

— Estou a dizer isso para que tu te convenças de que não é por teres olhos verdes que és a maior da turma e da escola, OK? E que há pessoas muito mais bonitas e com muito mais capacidade para ser a namorada do Alex.

— E quando falas nessas pessoas, calculo que estejas a falar de ti?

— É um bom exemplo, sim.

Sei perfeitamente que não lhe devia estar a dar conversa nem a responder às suas provocações, que me devia calar e pensar no conselho da minha mãe. Esta miúda só me quer provocar e arranjar intriga, porque vive disso. No entanto, não me consigo conter: preciso de lhe dar uma resposta.

— Em primeiro lugar, porque achas que a beleza é o único critério para uma pessoa gostar de outra? E onde está a tua escala de beleza, que te permita classificares-te melhor do que alguém, nomeadamente eu?

— Querida, pensa e acredita no que tu quiseses, mas estás a ver o coração que tenho aqui desenhado na minha mão? Nunca te esqueças de que o Alexandre é *meu*.

Observo os rabiscos que tem na mão, onde se consegue ver um coração com um sinal de igual e o número nove. Reviro os olhos perante toda aquela parvoíce, nomeadamente a imbecilidade que alguma delas inventou de escrever na mão o número de letras do nome da pessoa de quem gostam, antecedido de um coração, como se fosse uma marcação de território, como aquelas marcações que os criadores fazem no gado, para selarem um animal como seu.

É parvo e retorcido, mas por algum motivo as coisas parvas e retorcidas têm uma tendência de se tornarem populares entre estas miúdas pindéricas.

Quando chego à aula de Educação Física, estou com um péssimo humor e vejo-a olhar para mim com aquela cara de cobra, enquanto cochicha alguma coisa estúpida aos seus fantoches, a Inês e a Susana.

— Que se passa? — pergunta-me o Alex, dando conta do meu humor esquisito. — Estás a olhar para a Patrícia com um ar estranho.

— Não gosto daquela miúda e ela gosta ainda menos de mim — respondo evasivamente, não lhe querendo contar as coisas cruéis que ela me disse antes da aula.

— Ela é simpática — responde-me, com um ar condescendente, enquanto aperta os atacadores.

— É simpática para ti, porque gosta de ti! — respondo-lhe, irritada.

— Gosta de mim? De onde tiraste essa ideia?

— Olha, em primeiro lugar, por causa daquela porcaria de coração que todas elas desenhavam na mão — digo-lhe, o mais baixo que consigo, embora não consiga ser tão baixo como gostaria, devido ao meu estado de irritação.

— Um coração? — Ele está confuso, não percebendo o que estou a dizer.

— Nunca viste que todas elas andam com um coração desenhado e com um sinal de igual mais um número, escritos na mão, que corresponde ao número de

letras do nome da pessoa de quem gostam?

Ele olha na direção delas e parece observar as mãos de todas, verificando que, de facto, têm alguma coisa escrita.

— Nunca tinha reparado nisso, mas... que quer dizer isso? E prova o quê?

— Alex, a Patrícia acabou de me encurralar na zona dos cacifos e de dar a entender que eu queria que nós os dois fôssemos namorados, mas que eu nunca teria hipótese contigo. Ela gosta de ti e acha que, por causa disso, tu também tens de gostar dela! — expludo num sussurro e percebo quão ridícula sou neste momento por a ter deixado afetar-me e por ter expressado essa irritação com o Alex. Estou a reagir exatamente como ela queria que eu reagisse, estou a fazer-lhe a vontade e a deixar-me manipular pelo seu veneno.

— Isso é mesmo parvo! Em primeiro lugar, porque eu não gosto dela e são raras as vezes em que falamos. Segundo, não sei por que *raio* é que ela poderia gostar de mim...

— Gosta de ti, porque te acha bonito. Obviamente te acha bonito! — deixo escapar com um revirar de olhos.

— Obviamente? Queres dizer com isso que tu também me achas bonito? — diz-me num tom provocador, como se me tivesse apanhado em flagrante. E apanhou mesmo.

— Alex, por favor... Essa questão é indiscutível, neste momento. Obviamente és...

— OK, só não sabia que tu achavas. Já valeu a pena termos esta conversa...

— Ele olha para mim, tentando estudar-me a mim e ao meu olhar.

No final da aula, voltamos a passar pela zona dos cacifos, não só porque é um corredor de acesso, como porque, tanto eu como o Alex, vamos deixar lá o saco com a roupa de Educação Física. Ao chegarmos, reparamos que tem o cacifo arrombado.

— Que merda! Quem terá feito isto? — questiona, ao ver o cadeado arrombado e o cacifo aberto. — Bem, pelo menos parece que está tudo cá dentro — comenta, após olhar para o interior.

— Não! — exclamo, ao verificar que a carta que lhe deixei não se encontra lá.

— Alex, eu deixei-te uma carta há pouco...

— Não tenho aqui nada. Mas porque me deixaste uma carta? Íamos estar juntos nas aulas.

— Porque te queria dar algo de que te pudesses lembrar. Não queria estar a dizer em voz alta, talvez por não ter coragem... Não sei ao certo. Mas agora, quem quer que seja que tenha roubado isto tem acesso à carta — digo, em pânico. — Aposto que foi a Patrícia!

— O que me dizias na carta?

— Dizia que podias contar comigo para tudo. Em relação à tua mãe e não só. Desculpa, não queria que outra pessoa tivesse acesso àquela carta. É uma coisa só nossa e foi algo que partilhaste apenas comigo. Não me passou pela cabeça que isto pudesse acontecer.

— Ei, calma, calma. Não faz mal, a sério. Quem quer que tenha sido também não há de fazer um grande proveito dessa informação. Toda a gente sabe que somos grandes amigos.

Recriminio-me mentalmente por ter feito aquilo sem verificar quem se estava a aproximar, por ter dado motivos à Patrícia de ter uma arma contra mim, uma prova da minha fraqueza e da vulnerabilidade do Alex.

— Desculpa, Alex.

— Não me peças desculpa. Foi muito querido da tua parte... a sério — reitera. — Nunca conheci uma pessoa como tu, que se preocupasse tanto comigo e com o que sinto.

Depois, abre a mochila e alcança o estojo, retirando uma caneta e começando a desenhar alguma coisa na mão. Quando me mostra, consigo ver o desenho de um coração e um sinal de igual com o número «7».

Sete letras. Mariana tem sete letras.

Consigo perceber que estou a corar, não só pelo que o Alex me acabou de dizer em voz alta e pelo modo como o fez, mas também pelo que acabou de me dizer sem palavras, por aquele gesto, após eu lhe ter contado o significado daquela marcação tola.

Neste momento, já praticamente toda a gente passou por nós em direção à saída e encontramos-nos sozinhos no corredor. Ele encosta-me aos cacifos e olha-me nos olhos com aquele olhar amarelado que me deixa sempre com uma sensação estranha no estômago.

— Não precisas de corar — diz-me, enquanto se ri. Quando alguém me diz que estou corada ou que não preciso de ficar corada, ainda fico mais. Neste momento, devo parecer um tomate de olhos arregalados.

— Bem, vamos andando para o refeitório? — pergunto-lhe, interrompendo abruptamente este momento, que nem sequer sei explicar a mim própria no que consistiu.

Avançamos juntos para o refeitório e, pelo caminho, não consigo evitar pensar no que poderia ter acontecido, caso eu não tivesse quebrado o nosso olhar.

Capítulo 6

Mariana, 14 anos

16 de julho de 2006

Estamos no *nosso* sítio, aquele que para mim será para sempre nosso, porque nos habituámos a vir para cá.

Descemos a pé a Rua do Olho de Boi que interliga o Largo da Boca do Vento à Rua do Ginjal. Passamos muitas das nossas tardes no Jardim do Rio debaixo de uma árvore.

Às vezes, também vamos para a Casa da Cerca, que tem um jardim acolhedor e recatado; contudo, fecha às 17h30 e por isso acabamos por ficar mais limitados. O Jardim do Rio por baixo do Elevador Panorâmico da Boca do Vento dá-nos a liberdade de que precisamos para estarmos juntos, sem pressas nem preocupações. Além disso, há pouca gente a vir para aqui nos dias úteis, especialmente a esta hora, em que grande parte das pessoas se encontra a trabalhar. Daqui ouvimos o som da rebentação do rio Tejo nas rochas que emolduram o jardim e temos uma vista privilegiada sobre Lisboa, que apenas os nativos de Almada conhecem.

Por vezes, os únicos sons que ouvimos são este e o dos carros que atravessam a Ponte 25 de Abril e que, de algum modo, se tornam um ruído relaxante e hipnotizante. Nos dias de verão, como o de hoje, ficamos até entardecer, a ver as cores do pôr do sol e do crepúsculo a misturarem-se como numa pintura a óleo.

Caminhamos neste momento pela Rua do Ginjal, já a caminho da parte de cima do Elevador e comentamos as casas abandonadas que ali existem, encavalitadas umas nas outras, como se observassem o rio, atentas à mudança das estações e à passagem do tempo.

— A quem achas que pertencem estas casas? — pergunta-me.

— Não faço ideia. Provavelmente, já não pertencem a ninguém.

Ele olha-me como se tal fosse impossível.

— Não digo que formalmente não pertencem a ninguém... Certamente serão propriedade de alguém, mas não são habitadas, estão destruídas e não têm condições. Não têm alma. Já não são de ninguém — explico-lhe.

— É tão estranho pensar nisso assim, não é? Certamente já pertenceram a alguém e tiveram uma utilidade e, ainda assim, neste momento estão apenas aqui,

totalmente abandonadas, mas com uma vista linda para Lisboa.

Ele avança na direção de uma das casas cuja porta, embora esteja em péssimo estado e com tinta a lascar, é cor de terracota e se encontra entreaberta.

— Vens?

— Lá para dentro? — Arrepio-me com aquele convite, só de pensar em entrar ali dentro e me poder assustar com alguma coisa, quer seja uma pessoa escondida ou um animal morto. — Não, obrigada, prefiro ficar aqui fora.

— Anda lá, tenho a certeza de que vou tirar umas fotos ótimas. — Tenta persuadir-me, enquanto tira a máquina fotográfica da bolsa. — Eu protejo-te. — Ele pega na minha mão e puxa-me levemente, num gesto que apenas o deixaria a ele fazer.

Reviro os olhos por me conseguir convencer a fazer aquela loucura, mas acabo por o seguir a medo, porque sei quanto gosta de fotografar — até já recebeu uma série de destaques num *site* belga de fotografia, o *photoblog*. A máquina do Alex é o seu apêndice e ele anda sempre com ela, sendo mais provável deixar a carteira ou o telemóvel em casa do que a máquina fotográfica.

Subimos um lanço de escadas de betão, a única parte da casa que parece não estar podre e em decomposição. O edifício, que outrora há de ter sido uma casa — ou habitacional ou comercial —, agora mais não é do que um monte de paredes devolutas, com buracos nos telhados, revelando a miséria do Cais do Ginjal, contrastando com a outra margem do rio, que já se encontra iluminada pelas luzes artificiais devido à hora e escassez de luz natural.

Ouvimos um ruído, que me faz temer pela nossa segurança ali dentro, naquela pequena casa abandonada, pelo que me apresso em direção à saída, incentivando-o a fazer o mesmo.

— Lex, vamos sair daqui! — grito enquanto corro pela porta pela qual entrámos, ainda há poucos minutos, abreviando ainda mais o seu nome, como apenas eu lhe costumo chamar.

Ele segue-me, correndo afogado e, quando já estamos cá fora e começamos a subir a rampa de acesso, paramos um pouco para resfolegar. Eu encosto-me ao muro, que também já viu dias melhores, e respiro fundo.

— Não aconteceu nada, deve ter sido só uma telha a estalar devido ao calor — comenta, ligeiramente divertido com a nossa pequena aventura e corrida que nos deixou momentaneamente sem fôlego.

— Não ganhei para o susto. Não entendo porque estás tão divertido com isto — comento, vislumbrando o seu semblante, com as faces rosadas, como lhe é característico, e com os olhos amarelados já mais escuros, de as suas pupilas se terem dilatado devido à falta de luz.

Ele adota uma atitude mais séria e menos divertida, à medida que se aproxima de mim, encostando-se ligeiramente ao muro e envolvendo-me num pequeno abraço, tão quente como o dia de verão que se fez sentir hoje. Fito-lhe a sua maçã de Adão, mais preeminente a cada ano que passa, e engulo em seco, numa mistura de ansiedade e expectativa.

Sem aviso, coloca a sua mão no meu queixo e aproxima os seus lábios, quentes e suaves como algodão doce, beijando-me pela primeira vez na minha vida.

Até então, o que sentia sempre que estávamos juntos era uma vibração estranha, como se algo estivesse na iminência de acontecer, mas não soubesse ao certo o quê nem quando.

O nosso primeiro beijo foi por acaso, como se a força invisível que nos une já há um ano e formou a nossa amizade se transformasse em algo que nem nós conseguimos descrever ou evitar — como se não estivéssemos no controlo dos nossos gestos e simplesmente nos deixássemos ser comandados pelo destino e pelo acaso.

Foi nesse momento que percebi o porquê da tensão que se formava já há algum tempo e que não sabia explicar, o porquê de a nossa amizade não ser como as outras.

Porque a nossa amizade afinal também era amor.

Se há um ano me questionava sobre a possibilidade de descobrir o amor sendo tão jovem, este ano não me resta margem para dúvidas de que o amor não escolhe idades, que isso tanto pode acontecer aos treze, aos trinta e um, aos cinquenta e seis — creio eu, apesar de ainda só ter catorze, quase quinze.

De qualquer modo, não tenho dúvidas de que amo o Alex e de que o irei amar sempre, como se ele fosse uma âncora, uma boia de salvação que me permitirá alcançar os meus sonhos, um antídoto contra os meus medos.

Sinto-me uma criatura afortunada por poder vivenciar isto sendo tão jovem. Talvez haja pessoas que vivem a sua vida inteira sem descobrir que é possível sentir isto por alguém — sem vivenciar o verdadeiro amor.

Capítulo 7

Alex, 15 anos

16 de julho de 2006

Os lábios da Mariana são cor-de-rosa escuros, como um morango maduro no verão. Estamos tão perto um do outro, que nem o barulho dos carros a passar por cima da ponte se conseguem sobrepor ao som rápido das suas inspirações e expirações.

Quando vejo os seus lábios entreabertos, num convite mudo a prová-los, não consigo resistir a beijá-la. Já há algum tempo que os observava e imaginava qual seria o seu sabor.

O nosso primeiro beijo é curto e tímido, porque creio que nenhum de nós sabe ao certo o que fazer. Depois, inclino a cabeça e cubro-lhe totalmente a boca, tocando com a minha língua na sua, num gesto mais instintivo do que pensado. Dou-me conta de que só um beijo tem o poder de dissolver o tempo e o espaço e nos fazer esquecer tudo o que nos rodeia, permitindo-nos entrar numa dimensão exclusiva, partilhada apenas pelos seus intervenientes.

Fascinado com o seu sabor e deixando-me levar por aquele momento ao entardecer, a minha mão direita sobe pelas suas costas, envolvendo-a ao mesmo tempo num abraço.

Quando o dia começou, não fazia ideia de que se tornaria tão especial, não sabia que iria finalmente fazer algo que já imagino há tanto tempo e certamente não imaginava que seria tão bom. De tudo o que tinha imaginado em relação aos seus lábios, esta sensação é diferente.

Algo se alterou naquele momento, de tal forma que nada podia voltar a ser como dantes.

— Alex, isto... nós... Eu não quero ficar sem ti — diz-me, interrompendo o nosso beijo, visivelmente preocupada com o curso dos acontecimentos.

— Não vais ficar sem mim, Mariana. Eu não vou a lado nenhum — respondo, tranquilizando-a.

— És o meu melhor amigo. O meu *único* amigo! Não quero perder a tua amizade nunca e isto vem baralhar tudo. — Ela continua preocupada, mesmo depois de eu lhe garantir que não vai ficar sem mim.

— Vamos fazer assim. Vamos fazer um pacto e prometer que, aconteça o que

acontecer, nunca vamos deixar que a nossa amizade fique prejudicada por nada.

— Prometes?

— Prometo — asseguro-lhe.

Não estou a mentir. Sinto que nada nem ninguém nos poderá separar ou interferir na nossa amizade, embora o que sintamos um pelo outro possa mudar algum dia.

— Ótimo, porque a nossa amizade é tudo para mim — acrescenta, antes de eu voltar a devorar a sua boca, connosco encostados àquele muro.

Estou plenamente convicto do que lhe digo, porque tenho quinze anos e aos quinze anos tudo o que sabemos parece verdadeiro, derradeiro, indiscutível, incontestável. Julgamo-nos melhores e mais sábios do que qualquer adulto e não admitimos qualquer intromissão nos nossos ideais.

Juramos que qualquer tipo de envolvimento nunca poderá estragar a amizade que temos, porque somos demasiado ingênuos para imaginar outra realidade e demasiado inconscientes em relação ao que o futuro nos poderá reservar.

Capítulo 8

Alex, 16 anos

16 de julho de 2007

Uma das nossas rotinas de fim de semana e um dos planos que mais gostamos de fazer é passear em Lisboa. Apanhamos o cacilheiro, saímos no Cais do Sodré e passamos o dia a vaguear pelas ruas da capital e a fotografar, indo onde quer que nos apeteça, luxo apenas possível no auge da adolescência.

Fotografo as ruas lisboetas carregadas de história, controlando o ISO, a velocidade de obturador e o diafragma. Gosto de fotografias analógicas e de ter o controlo completo da captura.

Estamos a passar em frente da Sé de Lisboa depois de virmos do Castelo de São Jorge, quando, de repente, a Mariana se vira para mim com uma expressão simultaneamente séria e divertida e afirma que se quer casar ali, como se mais nada importasse: nem quando, nem com quem. Apenas sabe e quer que eu saiba que só poderá ser ali.

— E não achas que o futuro noivo também tem uma palavra a dizer? E se ele não quiser casar aqui?

— Ah! Ah! Como se alguém no seu perfeito juízo não quisesse casar na Sé de Lisboa, um lugar tão emblemático e carismático...

— Não sei, há tantos sítios emblemáticos e carismáticos em Lisboa. Especialmente igrejas católicas... Só na Baixa há dezenas, quase a cada esquina. A Igreja de São Roque, a Igreja de Santo António de Lisboa, mesmo aqui a alguns metros, a Igreja de São Nicolau, a Basílica de Nossa Senhora dos Mártires, a Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, a Igreja de Santa Catarina, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês... Já para não falar da Basílica da Estrela ou da Igreja de Santa Maria de Belém, nos Jerónimos. — Faço uma pausa e observo-a a olhar para mim, embasbacada. — Acho que devias dar uma oportunidade de o noivo se pronunciar, quando chegar a altura.

— Uau, neste momento estou só a tentar assimilar a quantidade de igrejas que acabaste de nomear em tão poucos segundos! Não fazia ideia de que eras especialista.

— Estava a esquecer-me de mencionar a Igreja de Nossa Senhora do Loreto dos Italianos, a Igreja do Menino Deus — acrescento, deixando-a boquiaberta. A

realidade é que já as fotografei a todas ao longo do último ano nos nossos passeios por Lisboa. — Mas não mudes de assunto, sabes que o cerne da questão aqui é estares a impor a tua vontade sem consultares o teu futuro noivo — digo-lhe, em jeito de provocação.

— Estás muito preocupado com o meu futuro noivo... Porquê? Queres dizer-me alguma coisa? — provoca ela.

Neste momento, estamos a passar mesmo em frente à Igreja de Santo António, situada poucos metros abaixo da Sé de Lisboa e assim denominada por ter sido o local onde nasceu Santo António, o santo padroeiro da cidade de Lisboa. Paramos quando me aproximo dela, segurando-a pela cintura e envolvendo a sua nuca, puxando-a para um beijo.

— Digamos que, enquanto teu futuro noivo, concordo que nos casemos aqui, mas só porque te amo mesmo muito e não te consigo contrariar, mesmo quando te armas em egoísta.

— Não sejas maluco — atira-me, rindo-se e afastando-se um pouco de mim, como se a sua gargalhada a obrigasse a impulsionar-se para trás.

— Não estou a ser maluco. Só estou a dizer que o teu noivo concorda com a tua decisão, por mais unilateral que ela tenha sido...

— Esqueces-te de um pequeno pormenor: tu não és meu noivo — remata, como se ainda não tivesse percebido onde é que eu quero chegar.

— Certo... Calculo que tenha de haver um pedido formal de casamento e uma aceitação para ficarmos noivos? — indago.

Ela abana a cabeça de modo afirmativo. Afasto-me lentamente e começo a ajoelhar-me em frente dela.

Continuamos no Largo de Santo António da Sé, em frente à igreja, com alguns transeuntes, provavelmente turistas a passar de um lado para o outro no sentido da Baixa ou do Castelo de São Jorge. Apesar de ser tão novo, sou invadido por uma certeza colossal em relação a isto e a quanto gosto dela, a ponto de querer realmente casar com ela.

— Mariana, aceitas ser minha noiva e casar comigo? Não tenho nenhum anel e isto foi totalmente inesperado, mas não sei como te posso dizer que não imagino a minha vida sem ti, nem me imagino a casar com ninguém a não seres tu.

— Alex... não acredito! — Ela coloca as mãos na boca e os olhos estão esbugalhados. — Estás a falar a sério? Somos muito novos! — Argumenta, talvez não entendendo a dimensão do que sinto por ela e de que a idade não influencia a minha decisão, pois nada me fará mudar de ideias em relação a isto.

— Não digo para nos casarmos amanhã..., mas sei que quero casar contigo.

Tenho a certeza do que quero. Nunca tive tanta certeza de nada na minha vida.

— Sim!

— Sim?

— Sim, aceito! Quero casar contigo — responde-me ela, num misto de excitação, alegria e incredulidade.

Beijamo-nos apaixonadamente, como se o mundo acabasse amanhã, um beijo típico da adolescência, longo, intenso e desenfreado, até ela o interromper e olhar de forma séria para mim, dizendo:

— Mas só se nos pudermos casar na Sé de Lisboa! — ri-se vitoriosa, sabendo que eu nunca conseguiria contrariar uma vontade tão intensa.

Tiro a minha máquina fotográfica e fotografo aquele momento, permitindo que fique eternizado.

Capítulo 9

Mariana, 15 anos

Agosto de 2007

Deambulamos pela Feira de Corroios na última semana de agosto, como já é habitual para os habitantes do concelho de Almada e do Seixal. Neste ano, viemos especificamente para ouvir o concerto do André Sardet, que irá atuar esta noite. Chegamos relativamente cedo, dando tempo para passearmos pela feira antes do concerto. Andamos de carrinhos de choque, comemos churros, eu sujo a minha blusa com um pouco de chocolate, fazendo o Alex rir-se de mim por eu ser tão ou mais desastrada do que uma criança, observamos os vários quiosques de venda de artesanato, doces caseiros e cruzamo-nos com alguns colegas da escola.

Quando nos começamos a dirigir para o recinto onde está montado o palco principal e em que irá acontecer a atuação da noite, somos intercetados por uma senhora que nos estende a sua mão dizendo que lê a sina por um euro.

Tenho vontade de rir assim que ela diz o preço. Penso que deve ser uma leitura bastante bem feita, se o preço é assim tão baixo. Por outro lado, sempre tive curiosidade em saber o futuro, por isso começo a retirar a minha carteira e dou-lhe um euro.

O Alex olha para mim com um ar reprovador, enquanto a cigana guarda a moeda que lhe dei numa bolsa que traz à cintura.

— Tens medo de arriscar? — pergunto ao Alex, em resposta ao seu ar recriminatório.

— O futuro não é nosso para o sabermos.

— Não sejas assim, Lex! Anda lá... Achas mesmo que ela nos vai ler o futuro? — sussurro com desdém na direção dele, de modo que ela não oiça. Ela não ouve o meu comentário, mas puxa a minha mão na direção dela, fixando o olhar concentrado na minha palma.

— Está bem... — concorda ele, após alguns segundos, começando também a reunir várias moedas que totalizem um euro.

— Hum... — murmura a cigana, de sobrolho franzido, antes de continuar a observar a minha mão —, estou aqui a ver que irá perder algo valioso brevemente.

— Algo valioso? — Com a minha outra mão, apresso-me a apalpar o meu

telemóvel e carteira, não vá ela ter razão e perder realmente algo valioso neste preciso momento.

Verifico que tenho tudo na mala que trago a tiracolo.

— Sim, é algo que lhe vai trazer sofrimento, mas também a fará crescer e amadurecer. Terá de ter paciência e força — acrescenta, olhando-me agora nos olhos e revelando um ar mais enigmático do que há poucos minutos, quando nos interpelou.

Paciência é algo que nunca me assistiu. Gosto de ter as coisas depressa, sem ter de esperar muito por elas. De qualquer modo, não consigo interpretar os comentários crípticos que faz ao olhar para a minha mão, nem me parece que façam qualquer sentido. Escolho ignorá-los, tendo em conta que sou e serei sempre uma cética e apenas alinhei nesta leitura da mão, porque achei engraçado, não por considerar que nos pudesse dizer algo revelador.

Coloco a mão para baixo e vejo-a a segurar agora na mão do Alex, aparentando fazer um esforço maior do que fez comigo para a interpretar. Ela pisca os olhos, volta a piscar e parece precisar de óculos de ver ao perto, tendo em conta as expressões que faz enquanto olha para a mão dele, como se estivesse a ver um filme sem legendas.

— O que vê? — pergunta-lhe ele, intrigado com as expressões dela, tal como eu.

— Estava a tentar perceber ao certo... — responde-lhe —, mas no seu caso a visão é mais clara. Vai perder a coisa mais valiosa da sua vida — diz-lhe em tom profético, não querendo desvendar mais nada nem explicando o que quer dizer com aquilo.

Solta-lhe a mão de repente, como se estivesse arrependida de nos ter abordado, como se tivesse ficado de algum modo perturbada com o que viu e como se todo este seu esforço não valesse o mísero euro que cada um de nós lhe pagou.

— Então, os nossos destinos são iguais? Vamos ambos perder coisas? — pergunto, já em modo trocista, fazendo a mulher levantar os olhos e olhar diretamente nos meus.

— Eu nunca falei em *coisas* — vocifera com um ar ofendido, aproveitando para se afastar de nós, sem nos dar mais explicações.

— Bem, ao menos foram só dois euros. Que leitura de sina mais marada... — comento, tentando abstrair-me ao máximo deste episódio estranho.

— Deixa lá isso. Vamos procurar um lugar para nos sentarmos? — Entrelaça a sua mão na minha, a que acabou de ser manuseada pela mulher.

Escolhemos um sítio mais ou menos recatado e longe da confusão, mas com

vista para o palco e no qual conseguimos ainda ver bem as atuações. Sentamo-nos no chão de relva e, apesar de ser agosto, já se começa a sentir uma aragem por ser de noite. Abraçamo-nos um ao outro, para preservarmos o calor dos nossos corpos.

— Estás a ver aquela constelação ali, a mais pequenina de todas? É a Ursa Menor. Lembras-te de quando fomos ao planetário no sétimo ano e nos disseram que a última estrela da cauda da Ursa Menor se chama Estrela Polar, porque indica sempre a direção do Polo Norte da Terra?

— Lembro-me perfeitamente. E também disseram que é a estrela mais brilhante, mas mentiram.

— O quê? — Olho para ele com indignação.

— Sim... até pode ser a estrela mais visível, mas não é a mais brilhante. A mais brilhante está aqui, nos meus braços — diz-me, a sorrir.

— Tu és mesmo foleiro — comento a rir-me, enquanto lhe dou um beijo no queixo.

— Nem consigo acreditar que agora és minha noiva... Já contei à minha mãe, sabias? — pergunta-me, surpreendendo-me.

— A sério? E que disse ela? — questiono, simultaneamente nervosa e entusiasmada.

— Ficou radiante. Disse-me que depois temos de ir a Madrid de propósito para ela comprar um vestido... — comenta, num tom mais triste do que seria expectável, tendo em conta o assunto. — Não sei até que ponto é que isso seria possível, nem se só me estava a dizer aquilo para me alegrar, mas o que interessa é que ficou mesmo feliz por mim... por nós. A minha mãe adora-te e sabe quanto eu te amo.

— Eu também te amo. E mal posso esperar por me casar contigo.

— Ouve, em relação a isso, estive a pensar e... não percebo porque temos de esperar — diz ao meu ouvido.

— Como assim? Somos menores... Eu ainda só tenho quinze anos. Quer dizer, quase dezasseis, é verdade. Mas ainda assim, faltam dois anos para sermos maiores de idade.

— Eu sei, mas há uma maneira.

— Que queres dizer?

— Então é assim... Eu estive a pesquisar na Internet e descobri que, de acordo com a lei portuguesa, a idade núbil são os dezasseis anos. Isto é, podemos casar-nos aos dezasseis anos e ficar emancipados.

— O quê? Alex, mas somos muito novos... Porque haveríamos de fazer isso já?

— Não tens a certeza de que queres casar comigo?

— Não, não tem nada que ver com isso... Claro que tenho a certeza — asseguro-lhe, embora continue a achar a ideia absurda.

— Então, porquê esperar? — fita-me intensamente.

Não tenho argumentos para lhe dar. No meu âmagô, sinto que está certo, que não irei mudar de ideias, independentemente da idade. Mas ainda assim, tudo me parece um devaneio demasiado louco.

— A realidade é que... não sei se a minha mãe aguentará tanto tempo — acrescenta, com os olhos mais brilhantes assim que acaba de falar.

Arrepio-me com aquela frase, com a verbalização daquele pensamento. Percebo totalmente a sua preocupação, assim como o desejo de que a mãe assista ao nosso casamento. E a realidade é que a sua mobilidade e condição física tem piorado com o passar do tempo. Não sei até que ponto é que conseguiria estar presente, se esperássemos até fazermos dezoito anos.

— Eu percebo, Alex. Também gostaria muito que ela estivesse connosco e assistisse ao nosso casamento — reflito, fitando-o. Uma pequena lágrima escorre-lhe pelo canto do olho.

Tudo isto me parece surreal, mas, ao mesmo tempo, concordo com o que ele diz. Se temos a certeza de uma coisa, se sabemos que queremos algo, porque haveremos de esperar? Apenas por não ser o mais comum? Por causa de convenções sociais? Porque somos muito jovens? Em circunstâncias normais, preferiria esperar até sermos maiores de idade, mas, neste caso, temos uma boa justificação para querermos antecipar tudo.

— Então e se casássemos, seríamos considerados maiores? Não precisaríamos da autorização dos nossos pais? Não acredito que os meus pais fossem concordar com nada disto.

— Não seríamos considerados maiores, mas sim «menores emancipados», que é basicamente a mesma coisa, mas com outro termo. Pelo que percebi, seria necessário que os nossos pais dessem a sua autorização para o casamento, mas há a possibilidade de o conservador do registo civil suprir essa autorização.

— Como? — Sinto-me intrigada com tudo o que me acaba de dizer e fico confusa ao não perceber ao certo como as coisas se processam.

— Se houver razões ponderosas que justifiquem a celebração do casamento e tivermos suficiente maturidade física e psíquica.

— E o que são consideradas «razões ponderosas»?

— Não sei..., mas talvez pudéssemos alegar e demonstrar que a minha mãe está doente e que não sabemos até que ponto poderá assistir ao nosso casamento, se esperarmos muito.

Sinto-me cada vez mais convencida em relação àquela ideia, como se, quanto mais pensasse nela, menos descabida e mais certa me parecesse.

— Mas também li que, caso não tenha existido autorização nem esse suprimento pelo conservador, podemos casar-nos à mesma, mas a emancipação não é plena e não temos capacidade de exercício para administrar os nossos bens até à maioridade... Continuariam a ser administrados pelos nossos pais.

— Eu não quero saber dos bens..., mas como poderíamos casar sem autorização dos nossos pais, Alex? Eu nem conta no banco tenho, são os meus pais que me dão uma semanada para eu gastar na escola e comprar senhas de almoço. Sempre que preciso de comprar alguma coisa, vamos ao *shopping* e a minha mãe paga-mas. Como poderíamos sequer pagar o registo na Conservatória, sem eles saberem? E depois, onde íamos morar?

— Tenho a certeza de que podíamos morar na minha casa. É demasiado grande para tão poucas pessoas, de qualquer modo. Arranjávamos maneira. Mas não temos de fazer isto às escondidas. Podemos falar com os teus pais e dizer-lhes que nos amamos. Achas que eles não iam perceber?

— Não acredito que os meus pais me deixassem fazer uma coisa destas. Eles veem-me como um bebé. Tal como te disse, nem sequer tenho conta bancária. Dizem-me que só aos dezoito anos é que faz sentido começar a ter o meu dinheiro no banco.

— Mas tens algum dinheiro guardado? — questiona-me ele, acrescentando em seguida, sem me deixar responder: — Se não tiveres, não há problema. Eu tenho que sobre. Acredita: dinheiro não é um problema.

Suspiro, ansiosa com este chorrilho de novas informações e por me dar conta de que vou ter de falar com os meus pais, mesmo antecipando quais serão as respostas deles.

O tempo passa a voar e, quando dou por mim, o André Sardet canta «Foi Feitiço» enquanto olhamos um para o outro nos olhos e nos perdemos no feitiço um do outro.

— Como é que o André Sardet sabe o que estou a sentir neste momento? A realidade é que não sei bem o que me aconteceu para gostar tanto assim de alguém como tu... — ele trauteia a canção, enquanto me beija uma vez mais, iluminados pela Lua e pelas estrelas.

Capítulo 10

Mariana, 15 anos

Setembro de 2007

Escusado será dizer que a conversa com os meus pais correu mal. Aliás, mal é um eufemismo, sendo *pessimamente* a melhor palavra para a descrever. Houve gritos, portas a bater e, claro, choro.

— Estás doida, Mariana? Tens quinze anos, sabes lá o que queres daqui a cinco ou dez anos! Queres ser divorciada com vinte e cinco anos?

— Por que razão é que haveria de ser divorciada com vinte e cinco anos? Porque estás a assumir que as coisas vão correr mal?

— Porque nenhum namoro aos quinze anos dura uma vida inteira! Tens a vida toda pela frente. Hoje, podes achar que te vais sentir assim para sempre, mas é mentira! Vais conhecer dezenas de pessoas interessantes ao longo da tua vida que vão pôr este amor de escola a um canto.

— Vocês conheceram-se com vinte anos! Qual é a diferença entre ter quinze anos e ter *a certeza* do que sinto e do que *quero* ou ter vinte anos?

— Faz muita diferença, acredita! Porque não confias em nós quando te dizemos que te vais arrepender de tomar essa decisão tão cedo? Porque não namoram e se casam mais tarde? Para quê essa ideia maluca de se casarem agora?

— Porquê deixar para depois o que sabemos que vamos querer fazer no futuro? Não foram vocês que me disseram sempre que não devo deixar para amanhã o que posso fazer hoje? — vocífero, angustiada.

— Não é a mesma coisa, Mariana. Isto é uma decisão que apenas podes tomar quando és adulta.

— Não há de ser bem assim, tendo em conta que a lei portuguesa nos permite casar e emancipar-nos antes de sermos adultos!

A minha mãe coloca as mãos na cabeça, um gesto que lhe reconheço por ser habitual quando está prestes a perder a paciência.

— Vocês não percebem. A mãe do Alex... ela está muito mal. Nós sabemos o que queremos e queremos casar. Queremos que ela esteja presente no casamento, que faça parte deste momento connosco.

— Mariana, não podemos tomar este tipo de decisões precipitadamente. Este não é um assunto que se trate à pressa.

— Fala o rei da pressa, que põe tudo em primeiro lugar antes da família! — grito ao meu pai, querendo atingi-lo por estar a ser tão hipócrita.

— Eu não te admito! — responde-me, num tom mais elevado do que o meu e com os olhos arregalados.

— Eu já percebi o que te preocupa, pai! O que te preocupa é que a filha do Sr. Presidente da Câmara seja uma revolucionária que casa aos dezasseis anos à revelia dos pais! Que ia dizer a cidade se este escândalo viesse a público? É só isso que te interessa, não o que eu sinto!

Sinto a mão dele na minha cara antes de terminar de dizer tudo o que estou a pensar. Provavelmente mereço-o, porque desrespeitei o meu pai e dei a entender que ele apenas se preocupa com a opinião pública e não com os meus sentimentos. Mas sinto que neste momento ninguém me percebe, ninguém percebe o que sentimos, nem que é extremamente importante para nós que a mãe do Alex esteja presente, quase como se pressentíssemos que, se esperarmos, não conseguiremos que ela assista ao nosso casamento.

Capítulo 11

Mariana, 16 anos

Setembro de 2007

Tive de mentir aos meus pais, mas foi por um bom motivo. Afinal, só se faz dezasseis anos, e só se é adolescente, uma vez na vida. Se não lhes mentir agora, quando é que o farei? A mentira é que, para celebrar o meu aniversário, vou fazer a minha festa em modo «festa de pijama» com as minhas *amigas* na casa de uma delas, visto que o meu pai é totalmente avesso a ter raparigas a acampar na sala de estar.

Onde já se viu a sala de estar do Presidente da Câmara ser invadida por um grupo de adolescentes? Claro que os meus pais não desconfiam que o plano real é ir com o Alex a um bar em Almada Velha, o Manecas, e depois dormir na casa dele.

Nunca comentei com os meus pais que não tenho propriamente amigas na escola, que o meu único e verdadeiro amigo é o Alex; não só porque não tenho este nível de comunicação e intimidade com eles, mas também porque calculei que fosse uma salvaguarda não me abrir em relação a este aspeto. Talvez me pudesse dar jeito, o que acabou por se verificar hoje, em que me dá de facto jeito utilizar estas amigas imaginárias como bode expiatório para não dormir em casa.

Dei um número de telefone à minha mãe, caso precisasse de falar com a mãe da minha amiga, que neste caso é a mãe do Alex e que está conivente com o nosso plano. Caso esteja a dormir, a Júlia vai assegurar que a chamada é atendida e está encarregada de dizer que está tudo a correr bem e que nos estamos a divertir muito. Mas a realidade é que a minha mãe não vai ligar, por isso não estou nervosa em relação a isso. Nunca lhe passaria pela cabeça que eu lhe pudesse mentir, não foi assim que fui educada.

Mas estou nervosa. Aliás, dizer que estou nervosa é um eufemismo. Estou a tremer por todos os lados! Não sei exatamente o que vai ou poderá acontecer esta noite. Sei que o Alex é o rapaz com quem quero perder a virgindade, logo não considero que o momento em que isso acontece seja o mais determinante na nossa história. Não vejo qualquer possibilidade de isso poder acontecer com outra pessoa e se por acaso chegarmos a esse ponto esta noite, não vou criar obstáculos. Há muito tempo que o desejo e sei que o amo.

Quando chegamos ao Manecas, deparamos com o seguinte facto: está lá toda a nossa turma, inclusivamente a Patrícia, que desafia os colegas a beber *shots*. A maioria já parece estar embriagada. É certo que o Manecas é o bar mais conhecido de Almada e onde, inevitavelmente, todos nós acabamos por vir para beber alguma coisa, especialmente porque ninguém verifica a idade no Bilhete de Identidade. Ainda assim, não esperava encontrar toda a gente aqui hoje.

Assim que a Patrícia nos vê entrar, fulmina-me com o olhar. Talvez por não me esperar ver ali. Confesso que não venho cá muitas vezes, até porque os meus pais não acham piada a que saia à noite, e o meu recolher obrigatório é sempre, impreterivelmente, às onze da noite — à exceção de hoje, em que estou totalmente à vontade.

— Olhem quem são eles, os nossos colegas namoradinhos! — grita com as faces rosadas, enquanto emborca o seu *shot*. — Manecas, manda vir uma rodada de absinto para a minha amiga — dirige-se explicitamente a mim, embora eu não seja sua amiga e toda a gente o saiba.

— Obrigada pela generosa oferta, mas não queremos — respondo-lhe, falando por ambos, com um sorriso cínico.

— A sério que me vão fazer essa desfeita na primeira visita dos pombinhos ao bar? — questiona, com um ar lânguido. — Manecas, manda antes vir dois de pastel de nata, aqui para os fraquinhos...

— Pastel de nata parece-me preferível a absinto... — comenta o Alex ao meu ouvido. A mim, tudo me parece terrível, porque a única coisa que já bebi foi vinho do Porto na ceia de Natal, e odiei.

Os nossos *shots* chegam juntamente com os dos nossos colegas, numa bandeja gigante que traz todos os copos a tilintar e a tremeluzir devido ao reflexo das luzes do bar no líquido do álcool. Os nossos dois *shots* são facilmente reconhecíveis, porque têm canela por cima, assemelhando-se a um verdadeiro pastel de nata.

— Agora, assim que colocares o copo na boca, tens de beber tudo de um trago e não aos goles, OK? — diz-me o Lex, com um ar sério, como se fosse um professor. Dá-me vontade de rir tendo em conta as circunstâncias de me estar a iniciar no mundo do álcool.

Pego no copo com receio de passar figuras e porque, instintivamente, temos a tendência de dar vários goles numa bebida, mas tento mentalizar-me do que tenho de fazer, repetindo para mim mesma: «Só um gole, só um gole.» Sorvo o líquido do pequeno copo, engolindo tudo de uma vez. Poucos segundos depois, a minha garganta arde e sinto um sabor a canela insuportável. Fico toda vermelha devido ao fervor que se apodera do meu esófago.

— Então, gostaste? — pergunta o Alex.

A Patrícia olha de lado para nós. Sinto que está a tentar apanhar o que quer que seja para implicar comigo e ter um motivo para trocar de mim.

— Mais ou menos... Nem sequer consegui sentir o sabor. Só me sabe a canela.

— Agora, vamos mandar vir uma rodada de *shots* de tequila para todos. Ainda se aguentam, vocês? Ou já está na hora de ir dormir? — pergunta a Patrícia, naquele tom provocador e trocista que lhe é característico.

— Estou pronta para *shots* de tequila — respondo-lhe, sem medo.

— Ei, não te deixes influenciar por causa dela... Não precisas de beber se não quiseres — sussurra-me o Alex.

— Já devias saber que só faço o que quero e que não me deixo influenciar — respondo-lhe.

Ele sorri-me, concordando comigo e avisando os colegas de que são dois *shots* de tequila para nós. O processo dos *shots* de tequila é ainda mais complexo. Temos de colocar sal na mão, lambe o mesmo, beber o *shot* e morder uma rodela de limão. O que me vale é que estamos todos a fazer esse processo e não há ninguém focado em mim nem nos meus movimentos atabalhoados enquanto mudo do sal para o *shot* e para o limão. O efeito após o *shot* de tequila é ainda mais intenso do que o de pastel de nata, que me queima a garganta e me sobe à cabeça, ao ponto de me deixar com a visão turva. Para quem nunca bebeu nada, o efeito de dois *shots* é o suficiente para me deixar assim.

O processo repete-se talvez mais duas vezes e, quando me levanto do sítio onde estava sentada, cambaleio com uma pequena tontura. As mãos do Alex rodeiam-me e sinto-me automaticamente protegida. Ignoro os risos que oiço dos meus colegas, que neste momento da noite me parecem guinchos insignificantes. Oiço qualquer coisa como «vamos andando, porque já bebemos demasiado» e encaminho-me nos seus braços para o exterior.

O bar fica a escassos metros do Elevador da Boca do Vento, em Almada Velha, o *nosso* sítio. Talvez não onde tudo começou, porque considero que a nossa história começou muito antes, mas será sempre nosso, por partilharmos aqui tantas memórias. Seguimos naquela direção e não para a casa do Alex. Hoje, a noite é só nossa, não temos hora de chegar a casa, porque a casa do Alex não é controlada ao minuto, como a minha. Não estou sóbria, mas também não estou bêbeda.

Descemos a rampa do Olho de Boi até à Rua do Ginjal. A brisa refresca-nos a cara e todas as superfícies descobertas do nosso corpo, deixando-nos um pouco mais lúcidos à medida que avançamos pelo caminho. Não somos os únicos que fazem este percurso. Almada Velha tem mais vida de noite do que de dia. Aqui,

encontram-se vários tipos de pessoas, de jovens namorados até drogados e mendigos, que se escondem na penumbra.

— «Tu estás livre e eu estou livre e há uma noite p'ra passar...» — começo a cantar, um pouco mais alegre do que o normal, uma das minhas músicas favoritas do António Variações. Estou totalmente alheada do que me rodeia. Não tenho medo de nada e sinto-me invencível ao longo do percurso mal iluminado.

— «Vem que o amor não é o tempo nem é o tempo que o faz...» — trauteia o Alex o refrão, desafinando e deixando-me ainda mais alegre do que há alguns minutos. Chegados à zona da relva, sentamo-nos no chão, ele atrás e eu à sua frente, encaixada nas suas pernas como se fôssemos ambos a face da mesma moeda.

Pouco tempo depois de nos sentarmos, quebra o silêncio dizendo que tem uma prenda para mim.

— Não achavas que ia deixar passar a oportunidade de te dar um presente no teu décimo sexto aniversário, pois não? — pergunta, como se aquela ideia fosse totalmente descabida.

Está uma noite serena de setembro e as águas do rio Tejo refletem a luz suave da Lua, quando o Alex retira do bolso uma pequena caixa de veludo vermelha do seu casaco.

— Alex, que é isto? — pergunto-lhe numa voz um pouco abafada e quase emocionada por ver aquela caixa, desconfiando do que poderá lá estar dentro.

Ele sorri nervosamente.

— Feliz aniversário, minha noiva — diz ele, estendendo a caixa para mim.

Desfaço o laço da pequena caixa com cuidado, revelando um colar de ouro com uma pequena pedra vermelha em forma de coração, que, mesmo naquele ambiente pouco iluminado, reluz à luz da Lua. Coloco a mão na boca ao observar o seu esplendor.

— É lindo, Alex! Nem sei como agradecer... Muito obrigada! — exclamo, admirando a joia reluzente.

Ele pega no colar, para mo colocar à volta do pescoço, mas antes mostra-me um pequeno compartimento secreto na parte de trás da caixa.

— Há mais uma coisa... — sussurra, revelando um anel parecido com o colar, com um pequeno coração vermelho ao centro.

— Não acredito... — murmuro.

O Alex assente.

— Onde é que já se viu uma noiva sem o seu anel? Já era para to ter dado antes, mas queria fazer-te esta surpresa. O colar é uma prenda de aniversário, o anel é para selar o nosso compromisso. É o teu anel de noivado.

Com delicadeza, ele desliza o anel no meu dedo anelar, olhando-me nos olhos.

— Este anel representa a minha promessa de amor eterno. Aconteça o que acontecer, serás sempre tu o meu grande amor.

— Eu amo-te, Alex. Este é o presente mais incrível de todos — digo-lhe, emocionada.

Finalmente coloca-me também o colar à volta do pescoço e sinto-me a pessoa mais feliz e requintada do mundo. Nunca vi um conjunto de joias tão deslumbrante.

Sob a luz da Lua e ao som suave da rebentação do rio, partilhamos um momento só nosso e tão especial que marca não apenas o meu aniversário, como o início do resto da nossa vida.

Ficamos alguns segundos — ou minutos, torna-se difícil precisar — em silêncio, até sentir os seus lábios na minha orelha, beijando-a e arrepiando-me. Sinto os arrepios essencialmente na zona dos joelhos, que se estendem até à ponta dos meus pés. Faço um movimento um pouco brusco, para me virar para ele e acabo por ficar em cima dele. Olho para os seus olhos, que, por entre as sombras do morro e da parca iluminação, parecem escuros. Nesta luminosidade, ninguém diria que os seus olhos têm uma tonalidade dourada, lembrando os potes de mel à venda no supermercado.

Coloco as minhas pernas em volta do seu tronco e inclino-me na direção dos seus lábios, os mesmos que despertam em mim uma sensação eletrizante e que ainda há segundos me arrepiaram até à ponta dos dedos. As suas ancas encaixam perfeitamente entre as minhas pernas.

Beijo-o intensamente, querendo devorá-lo num só beijo. Esqueço-me de onde estou, e inclusivamente de quem sou, na dimensão daquele momento. Precisamos apenas disto para sermos felizes, como se a nossa fome um do outro fosse insaciável.

— Estamos sozinhos? — pergunta-me ele, num sussurro abafado, retirando-me do meu torpor e lembrando-me de que sou a Mariana, faço hoje dezasseis anos e estou no Jardim do Rio com o meu *noivo*.

— Acho que sim — balbucio, após olhar em volta e não ver ninguém por perto.

Ele engole em seco, observando os meus movimentos lentos, enquanto volto à posição em que estava antes da sua interrupção, e perco-me novamente no seu beijo. Sinto a mão que estava nas minhas costas a mover-se para cima, no sentido do meu sutiã. Percorre o rebordo para apalpar o meu seio. Interrompo o beijo e fico a olhar para ele, que me fita com uma expressão preocupada, como se tivesse ido longe de mais.

— Está tudo bem, podes continuar — confirmo-lhe.

Desta vez, coloca a mão por baixo do meu sutiã e massaja-me delicadamente o mamilo, levando a que eu solte um gemido baixo, que não sabia ser possível sair de mim. Quem é esta pessoa? Quem sou eu?

— Quero-te tanto, nem imaginas — vocifera ele, numa voz mais grossa e mais profunda do que a que lhe conheço.

— Por acaso, acho que imagino — comento, sentindo-me atrevida o suficiente para avançar para a braguilha das suas calças.

Ficamos horas a conhecer-nos com as mãos, a conhecer uma nova realidade da nossa existência. Nunca tinha tocado assim em ninguém e também nunca tinha sido tocada. Mas o seu toque não me assusta nem me aflige, não me deixa preocupada. Pelo contrário, sinto vontade de continuar e conhecer mais desta nossa realidade. Quero descobrir com ele tudo o que me falta descobrir.

Sinto-lhe o volume no interior das calças e movo-me contra o mesmo, pressionando-me contra ele. Nem sei ao certo o que estamos a *fazer*, neste jardim às escuras atrás de uma árvore. Somos simplesmente guiados pelo instinto. A nossa respiração é pesada e, apesar de ser de noite, sinto o suor a começar a colar-se à minha nuca. Sei que isto é quase como estarmos a fazer sexo, apenas temos a barreira das roupas entre nós, porque senão...

Assusto-me quando oiço algumas vozes ao longe, colocando a cabeça para cima enquanto saio do meu torpor.

— Vamos para minha casa? — questiona ele, vendo o relógio que aponta serem quatro da manhã.

Anuo e apresso-me a levantar-me. Sei que a sugestão dele é o curso normal das coisas e era já o que estava combinado desde o início da noite, mas depois das últimas horas, sinto um fervor no coração que precisa de ser acalmado.

Contrariamente ao que sentia antes, já não estou nervosa. Sinto apenas ansiedade, porque quero continuar isto e sei que não vou conseguir dormir com ele sem continuarmos o que estávamos a fazer.

Capítulo 12

Mariana, 16 anos

Setembro de 2007

Quando chegamos à casa do Alex, já estamos bastante sóbrios. Fomos a pé desde o Jardim do Rio até ao seu prédio, perto da Praça São João Baptista, uma distância relativamente próxima, mas suficiente para nos limpar todos os vestígios de álcool do sangue. O meu cabelo está despenteado, quer da caminhada, quer das últimas horas em que estivemos enrolados na relva. Ele tem os caracóis loiros revoltos e as suas faces estão ainda mais ruborizadas do que é costume.

Entreolhamo-nos no elevador, bastante tímidos, como se aquelas duas pessoas que se devoraram na relva não fôssemos nós e sim dois alter egos, que decidiram aparecer na escuridão. Agora, à luz do elevador, é como se não tivéssemos sido nós. Quero voltar a ser aquela miúda destemida que o apalpou por cima dos boxers e se friccionou contra o seu tronco, mas não sei ao certo como.

Entramos no apartamento dele, tentando fazer o mínimo barulho possível. Tiramos os sapatos e calçamos dois pares de chinelos, estrategicamente posicionados à entrada, como se ele tivesse pensado em tudo antes de sair de casa.

— Podes ir andando para o meu quarto. Vou só ao quarto da minha mãe ver se ela está bem — sussurra-me.

Encaminho-me para o quarto dele, encostando a porta, mas sem a fechar, para não fazer barulho. Tiro a minha mala de tiracolo e coloco-a em cima da secretária.

O quarto está imerso na escuridão, apenas iluminado pela Lua que espreita no céu do lado de fora e pelos candeeiros de rua, ainda acesos a esta hora da madrugada.

Em cima da sua cama está uma *T-shirt* dobrada com o Monstro das Bolachas em versão Darth Vader e com uma mensagem que diz «*join the darkside, we have cookies*». Rio-me e visto-a, sentindo o seu cheiro agarrado, o que me acelera de imediato o coração. Depois, deito-me na cama dele e espero que chegue.

Vejo o meu telemóvel, com uma mensagem da minha mãe de há duas horas.

«Espero que se estejam a divertir! Beijinho de parabéns da mãe!»

A minha mãe matava-me se soubesse quão divertida está a ser esta noite. Solto um risinho, precisamente quando o Alex entra no quarto.

— Está tudo bem? — pergunto-lhe muito baixinho, quase num sussurro.

— Está. A minha mãe está a dormir profundamente. E tu, estás bem? Vejo que me roubaste o pijama.

— Achado não é roubado — respondo-lhe a sorrir.

— Não faz mal, também está demasiado calor para dormir vestido.

Arregalo os olhos ao ouvir a sua afirmação, observando-o quando começa a despir a *T-shirt* e as calças, ficando apenas de boxers, em tronco nu.

Sei que já lhe toquei naqueles boxers, mas a sensação é diferente agora que o consigo ver praticamente sem roupa. É diferente observá-lo ou senti-lo.

— Anda cá... — digo-lhe, incitando-o a deitar-se junto a mim. Começa por me abraçar por trás, na posição de conchinha e coloco o seu braço a envolver o meu corpo, tentando evitar ao máximo que sinta o meu batimento cardíaco. Oiço o batimento do meu coração nos ouvidos e tenho receio de que ele também o consiga ouvir. Parece-me quase impossível que ele não oiça ou não sinta o meu coração palpitante que quase me salta do peito, implorando para que continuemos o que começámos no jardim.

— Estás nervosa? — Aqui está a confirmação de como o meu batimento me atraíçoo, denunciando simultaneamente o meu pânico e a minha excitação.

Viro-me calmamente, ficando de frente para ele, enquanto permanecemos deitados.

— Sinto-me sempre nervosa quando estou ao pé de ti — confesso-lhe, relativizando o nervosismo que sinto neste momento. — Há bocado, só não estava nervosa, porque o álcool me toldou um bocado os sentidos.

— Não precisas de estar nervosa comigo... nem temos de pensar no que aconteceu há bocado. Podemos ir só dormir.

Eu queria mais do que tinha experimentado. Sentia-me insatisfeita por aquele nosso momento ter sido interrompido. Queria voltar a sentir aquele calor no meio das pernas e o seu pénis encostado a mim e agora estávamos ainda com menos roupa do que há pouco.

— Eu não quero ir dormir... Quero continuar o que estávamos a fazer — digo-lhe, olhando-o nos olhos. Na penumbra do seu quarto, apenas com a luminosidade dos candeeiros da rua, sinto-me corajosa e ousada o suficiente para lhe confessar o que sinto.

— Acho que já aconteceram demasiadas novidades esta noite...

— E eu acho que a aniversariante sou eu, por isso eu é que digo quando é que já chega de novidades.

— Eu acho que tu já não és aniversariante. Já são quatro e meia da manhã. — Ri-se, porque sabe que me apanhou. Mas eu também sei que ele quer isto tanto quanto eu.

Estico-me e beijo-o, colocando a minha mão no seu peito, sentindo o seu coração, que, embora não tão acelerado como o meu, está agitado.

Sinto-me mais confiante por saber que não sou a única a sentir-me assim, totalmente vulnerável e desejosa que me toque mais vezes. A minha *T-shirt*, que na realidade é a *T-shirt* dele, apenas me cobre a barriga, deixando-me praticamente de cuecas na sua cama. Debaixo do edredão, ele coloca os seus dedos no rebordo da minha roupa interior, sentindo a renda à volta do algodão. Não faz mais nenhum movimento, mas fica a olhar para mim, com aquele olhar que dispensa palavras e me pede silenciosamente permissão para avançar. Respondo-lhe também de forma silenciosa, com um beijo prolongado nos lábios, enquanto a minha mão que se situa no peito dele começa a descer pelos seus abdominais e pela sua barriga.

Sinto-o a estremecer sob a minha mão e, quando chego lá, sinto a sua excitação cada vez mais protuberante. Toco-lhe sem pudores, seguindo o meu instinto, sem questionar se estou a fazer alguma coisa mal. Avalio os meus movimentos tendo em conta as suas reações, com gemidos e suspiros. Vou ficando mais desinibida ao sentir que ele está a gostar do que lhe estou a fazer. Também ele perde o receio de me magoar e coloca a sua mão por baixo da minha roupa interior, tocando-me intimamente, primeiro um pouco ao de leve, enquanto perscruta a minha reação.

Volto a cruzar olhares com ele, abanando a cabeça num gesto que diz sim, garantindo-lhe que sim. Penso que chego mesmo a vociferar esse sim.

Quando toca o meu interior, reviro os olhos de prazer. Nunca senti nada como isto. Beijamo-nos e sentimo-nos um ao outro na ponta dos dedos durante minutos, até sentirmos que o que temos não é suficiente e que queremos ainda mais. Dispo a minha *T-shirt* e tiro a roupa interior, ficando totalmente nua nos seus lençóis, à sua mercê.

— Tens a certeza? — Quebra o silêncio do quarto num sussurro lânguido. Sei que, se lhe dissesse que não tinha a certeza, ficaríamos por aqui e nada mudaria entre nós, mas eu tenho a certeza. Tenho a certeza de que o quero, agora e para sempre.

— Nunca tive tanta certeza na minha vida — respondo-lhe, entre beijos.

Ele afasta-se de mim o tempo suficiente para alcançar algo na gaveta da sua mesa de cabeceira, que calculo ser um preservativo pelo barulho do plástico do invólucro, que ouço a quebrar.

Quando se vira na minha direção, estou novamente nervosa. Aquele momento de distância física deixa-me a questionar tudo.

Sou demasiado nova. Se acontece alguma coisa, estou lixada. Se os meus pais descobrem, deserdam-me, expulsam-me de casa, vão odiar-me para sempre. Será que é cedo de mais? Vou arrepender-me amanhã?

Consigo ouvir a voz da minha mãe a dizer-me que sou demasiado nova para casar. Por essa ordem de ideias, sou também demasiado nova para fazer sexo.

Contudo, olho para os seus olhos âmbar e todas as minhas dúvidas se dissipam. Amo este rapaz há três anos e tenho a certeza de que, independentemente da nossa idade, não existe nenhuma idade ideal para isto. O que existe é a certeza de ser a pessoa e o momento certos. E esta é a minha pessoa, este é o nosso momento.

— Se te magoar, diz-me imediatamente, OK? — pergunta-me, com os seus olhos inundados de medo de me magoar.

— Sim, não te preocupes. Também é a tua primeira vez, certo?

— Sim, nunca fiz isto com ninguém. Espero não fazer nada errado — confessa-me, num riso nervoso.

Volta a tocar-me intimamente e continuamos o que começámos há pouco. O seu toque relaxa-me de imediato, abstraindo-me de todas as perguntas sem resposta que tendem a formar-se na minha cabeça.

Ele olha para baixo e coloca o seu pénis mesmo à minha entrada. Eu instintivamente abro mais as pernas, para facilitar a situação. Alguns segundos depois, sinto o seu volume, ainda sem entrar. Quando entra, uma dor pungente concentra-se naquela zona. Cerro os olhos com força, esperando que passe.

— Está tudo bem? Queres que pare? — pergunta-me, inseguro e com receio de me estar a magoar.

— Não, continua — asseguro-lhe, com firmeza.

Uma dor lancinante propaga-se por todo o lado numa fração de segundo enquanto ele se insere na totalidade dentro de mim. A dor é forte, mas rápida, e, quando se começa a mexer lentamente, a dor transforma-se numa sensação estranha, um misto de desconforto e prazer simultâneos. À medida que vai continuando a mexer-se dentro de mim, abstraio-me totalmente da dor que sentia ainda há poucos segundos e de repente só consigo sentir prazer. Um dos seus dedos fricciona-me o clitóris, permitindo-me abstrair ao máximo da dor que sinto.

Começo também a mexer-me de forma mais rápida e ritmada, num movimento instintivo e animal que não sei de onde vem. Não sei ao certo o que tenho de fazer, mas é inato e espontâneo. Entrelaço as minhas pernas uma na

outra à volta do seu tronco e querendo mais do que ele me está a dar.

— Amo-te tanto, Alex. — Não é a primeira vez que o digo, mas sinto-me tão envolvida por este momento, que não aguento não verbalizar isto. Sinto-o há tanto tempo e quero que ele saiba uma vez mais que o amo. É isso que sinto e sei que a idade é irrelevante. Tenho a certeza de que o que nós temos é amor.

— Eu também te amo, Mariana — responde-me, olhando-me nos olhos e começando em seguida a devorar novamente a minha boca.

Puxo-lhe o cabelo e movimento-me cada vez com mais velocidade ao ritmo do seu corpo. Entrego-me totalmente a este momento só nosso, até que sinto algo que nunca senti antes, uma transcendência, uma ausência de pensamento, uma sensação que me preenche como nunca nada me preencheu antes. Dura uns segundos, nos quais sinto uma explosão interior. Depois, tudo para de repente e volto a sentir alguma dor. É quando me dou conta de que tive um orgasmo — o meu primeiro orgasmo. Foi incrível e indescritível.

Oíço os gemidos baixos e abafados dele e sinto o seu pénis a pulsar dentro de mim, sinal de que também ele atingiu o clímax.

Ele para os seus movimentos e continua ofegante em cima de mim. Beija-me o pescoço pegajoso de suor e, em circunstâncias normais, isso poderia parecer nojento, mas neste momento é uma sensação perfeita.

Ficamos colados um ao outro, depois de ele sair de dentro de mim, retirar o preservativo e o deitar fora. Ele afasta-me alguns cabelos da testa, observando-me com um sorriso.

— Como é que foi?

— Incrível...

— Não te doeu muito?

— Mais ou menos. Ao início sim, mas depois... a dor transformou-se em algo bom. Nem sei explicar. Foi ótimo, Alex — asseguro-lhe, continuando colada a ele, enquanto sinto o seu cheiro misturado com o meu.

Perdemos a virgindade juntos.

Amamo-nos.

Tudo é perfeito.

Sou a mulher mais feliz do mundo.

Capítulo 13

Alex, 16 anos

Setembro de 2007

Nada daquilo tinha sido planeado.

É óbvio que, quando a convidei para passar a noite na minha casa, era com dois objetivos: os pais dela não poderem implicar com a hora a que ela chegasse a casa e termos mais privacidade. Tinha a expectativa de, pelo menos, lhe poder tocar nos seios, pelo menos vê-los.

Nunca pensei que pudéssemos perder o controlo e envolver-nos a ponto de perdermos a virgindade esta noite. Tinha pensado em preparar algo mais romântico, algo mais cliché, com velas e pétalas de rosa, de modo que ela se sentisse uma princesa. Não esperava que as coisas escalassem assim. No entanto, não me arrependo de nada. Foi a noite mais incrível da minha vida.

Quando me enrosquei com ela, de pernas e braços entrelaçados, nada mais havia a fazer do que cedermos à tentação de nos termos um ao outro. Os nossos beijos desenfreados eram descontrolados a ponto de os nossos dentes chocarem uns com os outros.

Ficamos colados durante algum tempo, apenas com o lençol por cima de nós, porque a temperatura dos nossos corpos juntos levou a que o meu quarto ficasse um forno, mas pouco tempo depois, volto a tocar-lhe ao de leve num seio e observo a reação do seu mamilo. Percorro o seu corpo com a ponta dos meus dedos até à sua abertura e sinto-a molhada novamente. Quando dou por mim, já estou a abrir outro preservativo e a penetrá-la, como se tivéssemos descoberto a melhor coisa do mundo. E descobrimos.

Quando adormecemos, embrulhados um no outro, já o novo dia amanhece e apesar de as luzes da rua ainda estarem ligadas, o meu relógio da mesa de cabeceira marca seis e meia da manhã. O sol nasce em pouco menos de uma hora e alguns pássaros já se fazem ouvir ao pressentirem o início de um novo dia.

Assim que acordamos na manhã seguinte, voltamos a repetir tudo. Primeiro na minha cama, depois no duche. Depois do almoço, fazemo-lo novamente, desta vez no chão, para não fazermos barulho.

Coloco o edredão no chão e deitamo-nos nele, controlando ao máximo as nossas inspirações e gemidos, para que nem a Júlia nem a minha mãe suspeitem

sobre o que estamos a fazer. Supostamente estaríamos a estudar no meu quarto, apesar de nunca o fazermos. Sei que elas não são burras, mas pelo menos faço os possíveis para não sermos descobertos.

De porta trancada, fazemos amor no chão, com as bocas coladas e os corpos suados. O corpo dela parece ter sido feito para o meu. Estamos de tal modo perfeitos um para o outro que conseguimos atingir o clímax ao mesmo tempo, ou com um desfasamento de poucos segundos. Da última vez que fizemos amor, antes de ela me dizer que tem mesmo de se ir embora, de modo que os pais não desconfiem de nada, ela fica sentada por cima de mim, em posição de lótus. Consigo perceber que esta é a posição que mais a faz sentir tudo, porque coloca a cabeça para trás e geme. Tenho de lhe colocar a mão à frente da boca, para que ela se lembre de que não pode fazer muito barulho para não sermos ouvidos.

Sorve um dos meus dedos quando se vem, o que me faz ejacular de imediato. Por este andar, tenho de ir ainda hoje comprar mais preservativos. Acho que já gastámos metade de uma caixa em menos de doze horas.

À noite, quando me deito, sinto-a intrincada em mim, sinto o seu cheiro ainda a pairar sob as minhas narinas, quase como se pertencesse à minha própria pele, mesmo após tomar duche. Adormeço a pensar que mal posso esperar para me casar com ela e podermos fazer isto a toda a hora, todos os dias.

Capítulo 14

Mariana, 16 anos

Outubro de 2007

Os dias passam a um ritmo alucinante desde a noite em que fiz anos e perdemos a virgindade. Ao longo dos últimos dias, fazemos amor no seu quarto, a seguir ao lanche e com a desculpa de que estamos a fazer trabalhos de casa ou a preparar trabalhos de grupo.

Já tratámos de toda a papelada necessária para a marcação do nosso casamento e só falta mesmo marcarmos o dia na Conservatória de Registo Civil. Decidi que vou avançar, quer os meus pais aceitem, quer não. Embora não seja a solução ideal, é por uma boa causa que o fazemos.

Adoro a Dona Amélia desde o dia em que a ouvi tocar piano. Nessa altura, ainda estava longe de imaginar que pudesse vir a namorar com o Alex, quanto mais ficar noiva dele. Sei que estamos prestes a tomar uma das decisões mais importantes das nossas vidas, mas adorava que ela estivesse presente e que pudéssemos partilhar este momento juntos, para amenizar a dor que o Alex sente por a saúde da mãe se estar a deteriorar cada vez mais.

Embora não goste da ideia de ter de viver às custas da família do Alex, ele garantiu-me que dinheiro não é um problema e que, mesmo sem o apoio dos meus pais, conseguiremos subsistir os dois juntos. A mãe dele é nossa aliada e nunca deixará que nos falte nada.

O plano é mudarmo-nos provisoriamente para a sua casa e depois, quando formos para a universidade, arrendarmos uma casa em Lisboa, para ficarmos mais perto da faculdade.

Está tudo planeado, decorrendo num ritmo perfeito e a uma velocidade estrondosa.

No entanto, num momento toda a nossa vida pode ser virada do avesso. Isso é algo que não temos noção aos dezasseis anos, especialmente quando estamos no auge da felicidade. Interrompendo o alto dos meus dias, a minha sensação de felicidade é violentamente suspensa por uma notícia inesperada, que arruína toda a realidade e todos os planos que delineámos para nós.

Quando entro na primeira aula daquele dia, acho imediatamente estranha a ausência do Alex, porque ele costuma chegar à escola sempre primeiro do que eu.

Além disso, praticamente todas as manhãs, pouco depois de acordar, tenho uma mensagem escrita dele a desejar-me bom dia. Hoje foi um dos poucos dias em que isso não aconteceu. Não valorizei ao início e despachei-me o mais depressa possível para chegar a horas às aulas — uma tarefa complicada para mim, pois engano-me todas as manhãs, prometendo que são apenas mais cinco minutos, que logo se transformam em vinte ou trinta.

Pouco depois de a aula de Matemática começar, a nossa diretora de turma bate à porta, interrompendo a aula com uma expressão taciturna.

— Acabámos de ter conhecimento por parte do pai do Alex, que ligou a avisar a escola... que a mãe do Alex faleceu — diz, com um ar devastado.

A notícia choca toda a turma, gerando um burburinho geral. No meu caso, fico petrificada e sinto um ligeiro zumbido no ouvido, não admitindo nem querendo acreditar no que acabei de ouvir. O choque levou a que não tenha qualquer reação. Nem sequer tenho vontade de chorar, porque isto é demasiado absurdo para ser real, não é? A mãe do Alex estava doente, mas não se esperava nada disto, não neste momento.

Alguns segundos depois deste estado catatónico, pego no meu telemóvel, preparando-me para lhe enviar uma mensagem, ignorando a presença das professoras, mas paro subitamente, assim que oiço o meu nome.

— Mariana, podemos falar lá fora? — pergunta a diretora de turma.

Não lhe respondo, mas levanto-me em piloto automático, seguindo-a para o exterior da sala de aula. Olha-me nos olhos, com uma expressão triste, antes de me dizer o que quer que seja que não pudesse ser dito em frente ao resto da turma. Não imagino o que possa ser. Poderá haver algo mais a comunicar, além da morte da mãe do Alex?

— Achamos por bem contar-te o que aconteceu, embora não nos pareça sensato dizer à turma toda. — Faz uma pausa, como que preparando o que me quer transmitir. — A mãe do Alex suicidou-se esta noite e foi o Alex que a encontrou. Ele está muito fragilizado e o pai pediu encarecidamente para não o contactarmos e respeitarmos a sua privacidade.

Os pensamentos que assolam a minha mente todos de repente e a atropelarem-se uns aos outros são demasiados para os conseguir assimilar a todos naquele momento. Suicidou-se? O Alex encontrou-a? Como assim, não contactar com ele? Agora é o momento em que ele mais precisa de apoio, de amizade... de mim.

Não obedeco a nada do que a professora diz e sei que preciso de lhe dizer o que sinto, preciso de reiterar que o amo, que estarei sempre disponível para o amparar, que o ajudarei em tudo o que for necessário.

Começo a escrever uma mensagem, mas apago-a e reescrevo-a várias vezes, até finalmente a enviar.

«Alex, soube o que aconteceu. Lamento tanto. Estou aqui para tudo o que precisares. Posso ir ter contigo e ficar contigo o tempo que quiseres. Eu amo-te.»

Já lhe disse inúmeras vezes que o amo e espero que ele já o saiba de antemão. Não quero que pense que estou com pena dele, mas quero que saiba que eu estarei sempre disponível para ele. Eu amo-o mesmo e nunca me cansarei de o demonstrar.

Não tenho sequer noção do que ele poderá estar a sentir. Não sei como aconteceu, nem como é que ele a encontrou. Não sei quanto tempo terá ficado sozinho em casa até a Júlia ou os avós terem chegado. Quanto tempo terá demorado até o pai chegar de Madrid?

Depois de a diretora de turma me contar o que de facto aconteceu, fiquei inconsolável. Assim que lhe mandei a mensagem, desatei a chorar, numa reação retardada ao choque, a ponto de terem de ir comigo à casa de banho para eu lavar a cara. A professora disse-me que era melhor eu ir para casa. Toda a gente sabia que não éramos só amigos. Tanto os meus colegas como os professores já nos tinham visto a beijar-nos ao pé dos cacifos e, mesmo quando parávamos de repente, envergonhados com a exposição, era demasiado tarde.

Não estou em condições de ficar na escola mais tempo, por isso ligo à minha mãe e peço-lhe para me vir buscar, após lhe contar o motivo. Ela chega em menos de dez minutos e leva-me para casa.

Ele não respondeu à mensagem que enviei. Provavelmente o Alex nem está ao pé do telemóvel, mas incomoda-me não saber como está a lidar com tudo isto.

Nunca tinha chegado a comentar com ele que, desde que aquela cigana nos abordou e nos leu a sina na Feira de Corroios, que andava preocupada e apreensiva. Reccei que o que ela viu pudesse ter algum fundo de verdade e que pudéssemos vir a perder não uma *coisa* valiosa, mas uma *pessoa* valiosa.

Sinto-me impotente por não o poder amparar neste momento, por não o poder abraçar, por não lhe poder dizer que vai ficar tudo bem, que vamos ultrapassar isto juntos.

Não sei quando é que ele vai regressar à escola, mas espero dizer-lhe brevemente.

Capítulo 15

Alex, 16 anos

Outubro de 2007

Querido filho,

Antes de mais, perdoa-me.

Se estás a ler esta carta, é porque não consegui aguentar mais. Não sei como te poderei explicar o estado de desespero em que é preciso alguém estar para tomar esta atitude e também não desejo que o saibas, porque não seria bom sinal.

Sei que neste momento não irás entender o porquê de ter tomado esta decisão, mas quero que saibas — PRECISO que saibas e que percebas — que o meu maior desejo era poder ver-te crescer e tornares-te o homem maravilhoso que certamente serás.

Tive muita sorte com o filho que me calhou e não mudaria nada em ti.

O problema é a minha doença e o que ela me faz sentir. Já há muito que não sou feliz, meu querido Alex. Sinto-me miserável por já não ser quem era, por já não me reconhecer a mim própria nem à mulher que sempre fui. Quis continuar a viver por causa de ti, mas esta doença tem-me tirado lentamente tudo o que tenho e tudo o que sou. Estou farta de me ver a definhar e não quero continuar a assistir a este espetáculo moribundo.

Sê feliz, vive uma vida cheia de amor e lembra-te sempre que te amo e te irei amar para sempre. Estarei sempre contigo a guiar-te e a amparar-te, embora tu não me vejas.

Por favor, continua a amar-me, mesmo tendo sido egoísta por querer acabar com o meu sofrimento.

Agora sou livre.

Amo-te,

Da mãe

Hoje é o dia do velório da minha mãe. Não esperava viver este dia tão cedo na minha vida. É algo em que não pensamos quando somos jovens, o de um dia termos de passar por isto..., mas mesmo quando pensamos, nunca pensamos que

será *enquanto* somos jovens.

Estou a vestir-me com a ajuda do meu pai, que me faz o nó na gravata preta. Olho para mim ao espelho e tudo o que vejo é um espectro.

Nos últimos três dias, tenho estado sob o efeito de sedativos para conseguir dormir, receitados por um médico amigo do meu pai, que me avaliou no dia a seguir *àquilo* e me receitou uns medicamentos, que não sei ao certo o que são. Também não quero saber. Tudo o que quero é algo que me permita dormir e não ter de lidar com a realidade.

Naquela noite, pareceu-me que estava com uma sensação estranha. Entrei no quarto dela e vi-a deitada na cama a ler o seu livro favorito, a primeira edição em espanhol do livro *La Sombra Del Viento*, do autor Carlos Ruiz Zafón, livro que o meu pai lhe ofereceu há muitos anos. Desde então já o deve ter lido dezenas de vezes, mas nunca se cansa e diz-me sempre que aquele livro deveria ser leitura obrigatória. Naquela noite, leu-me uma das suas passagens favoritas.

«Acho que nada acontece por acaso, sabes? Que, no fundo, as coisas têm o seu plano secreto, embora nós não o entendamos. Como o de teres encontrado aquele romance de Julián Carax no Cemitério dos Livros Esquecidos, ou o de tu e eu estarmos agora aqui, nesta casa que pertenceu aos Aldaya. Tudo faz parte de qualquer coisa que não conseguimos perceber, mas que nos possui.»

Emocionou-se depois de ler em voz alta, quis abraçar-me e, quando me despedi dela e me dirigi para a porta da saída, a caminho do meu quarto, disse-me:

— Amo-te muito, meu pequenino. Nunca te esqueças disso.

Achei tudo aquilo muito estranho e melancólico, mas pensei que pudesse estar a sentir-se mais emocional. Não me passou pela cabeça que a sua frase pudesse ser interpretada como uma despedida e que ela pudesse fazer *aquilo*. Que *me* pudesse fazer aquilo.

Nesta altura, sinto ao mesmo tempo uma profunda tristeza e raiva da minha mãe pelo que me fez, pela decisão que tomou. Como é que me pôde abandonar assim? Eu sei que ela estava doente e que sofria diariamente, mas pelo menos estava comigo. Eu só tenho dezasseis anos. Como é possível ela achar que alguma vez posso recuperar disto? Como é que achou que eu podia voltar a ser uma pessoa normal depois disto? Como é que não percebeu que, ao tomar esta decisão, estava a tirar a própria vida e também a tirar a minha? Que, ao morrer, uma parte de mim também morreria?

Não me apetece ver ninguém e, se pudesse, não ia nem ao velório nem ao

funeral. Não me quero despedir. Quero revoltar-me! Quero gritar e perguntar porquê, quero voltar atrás, àquele dia fatídico e agarrar-lhe os ombros e pedir-lhe, *implorar-lhe* para não o fazer. Quero ir ao armário dos medicamentos na sua casa de banho e mandá-los todos pela sanita, para ela não poder pensar sequer em fazer aquilo. Quero voltar atrás no tempo e dizer que a amo. Não sei se lhe disse naquele dia. Terei respondido que também a amava? Será que se lhe tivesse dito mais vezes, ela não tomaria esta decisão?

— Estás bem? — pergunta-me o meu pai, que tem sido verdadeiramente estoico em relação a tudo isto e só se tem preocupado comigo.

— Não — respondo-lhe, com sinceridade. Não estou bem, e honestamente não me parece que algum dia ficarei.

Os meus olhos estão inchados e vermelhos, devido ao sono totalmente irregular, devido a só conseguir adormecer com a ajuda de comprimidos. Não consigo entrar no quarto dos meus pais, onde a encontrei. O meu pai também não tem dormido lá, mas sim no sofá da sala, provavelmente pelo mesmo motivo que eu. Não deve conseguir dormir naquela cama, nem naquele quarto, onde a minha mãe decidiu terminar com a própria vida.

— Não precisamos de falar disto agora, mas, quando estiveres preparado, temos de falar de como vai ser o futuro... — sussurra-me, ajudando-me a vestir o *blazer* preto.

Estamos quase prontos, ambos vestidos de preto e com a aura da mesma cor.

Olho para ele pelo espelho e a minha resposta impulsiva surpreende-me até a mim, mas é verdadeiramente o que eu sinto.

— Não quero ficar aqui. Quero ir-me embora contigo para Madrid — respondo-lhe, assertivamente.

— Podemos falar depois. Não quero que tomes nenhuma decisão precipitada. Ainda temos de falar com os teus avós sobre tudo isto. Eles também estão destroçados e também hão de ter uma palavra a dizer.

— Sim — balbucio com dificuldade —, mas a minha decisão está tomada. Não quero ficar aqui.

Não consigo lidar com as memórias que esta casa e esta cidade me trazem.

*

Há mais pessoas no velório do que eu gostaria.

Amigas da minha mãe, que, apesar da designação, nunca conheci. Provavelmente deixaram de ser amigas assim que ela ficou doente e agora vêm para aqui chorar como se fossem próximas, como se estivessem efetivamente a

sofrer.

Os meus avós estão destroçados, eu estou anestesiado e a única pessoa que está a saber lidar com isto e a conseguir gerir tudo é o meu pai.

Ainda bem que há alguém que consiga enfrentar este dia. Sei que há algumas professoras minhas que aqui estão e também já vi alguns colegas, muitos deles com os pais. Estou no banco da frente com o meu pai e com os meus avós e não quero olhar para trás. Não quero ver nem ter de falar com ninguém. Não quero cumprir nem ter de me preocupar com formalidades. Quero apenas anestesiá-la a minha dor e que o tempo passe rapidamente, para sair daqui.

Quero e não quero que *ela* aqui esteja. Quero que esteja, porque é a única pessoa com quem sinto vontade de estar neste momento. Não quero que esteja, porque não quero que ela me veja assim e que tenha pena de mim, que é o que toda a gente sente neste momento. Quero que esteja, porque a amo. Não quero que esteja, porque, se estiver, não vou poder corresponder aos seus sentimentos e expectativas.

Quando o velório acaba — o que parece demorar uma eternidade —, os agentes funerários começam a levar o caixão para o carro funerário, bem como a panóplia de coroas de flores e ramos, trazidos pelas várias pessoas que aqui estão. Muitas aproximam-se para nos darem as condolências. Passam por mim e balbuciam palavras que na realidade não ouço, porque não estou aqui, não verdadeiramente. É apenas o meu corpo, mas a minha mente desligou-se. Coloco a mão no bolso direito e sinto o invólucro dos comprimidos que o médico me receitou. Já tomei um hoje, mas preciso de mais.

Quero anestesiá-me, não quero sentir nada. Não me quero sentir eu. Quero apenas flutuar. Quero sentir-me outra pessoa, uma pessoa feliz, uma pessoa que *nunca serei*.

Dirijo-me para a entrada da casa funerária, onde há pequenas garrafas de água, mesmo junto a um pequeno altar com uma grande fotografia da minha mãe e vários panfletos, como se isto fosse um evento de *marketing*. Pego na garrafa e bebo uns goles, engolindo mais um comprimido.

Quando olho para a sua fotografia, a dor volta a martelar-me o peito, como um demónio que não deixa de me atormentar. Nunca mais a vou ver, nunca mais a vou ouvir, nunca mais vamos conversar. Ela já não está aqui, apesar de estar dentro daquele caixão. Pego num dos panfletos e leio as mensagens que lá estão impressas pela agência funerária.

São passagens bíblicas que dizem «Pela morte a vida não é destruída, mas transformada»; «Desfeita a casa da habitação terrena, adquire-se uma habitação eterna nos céus»; «Todo o que vive e crê em mim não morrerá jamais».

Quando me viro para ir ter com o meu pai e com os meus avós, vejo-a aproximar-se. Vem com um vestido preto, umas sabrinas pretas e com um puxo no cabelo. Dirige-se para mim com cautela e com um semblante carregado.

— Os meus sentimentos, Alex — diz-me, pegando na minha mão esquerda com a sua mão direita. Em seguida, aperta-ma. Não cheguei a responder à mensagem que me enviou. Não queria falar com ninguém, nem mesmo com ela. E não lhe queria responder ao que ela me disse.

— Obrigado — respondo-lhe, mecanicamente, porque não me alivia que me deem as condolências ou os seus sentimentos. Sei que é o que toda a gente faz nestas situações, porque não há mais nada que se possa dizer, mas não sinto que ajude ou que seja reconfortante.

Ela aproxima-se mais um pouco, para me abraçar. Eu deixo-a, porque é verdade que quero aquele abraço. Quero o seu calor a reconfortar-me, pelo menos mais uma vez. Ela encaixa o seu queixo na curva do meu pescoço e ficamos assim durante alguns segundos, quiçá minutos. Quando me afasto, olha-me nos olhos e fita-me.

— Como estás?

Encolho os ombros, sem precisar de responder. Ela conhece-me melhor do que ninguém e não preciso de confirmar que me sinto devastado.

— Quando é que vais regressar às aulas?

Demoro algum tempo a responder-lhe, porque aquela é uma pergunta em que ainda não tinha pensado, mas que, tal como aconteceu com a conversa que tive com o meu pai esta manhã, me parece bastante fácil de responder.

— Acho que não vou regressar.

— Como? — Ela mostra-se confusa com o que acabei de dizer.

— Vou-me embora com o meu pai — comunico-lhe diretamente, sem rodeios nem preparação. Simplesmente comunico-lhe o inevitável.

Ela fica a olhar para mim, a dor estampada no rosto e o peito a subir e a descer, ao ritmo da sua respiração irregular.

— Vais-te embora para Madrid? — pergunta-me, como que a precisar de uma confirmação da minha parte de que ouviu e percebeu bem o que eu disse.

— Sim — confirmo. — Este não é o momento para falarmos. Depois falamos sobre isto, OK? — pergunto-lhe, mais em tom de afirmação do que de interrogação. Este não é o momento de falarmos sobre isto, sobre o futuro, sobre nós.

Vejo-a a engolir em seco, enquanto os seus olhos ficam marejados de lágrimas.

— Claro. Quando quiseres — diz-me, visivelmente destroçada.

O caixão passa por nós, por fim, sendo colocado no carro funerário no meio

das dezenas de coroas de flores. O meu pai e avós aproximam-se e abraçam-me, encaminhando-me para o carro, para seguirmos para o cemitério.

A minha mãe será sepultada no cemitério de Vale Flores, no Feijó. Este cemitério não permite a compra de campas, pelo que, após cinco anos, seremos contactados para libertar o espaço da campa, que será ocupada por outra pessoa que morra.

Não percebo o objetivo de sepultar alguém, se passado cinco anos teremos de levantar as ossadas e decidir se as colocamos num gavetão ou se cremamos os restos mortais. Mas a minha mãe sabia o que não queria e ela não queria isso. Além disso, os meus avós querem um local onde possam fazer um culto. Essa é outra coisa que não percebo, o motivo pelo qual as pessoas necessitam de um local onde se dirigir aos seus mortos, diante de uma pedra.

Mas quem sou eu para saber estas coisas? Apenas um miúdo de dezasseis anos que não sabe nada sobre a vida, a não ser a sensação de perder a mãe.

Capítulo 16

Mariana, 16 anos

Outubro de 2007

O que sinto é equiparável a terem-me puxado o tapete a meio de um espetáculo de malabarismo. Sinto-me a estatelar no chão. Quase consigo ouvir o som do meu coração a estilhaçar-se em bocados minúsculos e irrecuperáveis.

— Vais-te embora para Madrid? — pergunto-lhe, sem acreditar no que me está a dizer, como se só me esteja a testar ou a dizer algo da boca para fora.

— Sim — responde após uma breve pausa que lhe é visivelmente difícil. Consigo perceber que não quer avançar mais a conversa, talvez para não me magoar, ou simplesmente porque não consegue estar com ninguém nem falar com ninguém neste momento. — Este não é o momento para falarmos. Depois falamos sobre isto, OK?

Assinto afirmativamente, enquanto engulo em seco, sentindo as lágrimas assomarem-me aos olhos, num desespero nítido.

De repente, tudo assume uma dimensão diferente e sou transportada para aquela noite, com aqueles olhos da cigana a fitar-nos enquanto nos dizia que iríamos perder algo. Este *algo* que ela deixou em aberto seria a coisa mais valiosa da vida do Alex. Tento recordar-me do que disse em relação a mim, mas só me lembro que me disse que iria perder algo valioso. Seria possível que ela tivesse visto isto? Que tivesse sentido e sabido o que estaríamos prestes a perder? Nunca me considereei uma pessoa minimamente crente, nem sequer a catequese quis frequentar, mesmo após várias insistências dos meus pais nesse sentido. Não vou agora acreditar na visão de uma cigana. Mas as suas palavras não deixam de reverberar na minha mente, aumentando cada vez mais a minha angústia.

Perdemo-nos um ao outro, perdemos todos os nossos planos. Passámos de noivos apaixonados, na iminência de nos casarmos na adolescência, para pessoas destruídas e perdidas.

É inacreditável como a felicidade de um dia se pode transformar na tristeza do dia seguinte, como se fosse um recado da vida para não tomar nada como garantido, porque tudo nos pode ser retirado num só golpe.

Capítulo 17

Alex, 16 anos

Novembro de 2007

Eu não queria ter de regressar às aulas, mas o meu pai obrigou-me. Disse-me que não poderia simplesmente ficar em casa até que nos mudássemos de forma definitiva e que teria de fazer um esforço para voltar à normalidade, que seria o que a minha mãe queria que acontecesse.

Não considero que ele tenha algum tipo de legitimidade para saber ou julgar saber o que a minha mãe gostaria que eu fizesse, tendo em conta que praticamente não estava em casa connosco, a ponto de a conhecer ou saber o que ela gostaria, mas acabo por lhe fazer a vontade sem dar luta. A minha revolta corrói-me apenas por dentro e não tenho forças para lutar.

Por isso, cerca de duas semanas após o enterro, regresso às aulas. Chego alguns minutos atrasado à sala de aula, o que não é comum, pois sempre fui um dos alunos que chegava mais cedo e acompanhava a funcionária que trazia o livro de ponto à sala, antes de os professores ou de os meus colegas chegarem.

Quando me aproximo da sala, a porta já está fechada, por isso bato antes de a abrir. Quando entro, sei que já ninguém está à minha espera, visto que já não apareço há mais de duas semanas. Vejo os seus rostos espantados e sem saberem o que me dizer, porque algo que efetivamente mudou na minha vida, além do óbvio, é o de ninguém saber como se dirigir a mim e falar comigo. Não sabem se hão de ter pena de mim, de me reconfortar, de ignorar a situação e fingir que está tudo como há apenas um par de semanas, ou se hão de tocar no assunto. Eu sou um estranho com o qual ninguém tem nada em comum, porque toda a gente tem mãe e eu não.

Olho para a minha secretária habitual e para o meu lugar ainda vago, ao lado da Mariana. Ela olha para mim espantada, com o mesmo olhar das restantes pessoas, aquele olhar que não sabe o que dizer ou fazer. Aproximo-me do meu lugar, assim que a professora diz que posso entrar e sentar-me. Após alguns segundos de hesitação, retoma a aula e o momento onde havia ficado. Eu abro o caderno e coloco a data, evitando olhar em volta, porque já me sinto suficientemente esquisito por toda a gente saber o que me aconteceu. Não vejo a hora de me mudar para Madrid, onde ninguém saberá quem eu sou e nem

conhecerá o meu passado.

Consigo perceber que a Mariana olha para mim, indecisa entre falar ou não comigo. Depois, acaba por ceder à sua vontade.

— Estás bem? — pergunta-me, a medo.

É a primeira vez que oiço a voz dela em duas semanas. A última vez em que falámos foi no velório da minha mãe e, embora tenhamos combinado falar melhor sobre a minha mudança, a realidade é que não consegui responder a nenhuma das mensagens dela. Não quis falar sobre nada, com ninguém, nem mesmo com ela.

— Não — respondo-lhe secamente, sem lhe conseguir dizer mais nada.

O silêncio invade-nos e ficamos apenas atentos à aula. No meu caso, não estou atento a nada. Só estou aqui porque o meu pai me forçou e porque, independentemente do sítio onde me encontre, a minha mente nunca se consegue concentrar em nada. A única diferença entre estar na escola ou em casa é que na escola não tenho tantas recordações da minha mãe, e, por um lado, torna-se mais fácil de suportar.

Só me dou conta de que a aula termina, porque toda a gente se começa a pôr em pé e a arrumar o material escolar nos estojos e respetivas mochilas.

— Não vamos falar? — pergunta-me ela. — Ficámos de falar há duas semanas e não me disseste mais nada...

— Desculpa, não consegui falar com ninguém. Não foi por mal.

— Sempre te vais embora? — pergunta ela, com receio da resposta.

— Sim — confirmo, abalando a sua réstia de esperança.

— Quando?

— Ainda não sei ao certo o dia, mas diria que devo ir até ao final do mês.

Ela engole em seco, provavelmente fazendo contas sobre o tempo que falta para o fim do mês. Menos de duas semanas, pouco menos do que a última vez em que falámos.

— Podemos falar a sós? — pergunta-me, olhando em redor e sentindo dificuldade ao fazer-se ouvir, devido ao imenso barulho dos nossos colegas que nos rodeiam, excitados por a aula ter acabado e estarmos no intervalo.

Antes que lhe possa responder, alguns dos meus amigos aproximam-se de mim e abraçam-me.

— Puto, como é que estás? — pergunta-me o João, soltando-me do seu abraço.

Também o Tiago e o David se aproximam, querendo saber como estou e quando me vou embora, assim que digo que aqueles serão os meus últimos dias naquela escola e em Portugal.

— Falamos à hora de almoço, no nosso sítio atrás da escola, OK? — pergunto-lhe, dando a entender que não ia falar nem estar com ela agora, tendo optado pelos meus amigos.

— OK, combinado. Lá estarei — responde-me, cabisbaixa, provavelmente porque quer falar comigo o mais depressa possível, provavelmente porque tem saudades minhas.

Mas eu já não sou o Alex que ela ama. Esse Alex morreu, juntamente com a minha mãe. Eu também tenho saudades dela e da sensação de a amar de antes, mas não posso continuar a amá-la com metade do meu coração morto, nem a milhares de quilómetros.

A conversa que íamos ter nas traseiras da escola, naquele dia, poderia ser apenas mais uma entre tantas outras que ali tivemos em tempos, naquele mesmo local, mas não seria. Nas últimas semanas, eu tinha ponderado muito em relação à nossa situação e tinha decidido que não podíamos continuar a ser o que éramos. É certo que tínhamos um conjunto de memórias juntos e que nos amávamos — tinha a certeza de que sim, que, independentemente da nossa idade, isto era amor —, mas não podia continuar a ser.

Por isso, naquele dia, encontramos-nos a seguir às aulas da manhã, antes do almoço, por volta das 13h15.

— Alex, por favor, não vás — sussurra ela, com lágrimas nos olhos.

— Não posso, Mariana — respondo-lhe, a custo. — Não tenho nada aqui.

— Tens-me a mim... Tens os teus avós. — Ela tenta que eu mude de ideias, como se fosse possível continuar a viver aqui sem a minha mãe e o meu pai, a frequentar os mesmos sítios em que tenho memórias com ela, a viver na casa onde ela tirou a própria vida.

— Não posso — reitero uma vez mais. — E não quero.

— E nós?

— Nós... nós temos dezasseis anos, Mariana — digo-lhe, desvalorizando o que há entre nós, todos os nossos planos e tudo o que tínhamos vivido até agora, bem como o futuro que tínhamos imaginado.

— E qual a relação entre a nossa idade e isto? Ainda há alguns dias estávamos na iminência de nos casarmos, mesmo apenas com dezasseis anos. Achas que, por sermos novos, não há problema? Que não vamos sofrer por nos separarmos?

— Não duvido, mas neste momento não consigo sofrer por mais nada.

— Então, já não gostas de mim?

— Não foi isso que eu disse.

— Eu amo-te, Alex. Sei que te amo, que não é uma coisa de miúdos, como toda a gente possa pensar ou dizer. Sei que a distância não vai apagar o que sinto

por ti. Mesmo que tu já não me ames, sei que gostas de mim...

— Não consigo fazer isto, Mariana.

— Porquê? — balbucia em lágrimas, esperando uma justificação da minha parte, um motivo válido para a abandonar a ela e a tudo o que fomos juntos.

— Lembras-me demasiado dela — desabafo, antes de acrescentar —, tu e esta terra.

— Se nos amamos, devíamos pelo menos tentar.

— Eu vou-me embora, Mariana. Isso é algo que está fora de questão. E nós somos demasiado novos para sequer ponderar namorar à distância. Não vamos conseguir, não faz sentido nenhum.

— Percebo que estejas transtornado com tudo o que aconteceu, mas não te reconheço, Alex. Estávamos prestes a casar-nos e nunca nos considerámos demasiado novos para o que quer que fosse. Por que motivo um namoro à distância iria ser diferente?

— Se a distância não funciona para os adultos, imagina para duas crianças como nós.

— Não sei o que sentem os adultos uns pelos outros, mas sei o que sinto por ti, e para mim tudo seria preferível a ver-te partir, sabendo que não seríamos nada um para o outro.

— Desculpa — digo-lhe, começando a virar-me e a encaminhar-me para o interior da escola por uma das portas traseiras, que, felizmente, hoje está aberta, permitindo-me escapar da sua visão mais facilmente.

Não olho para trás à medida que me afasto e me encaminho em direção à cantina para almoçar. Não tenho fome nem sequer apetite, mas quanto menos tempo passar dentro de casa, até me conseguir ir embora daqui, melhor será para mim.

Capítulo 18

Mariana, 16 anos

Novembro de 2007

Assim que ele me vira costas, é como se o mundo desabasse. É como se até aqui tivesse acreditado que, independentemente da tristeza que ele sente agora, se pudesse amparar em mim para aliviar o seu peso, mas assim que me vira costas, percebo que a nossa história mudou. Ele mudou.

Sei que posso ser ingênua por pensar ou acreditar que um amor que nasce cedo pode durar para sempre, mas a realidade é que penso e sinto que poderíamos ter dado certo, mesmo com esta tragédia que assolou a nossa vida.

Hoje percebi que nada posso fazer para convencer o Alex de que esta decisão não é a correta e que a presença na vida um do outro seria melhor do que a nossa separação. Mesmo que não estivéssemos fisicamente juntos, poderíamos continuar em contacto e apoiar-nos mutuamente. Poderíamos ser os amigos que sempre fomos, ou mais do que isso, e poderíamos estar juntos assim que fôssemos maiores de idade, sem que os nossos pais tivessem uma palavra a dizer sobre isso.

Os meus pais nunca entenderam que eu o amo e desvalorizam constantemente o que nós temos um com o outro, que eu sei que é real, que é especial. Dizem-me que também estiveram apaixonados quando tinham a minha idade e que, a certo momento, se esqueceram desse tempo e das pessoas de quem gostaram. Mas eu não considero que isso seja amor. Sei que é normal e que faz parte da mudança de idade começarmos a sentir coisas por outras pessoas, sei que é normal até nos apaixonarmos e termos um primeiro namorado. Mas não é amor se facilmente nos esquecemos dessa pessoa. Eu sei que não me irei esquecer do Alex, por muitos quilómetros que nos separem.

Hoje, estou devastada, porque ele quer ignorar o que sentimos um pelo outro e porque não pretende sequer dar-nos uma hipótese à distância. Não sei como será a minha vida aqui sem ele, sem o meu melhor amigo, recentemente namorado; contudo, sei que nunca mais serei a mesma pessoa, depois de o ter conhecido e de ter experienciado com ele o significado do amor.

Capítulo 19

Alex, 16 anos

Novembro de 2007

O piano da minha mãe ainda se encontra imponente na sala, agora definitivamente a apanhar pó. Nem eu nem o meu pai nos conseguimos desfazer dele. Tê-lo ali é ainda um resquício da sua presença, como se a qualquer momento ela pudesse irromper pela sala e começar a tocar. É como se a recordação dela a tocar fosse tão vívida que a pudéssemos sentir aqui, apenas a três metros de nós, a sorrir e a tocar Debussy ou Chopin, os seus compositores favoritos, como acontecia antes de a sua função motora ficar comprometida e deixar de conseguir tocar nas teclas.

Mas nada disso é real. O piano é apenas um objeto e um espectro do passado, uma recordação dolorosa do que em tempos foi uma realidade e que agora é uma assombração.

Iremos embora definitivamente no domingo à tarde, após me despedir dos meus avós no sábado e fazer as últimas malas, com as poucas coisas que me restam embalar.

Já tenho tudo o resto empacotado e pronto para seguir viagem até à minha nova casa em Madrid. O meu pai vai colocar esta casa a arrendar ou à venda, visto que não pretendemos voltar para cá. Mesmo que venhamos cá visitar os meus avós maternos, vamos sempre preferir ficar num hotel a pisar novamente este chão. Ao mesmo tempo, sinto uma melancolia por abandonar esta casa, que foi o meu lar e o da minha mãe ao longo de dezasseis curtos anos de vida.

Finalmente chegou o último dia de aulas, o último dia em que terei de me cruzar com todos os meus colegas e professores que me tratam como um coitadinho e têm pena de mim.

Ao entrar na escola, tento absorver tudo o que possa servir para recordar este dia, que marca o meu último dia, num misto de tristeza e contentamento, difícil de explicar a qualquer pessoa que nunca tenha passado pela sensação de luto.

Fiz o possível para evitar a Mariana ao longo da última semana, desde que falámos pela última vez, apesar de tal não ser fácil por vários motivos. Em primeiro lugar, porque nos sentamos mesmo ao lado um do outro e é difícil evitar alguém que está o dia inteiro ao nosso lado; em segundo lugar, porque ela fez

várias tentativas de se aproximar e de falar comigo, para me reconfortar e mostrando-se disponível para me ajudar; em terceiro lugar, porque a amo e me custa ignorar a sua presença ao meu lado diariamente. Ainda assim, consegui sempre esquivar-me a qualquer tipo de contacto que envolvesse mais do que um cumprimento casual.

Sabia que estava a ser cruel e frio, mas era preferível arrancar o mal pela raiz, em vez de prolongar aquele momento de tristeza e deixá-la ainda mais desolada pela minha partida. Sabia que ela também estava a sofrer e a fazer uma espécie de luto doloroso, mas necessário.

Quando, naquele dia, chegamos ao fim do último intervalo antes da última aula e a observo ao longe a encaminhar-se na minha direção, tento fingir que não a vejo pela centésima vez nesta semana. Encaminho-me para o meu lugar na carteira e sento-me, à espera da última aula, que seria de Português, uma das que eu menos gosto, mas que sabia ser uma das favoritas da Mariana. Para esta aula, tínhamos de criar um poema sobre qualquer tema, mas tínhamos de ser criativos. A professora começava sempre por chamar a Mariana para a resolução dos trabalhos de casa, que era inevitavelmente a melhor aluna da turma a Português e fazia sempre os trabalhos de casa, pelo que hoje não foi exceção.

— Mariana, queres partilhar com a turma o poema que escreveste?

Sinto-a contraída e embaraçada, como se tivesse vergonha de ler em voz alta o que escreveu, o que não é comum, porque ela gosta muito de escrever, de partilhar as suas opiniões e de participar na aula de Português.

Depois de alguns momentos em que, ao que parece, reúne coragem para se levantar, arrasta devagar a cadeira e dirige-se para o estrado onde se encontra a professora e a sua carteira.

— Podes começar, quando quiseses — encoraja-a a professora.

Olha em volta, antes de concentrar a atenção na folha de papel. As mãos tremem ligeiramente quando levanta a folha de papel, inspira uma vez e, sem olhar para mim, começa a ler com uma projeção de voz soberba, como lhe é característica.

*Hoje descobri,
Que o amor por mim entendido,
era uma farsa, era um inimigo.
Não existia, era furor,
atração gasta por episódios de dor.*

Tudo mudou,

tudo é diferente.

*A minha alma a tua encontrou,
quando menos esperava, de repente.*

*Vivo intensamente, agora que o descobro
pode não durar eternamente, mas eu vivo-o ao rubro.*

*Até então tudo eram sombras,
nunca tinha amado ninguém,
agora é mais do que desejo,
fazes-me muito bem.*

*Fica aqui, faz-me sorrir,
encanta-me até eu dormir,
beija-me, abraça-me,
conta-me histórias de encantar,
Contigo quero continuar.*

Permaneço imóvel a observá-la, enquanto tento assimilar o seu poema e o significado das suas palavras. Ouve-se um burburinho antes de alguns dos nossos colegas começarem a bater palmas e outros gozarem, claro, porque admitir algum tipo de sentimentos com a nossa idade é sempre alvo de troça.

— Parabéns, Mariana. Excelente poema, escrito com tanto sentimento e espetacularmente lido com tanta emoção — incentiva-a a professora.

— Obrigada — murmura, corada, enquanto se dirige para o seu lugar, ao meu lado.

Pouco depois, escrevinha algo no seu caderno e inclina-o na minha direção para que eu consiga ler o que ela escreveu.

Caso não tenhas percebido, o meu poema era dedicado a ti.

Não a encaro e respiro fundo. Já desconfiava que seria sobre nós e isso deixa-me o peito apertado e sem fôlego, em conflito relativamente ao que quero fazer. Se por um lado sei o que devia fazer, ou seja, deixar tudo como está e cada um seguir a sua vida, ela em Portugal e eu em Espanha, por outro, posso negar e mentir a mim próprio quantas vezes quiser, mas gosto mesmo dela, tanto ou mais do que ela de mim, e custa-me não o admitir.

Não lhe escrevo nada em resposta e volto a minha atenção para a próxima

pessoa que iria apresentar o seu poema, como se nada fosse.

Quando a aula termina e começamos a arrumar as coisas, os meus amigos aproximam-se, desafiando-me para uma partida de matraquilhos, antes de nos irmos embora e despedirmos de vez.

Encaminhamo-nos para o pátio onde estes estão situados, perto dos campos de futebol e reparo que a Mariana e mais algumas raparigas, com quem ultimamente tem passado mais tempo, para não ficar totalmente sozinha, seguem a alguns metros de distância de nós, distância suficiente para conseguirem ouvir as nossas conversas. Eu estou ciente disso.

— Então, Alex, qual é a sensação de teres um poema dedicado a ti? — questiona o David, trocista, sem se dar conta de que a Mariana e as outras raparigas estão a poucos metros de distância e conseguem ouvir tudo o que nós dizemos.

— Estás a falar do quê? — pergunto-lhe, fingindo não saber a que se refere, enquanto me concentro no meu jogo de matraquilhos e tento rematar, marcando golo na baliza adversária, defendida pelo Tiago.

— Pensas que não sabemos que ela escreveu aquilo para ti? Nós sabemos que vocês andavam enrolados... — provoca o Tiago, tentando saber mais do que lhe quero contar. — Conta lá, meu, que andaram a fazer? Gostas mesmo dela ou só a queres comer?

— Não sejas estúpido — respondo-lhe de forma curta, não querendo revelar absolutamente nada que tenha que ver comigo e com a Mariana.

— Agora que te vais embora, dá-me permissão para avançar? Ela é gira e boa, mas contigo aqui nunca me pude aproximar — comenta o Tiago, talvez com o objetivo de me desconcentrar, para eu não conseguir rematar. E consegue, porque a mão escorrega-me e perco uma oportunidade de marcar golo. Já estou enervado com o rumo da conversa e penso seriamente em me despedir de vez e ir embora daqui para sempre.

— Já te disse para estares calado. — Fito-o, com o meu melhor ar sério, de quem não tem paciência para aquelas provocações.

— Eh, lá, que ele está bravo — troça. — David, queres ver que afinal ele gosta mesmo da *gaja* e não larga o osso?

Há momentos na vida em que nos sentimos entre a espada e a parede, em que é preciso tomar uma atitude e lidar com as consequências que daí advenham. Neste momento, eu tinha duas opções: ou me impunha e os mandava calar de uma vez por todas, o que equivaleria a admitir que gostava dela, que o poema dela era sobre mim e sobre nós e que tudo o que eu tinha tentado ao longo das últimas semanas, ou seja, afastar-me dela e afastá-la de mim, teria sido infrutífero

e em vão; ou fazia de conta que não me interessava, que não queria saber, que não gostava dela e que só de a imaginar com outra pessoa, sobretudo o David ou o Tiago, não me deixava completamente em brasa e com dores no estômago.

Nem sempre as escolhas que fazemos na vida são as mais acertadas, especialmente se essas escolhas forem feitas na adolescência. O problema é que não é por sermos jovens que as consequências dessas escolhas não nos afetarão e influenciarão totalmente o resto da nossa vida. Talvez se soubéssemos isso a determinado momento, pensaríamos melhor nas consequências de tais escolhas. Por isso, quando decido responder ao Tiago, estou longe de imaginar que aquela decisão me iria atormentar para o resto da vida, que iria condicionar a minha felicidade nos anos seguintes, que me iria afastar da pessoa de quem eu amava e que amei ao longo de todo esse tempo.

— Por mim, vocês fazem o que quiserem. Para mim, ela não significa nada e sim, só a queria levar para a cama — respondo-lhes, esforçando-me para emitir um ruído escarninho, convencendo-os de que o que digo é o que sinto.

Nunca me considerei um grande ator, mas a realidade é que conseguia esconder bem os meus sentimentos. Não era como a Mariana, que era um livro aberto e cujos sentimentos eram facilmente desvendados por qualquer pessoa, independentemente de a conhecerem bem ou não. Seria de esperar, por isso, que aquela minha encenação corresse bem o suficiente para que eles acreditassem em mim, embora o que eu sentisse fosse exatamente o oposto.

Sei que a Mariana ouviu toda a nossa conversa, naquela parede perto das salas de aula das oficinas. Aquele não era o melhor sítio para ter conversas privadas, porque toda a gente no pátio nos poderia ouvir.

Vejo-a a fitar-me com uma expressão de desilusão, como se não me conhecesse. A realidade é que ela não conhece esta nova versão de mim. O Alex que ela amava tinha deixado de existir. Consigo ver os seus olhos demasiado brilhantes, possivelmente por estar prestes a lacrimejar. Sei que parti um pouco do seu coração, mas estava longe de imaginar que a situação iria piorar e que eu nada poderia fazer para mudar o rumo que eu tinha escolhido tomar.

Assim que ouve o que lhe digo, o Tiago esboça um sorriso de viés e olha para o David. Eu não sabia o que significava aquele sorriso. Quando o Tiago tira as mãos dos jogadores da mesa de matraquilhos e se vira de costas na direção dela, o meu coração começa a bater mais depressa, por não perceber o que ele está prestes a fazer.

Aproxima-se das três raparigas com um sorriso assustador e é tão rápido que nem eu, nem o David, nem nenhuma delas consegue evitar que aquilo aconteça. Pega no queixo da Mariana com a sua mão direita e encosta-a com força contra a

parede. Com a mão esquerda, apalpa-lhe o rabo e pressiona todo o seu corpo contra ela, impedindo-a de se desenvencilhar dele. Tudo acontece em poucos segundos, não dando tempo de eu processar o que se está a passar e comandar as minhas pernas a darem os passos necessários para a ir ajudar, agarrando-o e libertando-a.

Com os braços, ela tenta empurrá-lo para a largar, mas ele lambe-lhe a boca num movimento brusco que envolve os seus lábios e a ponta do seu nariz. As outras raparigas tentam ajudá-la ao puxarem a mochila do Tiago, tentando afastá-lo, gritando para que a largue. Ela permanece com a boca selada, resistindo à agressão e tentando virar a cara noutra direção.

Eu só consigo agir demasiado tarde, depois de ele a beijar à força, ainda com a mão direita no seu queixo. Aproximo-me com velocidade, apenas precisando de dar três passos para o agarrar pelo colarinho e o afastar dela. Ela chora, limpando a boca com a palma da mão, antes de começar a correr em direção à casa de banho que se situa a escassos metros de distância do local onde nos encontramos.

As suas amigas seguem-na enquanto ela se afasta, e eu ainda agarro o Tiago pelo colarinho do casaco quando liberto a minha mão direita e lhe desfiro um soco, retirando-lhe aquele sorriso nojento e presunçoso do rosto.

— Para que foi isso, meu? — questiona-me, indignado por eu lhe ter batido.

Ainda tenho a visão turva da adrenalina que me tinha percorrido nos últimos segundos. Largo-o e deixo-o cair ao chão, apenas amparado pela sua mochila que ainda se encontra às suas costas.

— Não disseste que não gostavas dela e que podíamos fazer o que quiséssemos? — cospe não só as palavras, como também algum sangue, na sequência do soco que acabei de lhe dar.

— Independentemente do que eu ou qualquer outra pessoa te possa dizer, não forças uma rapariga a beijar-te sem ela querer, nem a apalpas se ela não te der consentimento! — brado-lhe, aos gritos.

— Eh, pá, meu, isso foi mesmo estúpido — diz-lhe o David, condenando a sua atitude.

— Foda-se, ‘tá bem, foi estúpido, mas o Alex disse que não gostava dela e eu já queria apalpar aquele rabo há anos e provar aquele *lipgloss* que usa nos lábios. Quem é que usa *lipgloss* se não quiser ser beijada?

— Cala-te de uma vez por todas, seu anormal — vocifero novamente, desta vez virando-me de costas e indo apanhar a minha mochila, para me ir embora dali, de uma vez por todas. Quanto mais tempo passava naquela escola, mais piorava tudo.

— Sim, realmente o melhor que tens a fazer é calares-te. Calares-te e fiques longe de mim. Nunca mais te aproximes de mim, Tiago. Senão, vou fazer queixa ao Conselho Executivo por agressão. — A Mariana aparece atrás de nós com os olhos e os lábios inchados e vermelhos, de tanto os ter esfregado. — Metes-me nojo! — remata ela, na sua direção. — *Todos* vocês me metem nojo. A falarem de mulheres como se fôssemos objetos que vocês podem usar e manipular.

Agora olha para mim, os seus olhos enchendo-se novamente daquele brilho que ainda vira há segundos. Nada tinha que ver com os seus olhos verdes brilhantes de felicidade que exibia sempre que estávamos juntos e sempre que nos beijávamos.

A Leonor e a Soraia seguem atrás dela, olhando para nós com ar de censura e balbuciando insultos como «idiotas», «ridículos», «anormais».

Confesso que nunca me tinha sentido um idiota-ridículo-anormal até àquele momento. Queria ir atrás da Mariana e pedir-lhe desculpa, porque, apesar de não ter sido eu a assediá-la, sentia-me responsável pelo que lhe tinha acontecido, sentia que tinha sido o motor impulsor daquela reação do Tiago e que tudo poderia ter sido evitado se eu não tivesse respondido aquilo, ou caso tivesse reagido mais cedo e o tivesse impedido de a agarrar ou de ter ido ter com ela, mas bloqueei naquele momento e bloqueei novamente quando a vi a afastar-se.

Já não sentia vontade de chorar desde o dia em que a minha mãe morreu. Só olhar para ela e vê-la assim, vulnerável, a sofrer e humilhada com aquela atitude ridícula do Tiago, tinha reacendido em mim a tristeza que tinha ficado adormecida no último mês, devido à medicação que tomava desde o dia fatídico.

As minhas pernas queriam ter seguido atrás dela, redimindo-me pela pessoa em que eu me tinha tornado e que, pelos vistos, independentemente do que fizesse, não fazia bem.

Queria dizer-lhe que tudo o que ela tinha ouvido era mentira, que obviamente eu estava tão apaixonado por ela, que a única coisa na qual conseguia pensar é que só queria conseguir ser feliz novamente ao seu lado, que queria crescer com ela, que queria poder mudar aquele evento que tinha condicionado o resto da minha vida, de modo que não me visse obrigado a mudar de país e conseguisse continuar a viver ali, onde sempre tinha vivido e onde pudesse estar com ela.

Mas as minhas pernas não se mexem e eu fico petrificado a vê-la ir-se embora, sem um adeus, sem uma despedida.

Os nossos olhares cruzam-se por breves momentos, antes de ela desviar o seu e se afastar na direção contrária, rumo ao portão de saída da escola.

Há olhares que são como despedidas, como beijos trocados em silêncio e à distância.

E esta seria, provavelmente, a última vez que a veria.
Talvez para o resto da minha vida.

Capítulo 20

Mariana, 16 anos

Novembro de 2007

É irónico verificar que às vezes o amor se estraga antes de uma caixa de chocolates.

Olho para aquela caixa que desembulhei com tanto carinho há apenas alguns meses e tudo me parece ter sido um sonho, como se, na realidade, nada daquilo tivesse acontecido. Ou então tudo aquilo foi real e agora é que vivo num pesadelo. Um pesadelo em que não tenho contacto com o rapaz pelo qual me apaixonei e, para piorar a situação, nem sequer tivemos direito a uma despedida digna.

A última vez que o vi foi no dia em que o Tiago me agarrou à força e beijou à frente dele, num momento nojento e que ainda me atormenta sempre que estou a tentar adormecer. Quando os meus olhos se fecham, sinto-me como se estivesse a cair de um precipício após alguém me empurrar à força, e acordo de repente. Não sei quanto tempo irá esta sensação continuar, mas não ajuda ter de ver o Tiago diariamente. Sem dúvida que não ajudou ter de o ouvir a vangloriar-se do sucedido nos dias a seguir.

Hoje faz uma semana que tudo aconteceu e voltámos a ter de ler alguns poemas na aula de Português. Não era para ter escrito mais poemas, porque já tinha apresentado o meu na semana anterior, mas, quando dei por mim, estava a perguntar à professora se podia ler novamente um poema que tinha escrito no fim de semana, precisamente no dia em que o Alex estaria a caminho de Madrid.

Encaminho-me de novo para a frente da sala e começo a recitar o que escrevi, tentando controlar ao máximo os meus sentimentos, para não começar a chorar em frente a toda a gente, algo que aconteceu enquanto o escrevia.

Pigarreio e respiro fundo mais uma vez, antes de começar.

Eu contigo queria mais do que amizade

Queria algo que ultrapassa a própria felicidade,

É pena que o pensamento só não mate a saudade

*Terá sido todo este sofrimento em vão?
Ou será que devíamos pedir perdão?
Se calhar o momento está acabado
Ou será que ainda nem terá começado?*

*Não sei o que o meu coração diz
Para que um dia sem ti consiga ser feliz*

O silêncio profundo é quase audível como um grito de dor que trespassa aquelas paredes de alvenaria.

Sei que todos percebem sobre quem falo e, embora espere uma risada por parte de algum dos meus colegas, como é habitual, creio que a minha dor é tão visível, que, pelo menos hoje, e pelo menos neste momento, conseguem respeitar-me a ponto de não se rirem.

O Tiago cerra o maxilar e baixa o olhar, não me conseguindo encarar depois do que aconteceu na semana anterior.

Porém, esta onda de respeito e compreensão, infelizmente, não dura para sempre.

Mais tarde, na aula de Geografia, finjo estar a tirar notas, mas o que realmente estou a fazer é a escrever devaneios que me vão passando pela cabeça. Não me dou conta do silêncio existente entre o momento de a professora sair de perto do quadro e de se aproximar da minha carteira antes de me tirar a folha que escrevo.

No início, não entendo o que me denunciou, como é que ela percebeu que não estou a prestar atenção à aula e que estou a escrever algo totalmente distinto da matéria num bilhete. Não é um bilhete para passar a ninguém — até porque não tenho amigos aqui —, mas creio que ela não sabe disso e não tem como saber que os meus bilhetes são dirigidos a mim própria, agora que o meu colega do lado já cá não está e dele apenas persiste uma cadeira vazia por ocupar.

— Como é que se esquece alguém que faz parte de nós? — A professora de Geografia lê em voz alta, originando uma onda de chacota imediata por parte dos rapazes e das raparigas que me detestam.

Fujo da aula, deixando tudo o que é meu em cima da carteira e ignorando os gritos da professora para que volte imediatamente para a sala de aula.

É impossível regressar e ficar ali naquele lugar onde fui humilhada e fizeram pouco dos meus sentimentos. Dou-me conta de que estava a lacrimejar antes de tudo isto acontecer — deve ter sido isso que me denunciou. Quando entro na casa de banho e me tranco numa das divisórias, não consigo evitar soltar o rio de

lágrimas que me implora por sair. As vozes esganiçadas da Patrícia e do Tiago são como ecos nos meus ouvidos. Não consigo deixar de os ouvir, mesmo depois de minutos com as mãos nas orelhas a tentar esquecer-me daquele evento.

Tenho o meu telemóvel no bolso e a primeira coisa em que penso é que aquilo de que preciso neste momento é de ligar ao Alex, de ouvir a sua voz, pelo menos para me lembrar de que a sua amizade existiu, de que aquela voz apaziguadora ainda existe algures, embora já não esteja comigo.

O telemóvel dele toca uns segundos, até ficar impedido, sinal de que recusou a minha chamada.

Sinto-me totalmente sozinha, abandonada e ignorada pela única pessoa que amei e que era o meu amigo, o único verdadeiro amigo que alguma vez tive.

Quando regresso à sala de aula, já a aula acabou e nenhum dos meus colegas lá está dentro. Apenas a professora se encontra dentro da sala, provavelmente à minha espera. Assim que entro na sala, dirijo-me imediatamente para o meu lugar e começo a arrumar as minhas coisas, evitando o contacto visual com ela. Ainda tenho a cara inchada por ter estado a chorar trancada na casa de banho na última meia hora.

— Mariana, lamento imenso — redime-se, com um tom baixo e arrependido.

— Qual é a parte que lamenta? A de ter lido o que eu escrevi de modo que toda a gente se risse de mim, ou de a minha vida ter ficado uma *merda*? — Não me contenho e não me importo que esteja a falar com uma professora. O que ela me fez foi uma falta de respeito e se pensa que basta desculpar-se para que tudo fique bem, está muito enganada.

— Mariana... — Adverte-me e depois acrescenta. — Lamento tudo o que estás a passar e lamento que tenhas de lidar com a perda do teu amigo.

— O Alex era mais do que meu amigo.

— Sim, eu sei. Sei que tudo parece horrível agora, que o mundo está contra ti, mas tudo vai melhorar. O tempo cura tudo.

— Não, stora. O tempo não vai curar isto. Ele não me atende o telemóvel, não quer ser meu amigo e foi-se embora para outro país. Nunca mais vou conseguir ser a mesma pessoa! Arrancaram-nos o nosso futuro! Não tenho *ninguém*! Não tenho sequer ninguém a quem passar a *merda* de um bilhete na aula... Não era preciso ter feito aquilo. Não tenho ninguém que me pudesse ajudar, ninguém a não ser o papel com quem podia desabafar.

Ela aproxima-se de mim e agarra-me nos ombros, antes de me abraçar.

— Acredita em mim, tu vais ficar bem... e podes falar comigo ou com qualquer professor sobre o que precisas, inclusivamente com a psicóloga da escola.

Reviro os olhos ao ouvir a solução dela. Claro que posso contar com a psicóloga da escola, a mesma que me deu panfletos sobre saídas profissionais na semana passada quando fui ao seu gabinete, como se todas as preocupações na nossa idade fossem qual o curso superior que iremos tirar ou qual será a nossa vocação. Não devolvo o abraço, ficando com os braços descaídos, inertes e apáticos.

— Obrigada — digo-lhe, não por me ter ajudado em alguma coisa a não ser vexar-me perante a turma, mas porque quero sair dali, daquela escola e, caso fosse possível, daquela cidade.

Saio da sala de rompante e atravesso as arcadas perto dos campos de futebol, na direção da saída, onde vejo o grupo irritante a cochichar e a rir-se às escondidas, tentando, por um lado, disfarçar, e por outro, que eu perceba que estão a falar de mim.

Dirijo-me para elas com passadas largas, movida por um impulso que não reconheço, mas que sei que vem do fundo do meu ser devido à raiva e revolta que sinto.

— Achas piada? Achas que toda esta situação tem piada? — faço a pergunta retórica à Patrícia, a pessoa que me inferniza há anos e que ainda tem a coragem de gozar com a minha cara, depois da tragédia que tanto eu como o Alex ultrapassámos. Não a deixo responder e continuo a dar voz ao meu ódio. — Sabes que mais? Eu sinto pena de ti, porque nem te dás conta de quão ridícula és por estares a gozar com uma situação como esta. Tenho pena, porque não sabes o que é o amor e se calhar nunca saberás. — Viro-lhe as costas, deixando-a sem fala, não lhe dando oportunidade sequer de me responder.

Quando saio da escola, o sol já começa a esconder-se atrás dos edifícios.

Atravesso a passadeira no sentido da paragem de autocarro, onde normalmente apanho o transporte para casa quando não me apetece ir a pé.

Estou na paragem quando a vejo a aproximar-se de mim. Reviro os olhos, preparada para a próxima cena de *bullying*, para novos risos e comentários em relação a mim.

— Mariana, posso falar contigo? — pergunta-me a Patrícia, assim que chega ao pé de mim.

Estranho imediatamente a sua atitude, porque nunca se dirigiu a mim desta maneira, a pedir-me permissão para alguma coisa. As únicas vezes em que se dirigiu a mim foram para gozar comigo ou para se rir de mim, para me fazer alguma rasteira, para me colocar pioneses na cadeira antes de me sentar, entre muitas outras situações que já fez ao longo dos últimos dois anos, tudo para me humilhar.

— Estou à espera do autocarro — respondo-lhe, revelando que não quero e não posso falar com ela. Não faço ideia do que quer, mas sem dúvida que a última coisa que eu quero é falar com esta miúda.

— Não te vou roubar muito tempo... — diz-me, enquanto começa a tirar algo da mochila. — Queria pedir-te desculpa por ter gozado contigo há bocado na aula.

— Há bocado? Querias pedir-me desculpa por teres gozado comigo *há bocado*? — rio-me descontroladamente, não reconhecendo o meu riso e a maneira como ele explode das minhas cordas vocais. Sei que pareço louca, porque não é só a Patrícia a olhar para mim como se eu estivesse possuída, mas sim toda a gente que está na paragem à espera. Paro abruptamente de rir, antes que comece a chorar, algo que me tem acontecido após um ataque de riso descontrolado. — Acho piada à maneira como falas. E em relação aos anos de humilhações a que me sujeitaste, não queres pedir desculpa?

— Sim, Mariana. Quero pedir-te desculpa em relação a tudo, porque obviamente tenho sido uma cabra contigo, sem motivo... — Ela estica-me um papel que me parece bastante familiar, embora não me dê logo conta do que é. — Queria também devolver-te isto.

Quando abro o papel, lembro-me imediatamente do porquê de ele me parecer familiar. É o bilhete que escrevi ao Alex e que desapareceu do meu cacifo no ano passado.

— Eu sabia que tinhas sido tu. És tão má porquê? — vocifero na sua direção, magoada e triste, porque este bilhete deveria ter sido lido pelo Alex, não por ela. Ela não tinha o direito de o ter roubado.

— Eu não sou má... Fui só estúpida ao longo deste tempo todo. Já era para te ter dado isto, mas depois do que me disseste há pouco, soube que tinha de ser hoje. Não espero que me perdoes agora, mas espero que um dia o consigas fazer.

— Não é a mim que devias devolver isto, mas sim ao destinatário.

— Eu sei e lamento não o ter feito.

— É tarde para lamentos. As desculpas não se pedem, evitam-se! — Viro-me para me ir embora, porque subitamente já não quero esperar pelo autocarro e quero apenas ir-me embora dali.

Sigo o meu caminho em direção a casa a pé e esforço-me ao máximo para não olhar para o antigo prédio do Alex, para a janela que sei que é a do quarto dele, ou melhor, do antigo quarto dele. Mas não consigo evitar. Como se de um impulso masoquista se tratasse, observo-a, dando-me conta de que nunca mais ali irei, de que todos estes momentos pertencem agora ao passado e não passam de memórias.

Capítulo 21

Alex, 17 anos

2008

O novo ano não traz consigo a alegria dos novos começos nem nada dessas *merdas* positivas que as pessoas tentam apregoar a cada ano que passa. Para mim, o novo ano apenas traz a continuação do meu luto e o aprofundamento desse estado, que apenas conhece quem já passou por ele.

Sinto que a cor dos dias mudou, que a luminosidade é diferente, mais esbatida, desbotada, quase sépia. O presente arrasta-se a uma velocidade diferente do habitual, num esforço hercúleo para continuar a realizar as tarefas mundanas, cansativas e desinteressantes, as quais gostaria de ignorar, mas não posso, porque, pelos vistos, o mundo não se compadece de eu ter perdido os meus alicerces e é necessário continuar a viver o presente e a construir o futuro, mesmo que o presente seja agora um aglomerado de dias de dor, solidão e angústia.

Estar de luto é muita coisa ao mesmo tempo. Não é só a sensação de perda que se sente desde o momento em que se acorda até ir novamente para a cama. Não é só ser invadido por lágrimas que não têm hora para cessar, não ter vontade de vestir outra cor além do preto, nem é só sentir o constante vazio no lugar do coração, como se este nos tivesse sido amputado sem aviso prévio.

Estar de luto às vezes é pura e simplesmente olhar para o teto sem reação, sentir vontade de me levantar e não conseguir, ou conseguir, mas ter de fazer um esforço para tudo. Não ter energia para nada e ter de descansar várias vezes a cada pequena tarefa.

Às vezes, é não ter sequer energia para fazer as coisas mais básicas, como lavar os dentes e tomar banho. É não ter paciência para ouvir ninguém e não ter paciência para fazer tarefas corriqueiras, por mais relevantes ou irrelevantes que sejam, como se tudo exigisse uma energia inexistente.

Estou a viver com o meu pai, mas é como se continuasse a viver sozinho. Não me dou conta de que ele repare no que eu sinto, ou então fá-lo de propósito, porque não sabe como me ajudar a lidar com isto. Insistiu para que eu tenha consultas no psicólogo ou psicoterapeuta (nem sei bem a diferença), às quais não me opus. Não me serve de nada opor-me e na realidade anseio por algo que me

permita lidar com tudo e possivelmente me ajude a aprender a ser feliz novamente, ainda que tenha as minhas dúvidas sobre a sua eficácia.

Estou a fazer terapia em espanhol, o que me tem ajudado bastante, não só a lidar com os meus sentimentos, como a expressar-me na língua. Comecei a frequentar a escola alguns dias depois de chegar e de me instalar na casa do meu pai, uma casa que claramente não estava pensada para um adolescente. Além da adaptação a uma casa e a uma pessoa diferente — o meu pai —, a adaptação à cidade é um desafio. Embora aprender a língua não tenha sido difícil, aqui é *tudo* diferente, começando pelas pessoas que são mais vivas, mais alegres. Eu sinto-me tudo menos alegre.

O meu pai chega sempre do trabalho perto da hora do jantar e encomendamos comida na maior parte das vezes. Já esperava que ele não fosse grande cozinheiro e não soubesse como se relacionar comigo. Nunca fomos exatamente próximos, mas antes julgava que isso se devia à distância entre nós, a não vivermos juntos e a sermos ambos demasiado reservados e orgulhosos para nos relacionarmos mais. Mas agora vivemos juntos há mais de dois meses e o que sinto é que estou a partilhar quarto com uma pessoa mais velha do que eu — não necessariamente o meu pai.

Já não consigo fotografar, embora tenha tentado, a pedido da minha terapeuta, com o intuito de reencontrar uma paixão que sentia antes, com o intuito de me reencontrar a mim próprio, mas não serviu de nada. Acabei por arrumar a máquina fotográfica e os vários rolos que ainda tenho por revelar. Não só não sinto ânimo para o fazer, como prefiro não ter de ver aquelas imagens que fotografei, aquelas que me transportam para aquele lugar feliz, ao qual sei que nunca mais voltarei, como na música do Rui Veloso.

Todos os dias penso na minha mãe e na Mariana. Sei o que deixei para trás e sei que nada vai ser como dantes. Resta-me sobreviver nesta nova versão de mim, a versão que perdeu o que tinha de mais valioso.

A cigana tinha razão.

Capítulo 22

Mariana, 16 anos

Adeus

2008

*Guardo-te no topo do Elevador da Boca do Vento, para sempre o nosso sítio;
Guardo-te no Jardim do Rio, onde podemos ver as estrelas ao anoitecer e
distinguir as diversas constelações;*

Guardo-te no sorriso que fazes quando coro e te digo que gosto de ti;

*Guardo-te num passeio pela Baixa, no qual te ajoelhas e me pedes em
casamento;*

*Guardo-te na Feira de Corroios, onde nos abraçamos ao som da voz do André
Sardet;*

*Guardo-te nos meus sonhos e nos meus devaneios, mesmo naqueles que sei
que nunca se concretizarão;*

*Guardo-te no recanto mais puro e feliz da minha mente, no sítio mais
brilhante e quente do meu coração, por tudo o que foi e pelo que deixou de ser;
por tudo o que poderia ter sido e não foi, mas especialmente pela pessoa que
descobri ser, depois de te conhecer.*

*Guardo-te dentro de mim, mesmo que tu nunca recebas esta carta, mesmo que
tu nunca entendas o seu sentido.*

Depois de embalar todas as minhas coisas, chega o momento de me despedir de vez desta cidade, onde cada recanto tem uma memória, onde cada esquina me espoleta um pensamento. Estou à porta da antiga casa dele, que tem um letreiro na janela a dizer «Vende-se» e, apesar de não viver cá ninguém, sinto que preciso de fazer isto, como que para selar esta fase da minha vida.

Talvez estas palavras nunca cheguem à sua posse, talvez ele nunca as leia, ou porque não teve conhecimento, ou simplesmente porque não quis, mas vou deixar-lhas. Seria injusto da minha parte não o fazer, não lhe dar nenhum indício do que poderá ter de volta, caso assim queira.

Talvez os avós lhe digam que chegou alguma coisa para ele, ou talvez nem vejam a caixa de correio antes de venderem a casa. Talvez decidam não perturbar

o neto com patéticas. Talvez, talvez.

O envelope diz apenas «Para o Alex». Coloco-o na sua caixa de correio, a que corresponde ao 7.º direito.

Antes de me ir embora, toco na caixa de correio, e certifico-me de que a carta entrou pela ranhura. Parece-me que sim, porque não está no chão e não a tenho na mão. Também não está na minha carteira e tenho mesmo quase a certeza de que, ainda há apenas segundos, a vi a ser engolida no interior da caixa de correio.

Respiro fundo e olho de novo em volta, antes de decidir afastar-me de vez.

Se me for embora agora, talvez ele regresse, penso.

*

Quando chego a casa, já a carrinha das mudanças chegou e grande parte da nossa mobília se encontra dentro da mesma. As minhas coisas encaixotadas estão agora a ser transportadas para o seu interior.

Após uma discussão acesa com os meus pais, concluíram que não consigo e não posso — simplesmente *não posso* — continuar naquela escola nem nesta cidade.

Apesar de os meus pais já cá viverem há alguns anos, de o meu pai ser o Presidente da Câmara de Almada e do seu mandato ainda durar mais um par de anos, continuar aqui já não é uma opção e os meus pais também concordam com isso. Houve muitas coisas a mudar nos últimos meses.

A minha mãe também trabalha neste lado da margem do Tejo, por isso uma mudança para o outro lado do rio não era o ideal para nenhum deles neste momento, visto terem de passar a atravessar a ponte diariamente para virem trabalhar. No entanto, estava fora de questão mudar-me e ficar a viver sozinha, visto que ainda nem dezassete anos tenho, pelo que virão comigo para Lisboa, para uma casa da qual são proprietários e que tem estado arrendada, mas cujo contrato terminou há pouco tempo.

Sou um eco do que fui outrora, um fantasma que deambula por estas ruas habituais, que mais não são do que uma constante recordação de que perdi tudo o que me fazia feliz.

Mudar-me-ei para a capital, onde começarei uma nova vida, longe das esquinas que me assombram com memórias de um passado que não volta.

PARTE 2

*E o mundo segue
Sem olhar para nós
Queremos tudo
Mas vivemos tudo a sós*

«A Terra Gira» — Os Quatro e Meia

Capítulo 23

Mariana, 19 anos

Setembro de 2011

Assim que transponho a porta do metro da Cidade Universitária, sou automaticamente interpelada por um grupo de jovens vestidos de preto da cabeça aos pés. Dou-me conta imediatamente do que me espera. Afinal, apesar de não estarmos em Coimbra, as praxes aqui também existem e não começam na faculdade, mas sim à saída da carruagem do metro.

Mal acabo de transpor a porta, avançando com o meu pé direito, como faço sempre quando entro ou saio de algum sítio, um dos rapazes do grupo aproxima-se de mim e pergunta-me:

— Caloira?

— Sim... — respondo-lhe, um pouco a medo, sem saber o que me espera. Olho-o nos olhos quando lhe respondo, reparando na sua tonalidade azul, como se um oceano lhe corresse no interior das íris. O cabelo é castanho-claro, liso e um pouco comprido, emoldurando-lhe o rosto moreno como se de um modelo se tratasse.

— Faculdade? — pergunta novamente com aquele ar arrogante, que me começa a irritar um bocadinho, enquanto me intriga.

— Direito — respondo-lhe, olhando para ele e observando a expressão de contentamento.

Ele faz um meio-sorriso de satisfação, como se fosse precisamente a resposta que queria ouvir dos meus lábios.

— Caloira, de olhos no chão. Não podes olhar nos olhos do teu veterano sem autorização expressa — diz-me, vangloriando-se de hoje ser superior a mim, por envergar um fato preto e uma capa preta colocada aos ombros.

— E de que forma é que consigo uma autorização expressa para poder olhar para *ti*? — respondo-lhe, destemida, olhando-o nos olhos, sem baixar a cabeça, contrariando a ordem que me acaba de ser dada.

Parece que volto a dizer a coisa certa, porque ele volta a dirigir-me um sorriso enviesado.

— Como te chamas? — Talvez seja impressão minha ou pura imaginação, mas sinto alguma diferença na maneira como fala comigo, talvez por eu não ter

baixado a cabeça ou quiçá por outro motivo qualquer, para mim desconhecido.

— Mariana. — Agora, com dezanove anos, já consigo dizer o meu nome corretamente, assim como a maior parte das palavras que contenham a letra «r». Quem me conhece agora nunca diria que tive um problema de dicção durante anos, até o conseguir contornar com sessões de terapia da fala.

— Gosto da tua atitude, caloiira Mariana. Mas outros colegas meus podem não ser tão complacentes — informa-me baixinho, começando a andar no sentido da saída.

Encaminha-me para as escadas de acesso à saída do metro, amparando-me ligeiramente a zona lombar, como se não quisesse que eu me afastasse demasiado.

— Se alguém perguntar, já estás a ser praxada pelo grupo do Miguel Vila Nova, do Fred e do Gonçalo — sussurra-me, enquanto me deixa na zona dos torniquetes, voltando-se novamente na direção do metro, para ir buscar mais caloiros.

— E qual deles és tu?

— Eu sou o Miguel — volta a fitar-me e dá-me um «passou-bem», camuflado na sua capa preta. Calculo que não possa ter contacto físico tão amigável ou até que não possa ter qualquer contacto físico com os caloiros.

Vejo-lhe a capa esvoaçante quando se vira de costas para mim e observo a ondulação do seu cabelo castanho. A sensação que tenho é a de déjà-vu, porque já não sentia este interesse por alguém há muitos anos.

Ele volta-se novamente, apanhando-me a olhar para ele. Faz um sorriso e pisca-me o olho, de uma maneira críptica cujo significado não sei desvendar.

*

Passada cerca de uma hora, estamos praticamente todos amontoados em pequenos grupos, com mais ou menos pessoas, dependendo da quantidade de caloiros que os veteranos trajados conseguiram apanhar no metro e à porta da faculdade.

Há várias coisas que já consegui perceber do pouco tempo em que estive aqui. Em primeiro lugar, e foi o que me deixou mais descansada, é que hoje é o único dia de praxe e até ao final desta primeira semana vão existir várias atividades de lazer, festas, voluntariado, *peddy papers* e *rally tascas*, mas pelo menos praxes será só hoje. Em segundo lugar, estas pessoas trajadas já têm três matrículas, daí apelidarem-se veteranos que podem praxar.

Olho em volta, para assimilar as suas caras e posturas. Todos falam entre si, mas percebe-se um clima de grande competitividade, como se houvesse um

prémio no final do dia para os melhores veteranos, para os que reuniram mais caloiros, para os que praxaram melhor. Não faço ideia.

— Caloiros, sejam bem-vindos à melhor faculdade de Direito do país! — grita um deles, o que segura uma enorme colher de pau quase do seu tamanho. — Hoje é o dia da vossa praxe! E porquê apenas um dia, podem vocês perguntar? Porque não uma semana ou um mês de praxe como em muitas das outras faculdades, inclusivamente da Universidade de Lisboa? Porque aqui, na FDL, o resto da vossa praxe dura quatro anos até ao final da licenciatura! Por isso, o dia de hoje é apenas o começo da vossa vida académica. Aproveitem-no sem medo, cumprindo sempre as ordens dos vossos veteranos!

Aquele veterano chamado Miguel que conheci no metro olha na minha direção. Cruzamos olhares e ele aproxima-se de mim, sussurrando-me ao ouvido.

— Não te preocupes, no meu grupo, eu protejo-te.

Aquele comentário, que sem sombra de dúvida tem o objetivo de ser simpático, transporta-me para outra época, para outro momento da minha vida. O Alex disse-me o mesmo no dia em que nos beijámos pela primeira vez, precisamente no momento que antecedeu a nossa entrada naquela casa abandonada. Simultaneamente, tenho vontade de revirar os olhos com o seu comentário, como se eu *precisasse* dele para me proteger, como se eu fosse uma menina indefesa só porque sou caloir. Ele não sabe nada sobre a minha vida nem pelo que já passei.

— Não preciso da tua ajuda — respondo-lhe assertivamente.

— Nunca disse que precisavas, mas é bom termos quem nos ampare, não só ao longo do dia de hoje como ao longo do curso.

Calo-me, porque não me parece muito inteligente comprar uma guerra com a única pessoa que tentou fazer algum tipo de amizade e socializar comigo nesta faculdade onde ainda não conheço ninguém. Bom, a não ser a Melissa, a minha melhor amiga desde que me mudei para Lisboa e passei a frequentar aqui a escola secundária, mas tenho a certeza de que não virá hoje, tendo em conta o desgosto amoroso que está a ultrapassar.

Por enquanto, decido adotar uma atitude mais branda com este Miguel, embora ele pense que sou apenas uma miúda vulnerável. Desvio o olhar do dele, sem dar o braço a torcer.

Colocam-nos a todos uma coisa na cabeça que se assemelha a orelhas de burro: aliás, *são* orelhas de burro e teremos de andar com elas ao longo do dia de praxe.

A primeira atividade é algo efetivamente nojento e consiste em andarmos ajoelhados com um dos nossos pés descalços ao longo do átrio da faculdade, no

qual está montado um corredor de praxe composto por vários alunos veteranos, enquanto nos fazem perguntas variadas, nos atiram farinha e nos dão a beber vinho traçado com uma colher de sopa.

Ao todo, devem ser cerca de dez veteranos com uma panela cada um e vão retirando vinho à colherada e dando aos caloiros, à medida que eles respondem às várias perguntas que lhes são feitas.

O que me faz mais confusão nem é o sabor horrível do vinho barato, mas sim sentir o meu pé descalço e cheio de farinha misturado com a bebida. Tenho de me abstrair do incómodo que essa sensação me causa, tento ignorar e reprimir os meus pensamentos, neutralizando-os como normalmente faço. Conto calmamente até dez, verifico os pertences guardados na minha bolsa, assim como o modo como ando. Posiciono os pés para não pisar nenhum dos riscos das juntas do pavimento, como tento fazer sempre, acreditando que, assim, nada de mal acontecerá. Fico menos ansiosa assim que termino todas as verificações e rituais.

À medida que avançamos no corredor e mudamos de veterano, temos de responder às perguntas deles sem os olharmos nos olhos, sempre com a cabeça baixa. Caso acertemos nas perguntas, podemos passar para o veterano seguinte sem nenhum tipo de sanção. Caso erremos, pintam-nos a cara e o corpo com batom ou lápis de olhos e temos de levar um cartaz com piadas jurídicas pendurado ao pescoço, como «Estou em estado de necessidade», «Gosto de levar com as 12 tábuas» ou «Não sou cheque, mas sou bom para endosso».

Que quer dizer *ars inveniendi*? Quantos deputados tem a Assembleia da República? Quem foi o primeiro Presidente da República Portuguesa? Estas são algumas das perguntas que nos fazem ao longo do corredor.

— Que significa *dura lex, sed lex*? — pergunta-me um dos veteranos, o último que me falta para terminar o percurso de praxe.

Tento esconder o sorriso que se começa a formar, porque, de todas as perguntas que me podiam ter feito, sei responder a esta. Há muito tempo que sei que *lex* significa lei em latim. O motivo pelo qual o sei é por esta palavra ser o nome querido que chamava ao Alex, reduzindo ainda mais o seu nome, como se Alex já não fosse diminutivo suficiente. Há anos que não oiço esta sonoridade nem penso no seu significado para mim. Tento ao máximo abstrair-me de todas as memórias que surgem associadas àquela palavra e concentro-me em já terem passado quatro anos e de agora não ser o momento para autocomiseração. *Estás na praxe da faculdade, recompõe-te*, ordeno a mim própria.

— A lei é dura, mas é a lei — respondo, de cabeça erguida e olhando-o nos olhos, não porque me tenha esquecido que os caloiros não podem fazer isso, mas

porque quero ver a sua reação por eu saber o significado da expressão em latim.

— Muito bem, caloiira. Nada mau, mas como não cumpriste as ordens que os veteranos te deram na praxe, vamos atribuir-te um nome de praxe — diz-me, contente por me ter apanhado. — Ei, Miguel, tens aí o lápis de olhos?

Não o via desde que nos começámos a alinhar para o corredor de praxe, mas aparece ao meu lado subitamente assim que ouve o seu nome, como se na realidade sempre ali tivesse estado, a dois passos de mim. Aproxima-se e coloca a mão na minha testa, desviando alguns dos cabelos da minha franja, começando em seguida a escrever.

— O que escreveste? — pergunto-lhe, assim que termina.

Estende-me um espelho de bolso que se encontra guardado num dos seus bolsos e estica-o na minha direção. Observo o meu reflexo com a palavra «rebelde» escrita na testa. Creio que podia ser pior.

Terminado o percurso e chegada ao final do corredor, recebo um certificado com o meu nome que atesta que fui praxada. Fico em pânico quando me dizem que tenho de cortar uma madeixa de cabelo para colar com fita-cola no certificado de praxe.

— Vou cortar-te só um bocadinho, não precisas de ter medo — diz-me ele, o meu cavaleiro andante que, embora não queira admitir, me tem ajudado a sentir mais segura e amparada. — Eu disse-te que te protegia. — Sorri-me, enquanto corta meio centímetro de uma pequena madeixa de cabelos.

— Obrigada — digo-lhe, passando por ele e encaminhando-me para um anfiteatro, o próximo destino de todos os caloiros.

O Anfiteatro 1 situa-se mesmo em frente à entrada da faculdade e é o mais emblemático, bem como o maior, tendo capacidade para albergar centenas de caloiros. Alguns já não conseguem arranjar lugar sentados, optando por ficar ao longo da escadaria que circunda as várias filas de cadeiras. Pouco depois de entrar, começo a sentir-me extremamente tonta e maldisposta, em parte devido à quantidade de vinho que fui forçada a beber, em parte devido ao vapor quente que se faz sentir aqui dentro, e às centenas de pessoas que me rodeiam, sem uma única janela aberta. As janelas não só estão fechadas como estão vedadas com sacos de lixo pretos, talvez para obstruir tudo o que se passará aqui dentro.

Sinto umas mãos a segurarem-me, antes de perceber que me encontro deitada ao longo da escadaria. Várias orelhas de burro observam-me e balbuciam coisas que não consigo discernir. Vejo um vulto preto a aproximar-se, antes de perder os sentidos.

Quando acordo, estou deitada numa mesa dura e não está ninguém à minha volta. Reparo que já não tenho as minhas orelhas de burro, que se encontram em cima da mesa ao meu lado. Levanto-me devagar, ainda a sentir-me bastante tonta, mas já conseguindo colocar-me na vertical. Continuo sem saber ao certo o que aconteceu e quanto tempo passou, mas neste momento já consegui perceber que desmaiei. Outra vez. Tenho uma tendência enorme para desmaiar, sobretudo quando a minha tensão arterial fica baixa. Aquele anfiteatro estava tão abafado... Oíço várias pancadas vindas de outro piso — talvez seja do piso de cima? — e começo a colocar a minha outra sapatilha, que está junto das orelhas de burro e da minha mala que trouxe a tiracolo.

Não me dou conta da presença dele quando entra na sala e se coloca na soleira da porta a fitar-me.

— Já te sentes melhor? — pergunta-me.

— Sim, obrigada — replico, antes de acrescentar: — Suponho que tenha desmaiado, certo?

— Sim, desmaiaste no Anfiteatro 1 e eu trouxe-te para aqui.

— Ao colo?

— Sim, ao colo. Não és assim tão pesada, não te preocupes — declara, rindo-se.

— Bem, obrigada. Tenho de voltar lá para cima, certo?

— Não, se não quiseres. Está mesmo demasiado abafado lá dentro. Já houve outras pessoas que tiveram de sair e além disso está quase a acabar.

— Já? — pergunto-lhe incrédula, ao verificar que já são quase quatro da tarde.

— As praxes aqui são mais calmas...

— Sim, já sei, porque vamos ser praxados ao longo do curso, não é?

— É uma maneira de ver as coisas, sim. Vais sentir um pouco isso ao longo do curso. Não na parte de nos obrigarem a beber vinho tinto rasca descasos, claro.

Eu rio-me, porque, apesar de tudo, ele não me parece ser um daqueles tipos que estejam preocupados em seguir o Código da Praxe à risca.

— Se não te sentires bem, podes ir para casa e vemo-nos amanhã outra vez. É o primeiro dia de aulas e à tarde há mais atividades.

— Está bem — respondo-lhe, sem tirar os meus olhos dos dele e aproximando-me da saída da sala, ou seja, dele.

— Mas não sem antes me dares o teu número — acrescenta, quando já estou a passar por ele e a virar-me para me ir embora.

— Isso faz parte do Código da Praxe? — pergunto-lhe, desafiadora.

— Não sei se já percebeste... — começa a falar, mas depois aproxima-se de

mim e sussurra-me ao ouvido o resto da frase —, mas estou-me completamente a cagar para o Código da Praxe — diz-me, voltando a olhar para mim intensamente.

— Então porque havias de querer o meu número?

— Porque numa faculdade com cerca de seiscentos novos caloiros, não posso arriscar perder o contacto contigo — diz-me, de forma calma e firme.

E foi assim que, no primeiro dia na universidade, eu conheci o Miguel, o meu primeiro amigo neste edifício de betão, no qual as praxes duram um dia, mas se prolongam ao longo de quatro anos de curso.

Capítulo 24

Mariana, 20 anos

Setembro de 2011

A semana do Azeite — que precede as inscrições na faculdade e a semana de acolhimento aos caloiros — termina com a famosa festa *sunset* do Porco no Espeto que ocorre num dos bares da faculdade, o famoso e emblemático *bar velho*. Este não é o único acontecimento do dia de hoje, porque hoje é simultaneamente o dia do meu aniversário, embora aqui ninguém saiba porque não me conhecem há tempo suficiente.

Já me encontro com algumas das pessoas que fui conhecendo ao longo dos últimos dias aqui na faculdade: conheci algumas delas no dia de praxe; conheço outras, porque calharam na minha subturma. Infelizmente, a Mel ainda não veio à faculdade e entristece-me não passar os primeiros dias do semestre com ela, mas as pessoas com quem falo fazem-me lembrar dela e acredito que ela vá gostar delas quando as conhecer.

— Mariana, vou com a Sofia buscar mais porco, queres que traga para ti? — pergunta-me a Joana, uma das minhas novas amigas.

— Não, obrigada. Eu não como porco — respondo-lhe com um esgar. Na realidade, é quase uma tortura para mim estar aqui a sentir o cheiro do animal e saber que o pobre coitado está ali a meia dúzia de metros a dar voltas e voltas no espeto. — Fico-me pela fatia de piza e cerveja, mas obrigada.

Elas afastam-se, deixando-me a guardar a mesa onde estamos sentadas no bar.

— Com que então a *minha* caloira não gosta de porco? — oiço a sua voz atrás de mim e precipito-me a olhar para ele.

Já o tinha visto de relance, com o seu ar de veterano bem arrumadinho, mas nunca iria falar com ele rodeado de outros veteranos. Tento não dar relevância à utilização do pronome possessivo, que, por um lado, me deixa com vontade de sorrir.

— Não. Na realidade, odeio. — Termino a minha cerveja, talvez a terceira ou quarta da noite. Afinal, só se faz anos uma vez no ano e o meu dia de aniversário traz demasiadas memórias, as quais preciso de inebriar com alguma bebida.

— E uma cerveja, posso oferecer-te? — pergunta-me.

— Uma cerveja pode ser, até porque preciso de brindar ao meu aniversário. —

Não sei o que me leva a revelar que faço anos, mas a realidade é que este rapaz me transmite uma sensação de paz e amizade como... bem, como não sinto há muito.

— Fazes anos hoje? — pergunta-me, espantado.

— Sim. — Rio-me, uma vez que, por algum motivo, me sinto alegre, neste dia que já não é alegre há alguns anos. Talvez essa alegria se deva à quantidade de cervejas que já bebi esta noite.

— Então precisas mesmo de um copo. Ainda bem que ao menos temos esta festa para comemorarmos juntos.

Acho que fico um pouco corada assim que oiço a palavra *juntos* saída da boca dele, da boca de um rapaz que tem três matrículas, que me praxou, que me conhece há apenas alguns dias e em relação ao qual sinto algo, uma familiaridade, uma sensação estranha, como se ele estivesse na iminência de se tornar importante para mim.

— Anda, vem comigo — diz-me, estendendo-me o braço para o acompanhar.

— Onde vamos?

— Confias em mim? — pergunta-me.

— Não é que tenha grandes motivos para confiar, pois não? Mal te conheço. Sei que és o Miguel, que estudas aqui, que és veterano e que me ajudaste no dia das praxes. Não sei muito mais.

Ele ri-se, mas concorda comigo.

— Tens toda a razão. Ainda não nos conhecemos muito bem, mas eu prometo que podes confiar em mim. Sou provavelmente o rapaz mais certinho que conhecerás na faculdade. Quero acabar o curso com uma média de, no mínimo, dezasseis valores. Não vais correr nenhum risco comigo.

A Joana e a Sofia chegam nesse momento com dois pratos com várias fatias de carne de porco, por isso, se já estava inclinada a aceitar a sua mão estendida, este passou a ser o momento ideal para me ir embora. Decido ir com ele, mesmo sem saber onde me leva.

Subimos umas escadas vedadas à maior parte do público, mas que ele me garante não ser nada ilegal nem interdito.

— O meu amigo Fred pertence à Associação e garantiu-nos que podemos vir para aqui na boa. Confia em mim.

É complicado confiar em alguém que praticamente não conheço, mas depois lembro-me que esta pessoa já me ajudou, quando desmaiei há alguns dias, no dia das praxes, por isso dou-lhe o benefício da dúvida e continuo a subir.

Assim que chegamos ao cimo da escadaria, abro a boca de espanto, porque estamos num dos telhados entre o bar velho e o bar novo, bares contíguos da

Faculdade de Direito, tendo uma vista para a festa de um patamar mais elevado.

— Uau, isto é incrível. Não tinha reparado que era possível subirmos aqui acima.

Sentamo-nos no chão, a olhar de cima para a festa que decorre uns metros abaixo dos nossos pés. O telhado é totalmente a céu aberto e por cima de nós apenas algumas estrelas são visíveis. Como sempre, a Ursa Menor destaca-se no céu como a constelação mais visível, ainda que seja a mais pequenina. Tento reprimir toda e qualquer recordação que me leva até há quatro anos, quando falámos nas estúpidas constelações.

— Conta-me algo que ninguém saiba sobre ti — incita ele, quando já estamos ambos sentados ao lado um do outro, com as mãos a rodear os respetivos joelhos.

— Ninguém? — questiono e rio-me, já um pouco ébria. É certo que não lhe posso contar *aquilo*, apesar de ser a primeira coisa em que penso assim que ele me diz isto; e de ser algo que nunca sai da minha cabeça, também. A segunda única coisa que lhe poderei contar também o deixará extremamente surpreendido. Mas não me consigo lembrar de mais nada. Estas são as únicas duas coisas das quais não me consigo esquecer. — OK... então, ninguém sabe, mas eu já estive noiva — respondo-lhe.

— Noiva? A sério? — Mostra-se incrédulo, mas não o condeno. É uma situação bastante invulgar.

— Sim, estivemos mesmo quase a formalizar tudo. Já tínhamos praticamente tudo definido. Só faltava irmos ao registo e marcarmos a data... Era para ser há quatro anos, em outubro, mas depois... aconteceu uma coisa que levou a que tudo se virasse de pernas para o ar.

— O quê?

Faço uma pausa, arrependida de ter introduzido o assunto. Não queria estar a falar nisto e ele vai certamente ficar assustado com o final da história, mas não me resta alternativa a não ser contar-lhe, já que comecei a falar deste tema.

— A mãe dele morreu. Ele foi-se embora e nunca mais falámos. Enfim, uma desgraça — conto-lhe, ansiosa por mudar de assunto.

— Bem, não estava nada à espera dessa revelação. Mas foi algo inesperado?

— Não. Quer dizer, mais ou menos. Sabíamos que ela estava mal, foi até por isso que queríamos adiantar o casamento em vez de esperar até sermos maiores, mas ela não aguentou o sofrimento e... suicidou-se.

— Credo! Oh, que horror — comenta, espantado.

— Bem, querias algo que ninguém soubesse sobre mim e eu nem sei porque te fui contar esta coisa tão sórdida. Só os meus pais é que sabem disto.

— Não estava à espera de algo tão intenso, confesso. Mas... Bem, se calhar não era mesmo para ser, sabes?

— Pareces os meus pais a falar — respondo-lhe, visivelmente irritada.

— Não estou a dizer isto no mau sentido. Foi, de facto, uma tragédia..., mas acreditas no destino?

— Não, não acredito. Acho que o destino somos nós que o fazemos, com as nossas atitudes. Nada está definido. Temos livre-arbítrio para fazermos as nossas escolhas e lidarmos com elas.

— Tu querias mesmo ter casado com ele, não querias?

— Queria, sim. Mas já passou, já aprendi a lidar com a ausência dele e com o facto de que o que vivemos pertence ao passado. Acho que crescer é mesmo isso, não achas? Percebermos que nem tudo acontece como planeamos aos dezasseis anos e simplesmente seguir em frente.

— Penso que sim. Mas também não te saberia dizer. Nunca gostei de ninguém, a ponto de sentir que gostaria de me casar. Nem sei se isso alguma vez acontecerá. Casar não é propriamente algo que esteja nos meus planos.

— Isso é porque ainda não encontrei a pessoa certa. Mas depois vais saber — respondo-lhe, enquanto olho para ele e dou mais um gole na minha cerveja, que, na realidade, já está morta.

O meu telemóvel começa a vibrar e tiro-o da minha pequena mala que trago a tiracolo. O número é privado e é quase meia-noite, por isso decido nem sequer atender. Os meus pais sabem que vim a uma festa e nunca me ligariam com número privado.

— Não vais atender?

— Não sei quem é. Não atendo números privados, sobretudo a esta hora da noite. Provavelmente é alguém que deve querer gozar comigo...

— Costumas receber chamadas destas? — pergunta-me, um pouco apreensivo.

— Com frequência, não. Mas de vez em quando acontece. E sempre que atendo, ninguém me responde do outro lado, até que acabo por desligar. Mas agora não vou atender, especialmente com este ruído de fundo.

— Posso atender eu?

— Porquê?

— Se for alguém a querer gozar contigo, eu digo-lhe para ir para o caralho — responde e ri-se, fazendo-me rir também com aquela sua maneira simples e prática, quase cativante, de dizer as coisas, aliada ao seu sorriso cinco estrelas.

Anuo e passo-lhe o telemóvel, que ele atende sem hesitar.

— Sim, quem fala? — diz, assim que carrega no botão de atender a chamada.

Não oiço a resposta que lhe dão do outro lado da linha, obviamente, mas percebo que desta vez alguém fala, porque o Miguel responde.

— A Mariana neste momento não pode atender. Posso dizer que ligaste mais tarde. — Ele faz uma curta pausa e depois continua: — Ela agora não pode atender, porque está ocupada a conhecer o seu futuro namorado.

Fico com os olhos um pouco arregalados, quando oiço o que ele acaba de dizer, questionando-me o que devo fazer a seguir, quando terminar a chamada. Já não namoro há tanto tempo, que acho que já nem sei como é. Sinto as minhas faces a ficarem coradas, dando graças a Deus por ser noite e ele não poder dar conta disso.

Quando desliga, olha para mim com o mesmo sorriso de há minutos.

— Desligou. Era alguém a querer falar contigo. Talvez para te dar os parabéns?

— Talvez..., mas não te disse quem era? — pergunto-lhe.

— Não, só que era um familiar teu e que ligava mais tarde.

Questiono-me relativamente a quem poderia ser. *Algun dos meus primos que se esqueceu de me ligar ao longo do dia, provavelmente*, penso. A minha atenção é subitamente desviada para aquele sorriso se ter aproximado de mim e estar apenas a centímetros da minha cara. Não sei se estou a interpretar bem, mas os olhos que pertencem à pessoa daquele sorriso magnífico estão a fechar-se ligeiramente.

Quando dou por mim, os lábios dele encontram-se colados aos meus, num beijo doce e meigo. Não há fogos de artifício nem borboletas na minha barriga, mas faz-me sentir bem e segura.

Capítulo 25

Alex, 20 anos

Setembro de 2011

Tenho-me sentido muito instável ao longo do dia, por saber que hoje é o dia do aniversário dela, bem como o dia em que partilhámos o nosso primeiro momento de intimidade. Já deixei passar quatro aniversários dela, lembrando-me sempre que é o dia dela, mas finjo não saber, não me lembrar, não me preocupar, porque nunca a contactei.

Penso sempre: *porquê?* O que iria mudar? De que adiantaria?

Enfim, é por esse mesmo motivo que já agarrei várias vezes naquele bocado de papel amarrotado com o seu número de telemóvel e o voltei a guardar, porque me arrependi, porque voltei a ser assoberbado pela minha síndrome de impostor e pelos pensamentos de que não há qualquer motivo para lhe ligar agora.

Neste momento, tenho pouco mais de meia hora para me decidir, porque o seu dia de aniversário está prestes a terminar.

Começo a marcar o número no meu telemóvel, com o coração aos saltos, mas volto a apagar o número dela, demonstrando o que realmente sou: um covarde.

Das outras vezes em que lhe tentei ligar, também foi isto que senti. Consegui marcar o número e ela atendeu-me, mas não consegui dizer nada. Fiquei só a ouvir o silêncio do outro lado da linha depois do primeiro «estou?».

Volto a abrir o livro que estava a ler e assusto o meu gato *Louis* que dorme em cima das minhas pernas ao atirar o telemóvel para o fundo da cama, para não me sentir novamente tentado a alcançá-lo. Em seguida, guardo novamente o papel amarrotado na respetiva caixa da minha mesa de cabeceira.

Tento continuar a ler *La Sombra Del Viento*, o livro preferido da minha mãe, pela quinta vez na minha vida, mas acabo por ficar minutos a tentar concentrar-me e não consigo avançar além da página em que estou. Volto várias vezes atrás, sem me conseguir focar no que está a acontecer. Foco-me apenas em quanto gostaria de ter coragem para enfrentar os medos da minha mente.

Concentro-me o suficiente para ler até ao final da página, até deparar com uma das minhas passagens favoritas: «O destino costuma estar na curva de uma esquina. Como se fosse uma linguça, uma puta ou um vendedor de lotaria: as três encarnações mais comuns. Mas uma coisa que ele não faz é visitas em

domicílio. É preciso ir atrás dele.»

Dou um grito abafado, desesperado com a minha cobardia. É quase como se eu soubesse que tenho de lhe ligar, como se não pudesse deixar passar mais um aniversário sem lhe dar os parabéns, sem lhe dizer que, apesar da distância, apesar do passar do tempo, para mim é como se aquele último dia em que nos vimos tivesse sido ontem, como se o tempo tivesse cristalizado aquele momento e o tempo não tivesse passado desde então.

Volto a fechar o livro, volto a ir buscar o papel amarrotado e alcanço o meu telemóvel, mexendo-me um pouco e perturbando o *Louis*.

— Desculpa, *Louis*, valores mais altos se levantam — digo ao meu gato com ele a olhar-me e a fechar-me novamente os olhos, como se me desculpasse.

Carrego no botão de chamar. A cada toque, os meus batimentos vão ficando mais acelerados, perante a possibilidade de ela finalmente me atender. São 23h50 e não acredito que já esteja a dormir no dia do seu aniversário. Espero que não esteja numa discoteca, para podermos falar.

— Sim, quem fala? — atende uma voz masculina, com um barulho de fundo quase ensurdecedor.

— Estou à procura da Mariana — respondo, intrigado —, sou um... familiar dela.

— A Mariana neste momento não pode atender. Posso dizer que ligaste mais tarde.

— Onde é que ela está? — pergunto, não achando piada nenhuma a esta conversa, não acreditando nem um pouco no que este rapaz me diz do outro lado da linha. — E tu, quem és?

— Ela agora não pode atender, porque está ocupada a conhecer o seu futuro namorado — responde-me a voz, com um ar gingão e seguro de si. Provavelmente ela está mesmo ao seu lado neste momento.

Sinto um baque quando oiço o que diz e quando reflito nas suas palavras. Não é algo extraordinário e devia ser algo de que eu já estivesse à espera, certo? Por que razão é que ela não haveria de ter namorado? Uma pessoa tão fantástica e incrível como ela... Ainda assim, dói-me ouvi-lo. Sinto o meu coração a afundar-se como uma âncora.

— Não faz mal, eu depois ligo-lhe, então — atiro e desligo imediatamente a chamada, antes que me pergunte sequer o meu nome e quem sou.

Sinto-me vazio, como se tivesse sido traído pelo meu instinto, que me obrigou a ligar-lhe, que praticamente me fez acreditar que era seguro, que era uma boa opção desejar-lhe finalmente um feliz aniversário, e a altura perfeita para lhe dizer que, por muito que os anos passem, os sentimentos não mudam.

Olho para a parede do meu lado direito onde tenho emoldurada a sua carta. Só tive conhecimento dela no ano passado, quando os meus avós me vieram visitar a Madrid. Recuso-me a ir a Portugal, especialmente a Almada. Bastam as memórias que tenho inculcadas. Os meus avós disseram-me que estava na caixa de correio e que vinha endereçada a mim, que já estava lá em casa há anos, mas que não pensaram ser importante. Assim que vi a letra manuscrita, engoli em seco, pois sabia de quem era. Não fui capaz de ler a carta imediatamente. Esperei que fossem dormir, para me enclausurar no meu quarto e abrir o envelope com cuidado.

Atualmente, tenho-a emoldurada e pendurada na parede, lembrando-me que houve uma altura em que ela sentia aquilo por mim, que me guardava no seu coração e no fundo do seu ser para sempre, mesmo que isso já não seja real.

Desligo tudo, a luz e o telemóvel e aninho-me na minha cama com o *Louis*. Se pudesse, desligava também o meu coração.

Porque tem de doer assim tanto?

Capítulo 26

Mariana, 21 anos

Dezembro de 2012

«‘Cause I remember, girl, I was the one who said, “Put your lips like this”».

Quando aquela música começa a tocar, sou transportada para uma dimensão que já não me lembrava que existia: uma dimensão em que volto a ter catorze anos e estou apaixonada pelo meu melhor amigo. Sinto a visão turva e uma ligeira vertigem devido a este regresso a um passado esquecido.

— Estás bem, amor? — pergunta-me o Miguel, quando vê a minha expressão de confusão ou de tontura.

— Não, nem por isso. Acho que vou apanhar um pouco de ar — respondo-lhe, encaminhando-me para a saída.

— Se calhar já bebeste demasiado — diz-me, com um tom condescendente, ou sou eu que o interpreta assim.

De qualquer modo, não digo nada. Não lhe respondo, porque neste momento não quero sequer olhar para ele. *Não era ele que devia estar aqui. Eu não devia namorar com ele.* Recrimino-me mentalmente por ter estes pensamentos. O Miguel é meu namorado há cerca de um ano, desde que nos conhecemos no dia das praxes, em que ficámos amigos e essa amizade evoluiu para algo especial. No entanto, são muitos os momentos em que começo a questionar tudo, nomeadamente o porquê de estar numa relação em que sinto que não o amo — pelo menos não como já amei.

Sei qual é o sabor do amor e sei que não sabe a isto.

Aquela música faz um *trigger* mental em mim e desperta-me do estado normal de apatia em que vivo, no qual me tento esquecer de que tenho um passado que me custa apagar.

Coloco o copo vazio em cima do balcão à medida que me direciono para a saída, para apanhar ar.

Não fumo, mas sinto uma necessidade súbita de o fazer. Peço um cigarro a um grupo de raparigas que estão cá fora a fumar. Uma delas cede-me um cigarro, dando-se conta dos meus nervos, visíveis pelo tremor das minhas mãos.

Quem diria que uma música imbecil dos anos dois mil me faria ficar assim? Mas o problema não é a música, são os momentos que ela me faz lembrar.

Aquele primeiro dia na casa dele...

Sorvo um longo trago de nicotina, esperando que me acalme, embora saiba que preciso de algo mais forte. A minha visão continua turva, claramente devido ao que já bebi. O Miguel tem razão, para variar. Perco um bocado o controlo nestas festas, porque me quero mesmo abstrair de tudo. Preciso de beber mais assim que entrar lá dentro novamente.

— Ei, queres uma passa? — pergunta-me uma das miúdas a quem cravei um cigarro há poucos minutos.

Aproximo-me dela, agradecendo com um aceno de cabeça e dando uma passa.

— Está tudo bem? — pergunta-me uma das outras.

— Sim. Só que lá dentro estava demasiado abafado...

— Na boa, se precisares de mais, podes ficar aqui connosco.

— Obrigada.

— És a namorada do Miguel Vila Nova, não és?

— Sou a Mariana. O Miguel é meu namorado, sim. — Faço de propósito para inverter a ordem. Odeio que me conheçam por ser namorada do Miguel. Ninguém o conhece por ele ser namorado da Mariana. Porque acontece o contrário?

Agradeço mais uma vez a simpatia delas, mas afasto-me novamente e sento-me um pouco na escadaria da porta da faculdade. Estou enregelada, com as minhas *collants* e o meu vestido fino, sentada no chão, mas, por outro lado, este frio ajuda-me a esquecer.

Depois de aquela música ter acabado há algum tempo, volto a entrar. Dirijo-me para o sítio onde todos eles tinham ficado, tanto o Miguel como os nossos outros amigos.

O Miguel vem ter comigo e enlaça-me com os braços, tentando beijar-me ao som da música que dá neste momento e que não consigo discernir qual é. Assim que se aproxima dos meus lábios, é imediatamente compelido a afastar-se.

— Estiveste a fumar? — pergunta, num tom simultaneamente enojado e recriminatório.

— Sim, fumei um cigarro lá fora.

— Desde quando é que fumas?

— Desde que me apetece — respondo-lhe secamente.

— Porque estás tão azeda?

— Porque pareces o meu pai? Já sabes que não gosto quando te armas em controlador comigo.

— Não estou a ser controlador... Só não percebi o que se passou. Sentiste-te

mal e foste fumar? Isso ainda te vai deixar a sentir pior.

— Miguel, obrigada pela preocupação, mas... da última vez que verifiquei, o meu pai não veio à Gala comigo! — viro-lhe as costas, deixando-o sem perceber nada.

Talvez tenha sido um bocadinho rude e injusta com ele, mas às vezes fico sem paciência para a sua atitude paternalista, como se tivéssemos quarenta anos e soubéssemos tudo um sobre o outro, como se não estivéssemos na idade de ser imprevisíveis e fumar um cigarro ou um charro à porta da faculdade, só porque queremos.

Continuo a precisar de me abstrair desta festa ou então de ir para casa.

Vou buscar mais duas bebidas, uma para mim e outra também para mim, mas digo que é para o meu namorado. O *bartender* serve-me duas *vodkas* tónicas e nem questiona se a segunda bebida será realmente para o meu namorado. Tenho a sensação de que, se lhe tivesse pedido quatro bebidas, ele mas daria. Agarro em ambas e dou-me conta de que preciso de ir à casa de banho.

Já na casa de banho, bebo vários goles do líquido reluzente de um dos copos em frente ao espelho, pousando o outro no lavatório. Este estatela-se totalmente no chão, visto que não medi bem a distância e o pousei no sítio errado.

Merda, não sou capaz de deixar isto assim, penso.

Começo a apanhar os cacos e a deitar os vários vidros no lixo, tarefa que claramente não devia estar a fazer, tendo em conta o meu estado de embriaguez visível.

— O que estás a fazer? — pergunta-me a miúda dos cigarros de há bocado.

— A apanhar os cacos. Parti o copo sem querer — balbucio, com o outro copo na mão. — Não consigo deixar isto neste estado — digo-lhes, com demasiada ênfase, quase em pânico. — Um, dois, três, quatro, cinco... — conto, sem me dar conta de que o estou a fazer em voz alta.

Elas entreolham-se, como se algo não estivesse bem, como se não conseguissem compreender o que se está a passar. Sei bem o porquê daqueles olhares — pensam que sou maluca, mas não tenho tempo nem paciência para lhes explicar o que se passa comigo. Também não soube durante muito tempo o que se passava comigo.

— Deixa-nos ajudar-te.

Pegam em papel higiénico e ajudam-me a tirar os cacos do chão. Foram mais espertas do que eu, que me pus, bêbeda, a apanhar vidros diretamente com as mãos, na iminência de me cortar. Agradeço-lhes a ajuda, uma vez que já não tenho o discernimento a 100% e asseguro-lhes ser uma tarefa mesmo importante para mim, embora não entre em pormenores.

Acontece-me o que me acontece sempre a dada altura, quando bebo. A bebida bate-me de repente, assegurando-se que os meus movimentos se tornam mais lentos, que a visão se torna mais nublada. Gosto desta sensação de névoa, de entorpecimento, de confusão. Ajuda-me a abstrair dos meus pensamentos obsessivos e das minhas manias.

— Vou ter de ir à casa de banho. Obrigada a ambas — balbucio-lhes, sem lhes perguntar os respetivos nomes.

Já há muito tempo que a casa de banho é o palco para a minha fuga temporária da realidade e o sítio onde me refugio quando começo a ficar com os pensamentos descontrolados. Sei precisar exatamente quando tudo começou: pouco depois de o Alex se ir embora.

Não me lembro de ter pensamentos obsessivos, compulsões e rituais antes disso. Assim que ele partiu, porém, apareceu a POC, que significa perturbação obsessivo-compulsiva.

Verifico se a divisória onde entro tem papel higiénico, como faço sempre, impreterivelmente. Faço o que tenho a fazer e limpo-me, com os movimentos lentos e entorpecidos. Após acionar o autoclismo, coloco a tampa da sanita para baixo e sento-me um pouco. Ainda não me apetece encarar o Miguel e não tenho vontade de dançar.

Pego no telemóvel para fazer o que faço sempre que fico assim, destemida e inebriada: ligar-lhe, mesmo sabendo o que vai acontecer a seguir. Vou ouvir aquela voz mecânica que me vai dizer: «O número que pretende contactar não está atribuído.»

Na penumbra da festa, aqui estou eu a sentir o peso do mundo sobre os meus ombros. O burburinho das risadas e a música alta servem apenas como um contraste perturbador para a minha própria melancolia.

Afundo-me na solidão com mais um gole no copo que não se partiu. A sensação de alívio imediato inunda os meus sentidos, apagando temporariamente as preocupações e as amarras emocionais que me atormentam dia após dia.

Pouso o copo de *vodka* que me resta no chão, assegurando-me que está seguro e que não vai cair, como o outro.

Enquanto a festa continua do lado de fora, afundo-me no meu próprio mundo, onde a ansiedade e a tristeza se desvanecem.

No entanto, mesmo imersa nesta sensação de ilusão reconfortante, não consigo ignorar completamente a realidade. A casa de banho é apenas um refúgio temporário, testemunhando a dança delicada que faço entre a ilusão e a realidade, camuflando temporariamente as dores que não consigo esquecer por completo.

Será que imaginei tudo isto? Será que tenho dezasseis anos e tudo não passou de um mero pesadelo? Será que, se fizer muita força e piscar os meus olhos, vou acordar de repente com aquela idade? Pestanejo com força para acordar do pesadelo que têm sido os últimos anos, mas é inútil. O tempo passou e não esperou por mim nem por nós.

Sinto a cabeça leve e pesada ao mesmo tempo. Leve, porque não consigo pensar em nada que me faça sentir mal nem responsável pelo destino. Pesada, porque a única coisa que me apetece neste momento é dormir. Encostar-me a esta parede e dormir...

«It feels like I only go backwards baby» — oiço ao longe a canção dos Tame Impala que está a passar na pista.

Rio-me com a ironia e depois deixo de ter consciência.

*

Acho que acabo por adormecer em cima do tampo da sanita daquela casa de banho da faculdade, pois, quando volto a abrir os olhos, não sei precisar quanto tempo passou.

Contudo, ainda oiço o barulho de música, por isso percebo que a festa ainda não acabou. Vejo o meu telemóvel em cima do colo com chamadas não atendidas e mensagens do Miguel a perguntar-me onde estou. São três da manhã e acho que, da última vez que olhei para o telemóvel, já passava da uma da manhã. Estarei a dormir há mais de uma hora?

Sinto-me mais lúcida agora, por isso talvez esteja a dormir há mais de uma hora, sim. Lavo as mãos quando saio do cubículo e olho para a minha cara borrada de maquilhagem, com marcas de lágrimas que não me lembro de ter vertido. Lavo a cara sem molhar os olhos, para evitar ficar com um aspeto pior. Sei que estou péssima e só quero ir para casa.

Subo as escadas e vejo imediatamente o Miguel no topo das mesmas.

— Mariana, estava preocupadíssimo contigo! Onde é que te meteste?

— Fui à casa de banho, mas estava imensa gente.

— Estás desaparecida há mais de uma hora. Estiveste este tempo todo na casa de banho?

— Não, também estive a fazer amigas novas. Calma, *papá*, está tudo bem — respondo-lhe num tom condescendente, desvalorizando a minha ausência e não lhe querendo dar mais justificações. Estico-me para lhe dar um beijo na boca, para o calar.

— Tresandas a álcool, Mariana... — comenta ele, de novo com aquele seu ar

recriminatório.

— Jura? Bem, ao menos estamos numa festa. Seria mais estranho cheirar a azeitonas.

Afasto-me dele uns passos, com o objetivo de me dirigir para o epicentro da festa, mas antes vejo a Mel e o Fred totalmente colados perto de um banco situado ao pé do Anfiteatro 1. Dirijo-me para eles rapidamente, para me despedir, porque realmente só me quero ir embora.

A Mel fica com o Fred durante mais tempo, por isso nós começamos a dirigir-nos para o estacionamento onde o Miguel estacionou o carro dos pais, especialmente emprestado para esta noite.

— Estás em condições de conduzir? — pergunto-lhe, uma vez que não sei o que ele bebeu esta noite.

— Claro que estou — responde com arrogância, antes de acrescentar: — Já sobre ti não posso dizer o mesmo.

Cá está ele, o verdadeiro Miguel. Controlador, crítico e arrogante.

— Não vim a conduzir, por isso aproveitei para beber um bocado. Qual é o mal? — Entro no carro e verifico a minha mala, para confirmar se tenho todos os meus bens comigo. Mais um dos meus rituais. Faço sempre isto, mais do que uma vez, porque, de alguma maneira, esqueço-me que já o fiz e *preciso* de confirmar novamente. Tenho a carteira, o telemóvel e as chaves de casa, que foi tudo o que trouxe. Faço uma nota mental de que tenho tudo e de que não preciso de verificar novamente.

Quando o Miguel para o carro em frente à minha casa, prepara-se para conversar, mas não lhe dou hipótese. Saio do carro depois de lhe dar um beijo de despedida e lhe desejar boa noite.

O mundo ainda não acabou hoje, por isso podemos falar amanhã.

Capítulo 27

Alex, 22 anos

2013

Vivo sozinho há um ano, depois de o meu pai ter voltado a casar no ano passado, com uma namorada espanhola.

Vivi com ele até então. Assim que ele me comunicou que se iria casar, contudo, comecei logo à procura de casa. Mesmo ainda não tendo trabalho, o dinheiro não era um problema. Nunca foi, mas, se houve algo que a morte da minha mãe me trouxe, foi uma abundância monetária que preferia nunca ter tido. Significaria que ela ainda estaria comigo.

Usei grande parte da herança para comprar a minha própria casa. Agora, somos apenas eu e o *Louis*. Viver sozinho não é muito diferente da realidade que já conhecia, só deixei de ter a expectativa de encontrar alguém em casa. Quando era mais novo e a minha mãe estava viva, sabia que a iria encontrar ali, triste e acamada, mas *ali*, como uma presença, sempre à minha espera. Lanchávamos uma tosta mista e um leite achocolatado *UCAL* e eu contava-lhe sobre o meu dia e o que tinha aprendido na escola.

Depois de ela morrer, todos estes rituais se transformaram apenas em memórias minhas, as quais sabia que nunca iria esquecer. A vida nunca mais foi igual.

Em Madrid, os horários do meu pai eram muitas vezes desfasados dos meus: no início, porque eu criei essa distância; depois, porque ele próprio começou a criá-la, como se eu fosse um lembrete do que ele tinha perdido, da parte da vida dele que não voltava e que preferia esquecer. Também para mim começou a ser mais fácil esquecê-lo, a ele e a tudo o que considerava familiar até então.

Com o passar dos anos, desligámo-nos cada vez mais um do outro, mecanicamente, até deixarmos de nos dar conta. Neste momento, passamos meses sem comunicar, exceto no Natal, em que acabamos por nos reunir: eu, ele, a sua atual mulher e os dois filhos, como se fôssemos uma família, como se eu pertencesse àquela família.

Nunca ponderei regressar para Portugal, não só pelas memórias que me iriam assombrar, como porque me acabei por adaptar à vivência desta cidade e a esta realidade. Gosto de viver aqui, mais do que alguma vez gostei de viver lá. A única

coisa que nunca tive aqui foi amor, um amor arrebatador que me permitisse curar as minhas feridas, esquecer-me do que outrora fui e criar um novo eu.

A minha terapeuta aconselhou-me a escrever cartas, tanto para a minha mãe como para a Mariana, visto que a sua ausência causa uma dor que não desaparece.

«¿Por qué no escribes?», questionou-me ela a dada altura na terapia. Supostamente, escrever é uma forma de lidar com os sentimentos. Disse-me que esta seria uma maneira de lidar com a perda e fazer o luto de ambas, pois não posso falar com nenhuma. No caso da Mariana, talvez fosse mais fácil encontrá-la, mas sei que isso não seria justo. Há dois anos, tentei fazê-lo, convencido de que tudo estaria no mesmo lugar em que a tinha deixado, como se ela não fosse refazer a sua vida e esquecer-me a certa altura.

A realidade é que, depois daquele telefonema, regredi na minha recuperação e tive de me reconstruir novamente. Não quero passar por isso outra vez, não quero ter de lidar com uma nova informação sobre ela que me deixe de rastros, que me faça chorar como se fosse um menino pequenino a precisar de colo. Não quero ter de voltar a tomar a medicação para a ansiedade. Por isso, prefiro fingir que também ela já não existe e que pura e simplesmente não a posso contactar, tal como acontece com a minha mãe. Para ser sincero, ainda que lhe quisesse ligar, já não podia. Não depois daquele telefonema de há dois anos, em que decidi que a iria esquecer de vez e rasguei o número de telemóvel dela. Mas tinha de fazer alguma coisa, porque a tentativa de a esquecer havia sido infrutífera. Não conseguimos deixar de amar alguém, por muito que queiramos.

No início, achei a ideia das cartas um pouco absurda e demorei a decidir pô-la em prática.

No ano passado, convenci-me que estava melhor, porque tive a minha primeira namorada após a Mariana, uma rapariga chamada Camila, que em nada se assemelhava a ela e que, talvez por esse facto, me tenha suscitado tanto interesse.

Os seus cabelos eram longos e negros como a noite e brilhantes como a Lua, os lábios eram naturalmente avermelhados, mesmo quando não punha batom e os seus olhos eram de um castanho chocolate que me enfeitiçou desde o primeiro momento. Contudo, essa relação não durou muito tempo, talvez também por em nada se assemelhar à Mariana, como se eu estivesse simultaneamente à procura de algo que me fizesse esquecê-la e de algo que me fizesse recordá-la.

Embora a Camila não me fizesse lembrar da Mariana, recordava-me da sua ausência. Não gostava de pipocas nem de gomas, algo que a Mariana adorava e incluía em todas as nossas tardes de cinema em que víamos filmes de terror que

alugávamos no Blockbuster. A Camila gostava de moda e a sua verdadeira preocupação era se os sapatos combinavam com o resto da roupa. Dei por mim a compará-las, o que era sinal de que, afinal, não estava a conseguir ultrapassar a Mariana como eu pensava que estaria.

No entanto, acabar com a Camila foi duro e difícil, uma vez que a sua futilidade me abstraía da rotina dos dias. Fomos aos melhores restaurantes de Madrid e ela apresentou-me aos seus amigos como um troféu, porque nesta altura eu já tinha um corpo bem trabalhado no ginásio e os meus caracóis loiros, que sempre me acompanharam, deixavam as raparigas espanholas sempre intrigadas, a questionar-se sobre a minha nacionalidade. Nunca adivinhariam que sou português e, quando descobriam, abriam a boca de espanto e soltavam um gritinho.

Enfim, quando a futilidade dos meus dias foi substituída pela minha melancolia habitual, a minha psicóloga voltou a sugerir-me começar um caderno de cartas, em que não precisaria de me preocupar com o que dizia, porque estas nunca seriam lidas. Serviriam essencialmente para me ajudar a ultrapassar o vazio que sentia a sedimentar-se no meu peito e que não melhorava, nem mesmo com o passar dos anos.

Não me custava nada tentar. Afinal, era para isso que eu lhe andava a pagar e verdade seja dita que, até ao momento, tudo o que ela me tinha recomendado fazer tinha sido o melhor que eu poderia ter feito, com os recursos disponíveis na altura.

Escrevi a primeira carta numa noite de insónia, quando os pensamentos eram mais negros e não me deixavam dormir. Escrevi num bloco e não no computador, pelo que a primeira versão ficou ilegível devido à quantidade de rasuras, que me vi obrigado a passar tudo a limpo, para entender os meus próprios pensamentos.

Mariana, quem diria que seria eu a escrever-te cartas um dia?

Nunca fui bom com palavras. Nunca fui bom a expressar os meus sentimentos, nem a admitir quão importante eras para mim.

A pessoa que adorava escrever e sabia expressar os seus sentimentos eras tu.

Espero, ainda assim, que saibas quanto eu gostava de ti, quão importante (ainda) és para mim, a ponto de nunca me conseguir desligar completamente das nossas memórias, a ponto de seres o ponto de referência para tudo e o padrão pelo qual a minha vida se regeu desde então.

Nunca mais encontrei uma amiga como tu, um amor como tu. Certamente nunca lerás o que te escrevo, mas espero conseguir libertar-me do peso que

sinto por ter agido como um cobarde e te ter excluído da minha vida.

És a minha Estrela Polar.

Quando comecei a escrever, as cartas eram semanais e apenas não eram diárias, porque o meu quotidiano não me permitia escrever todos os dias. Passados meses a escrever cartas, a intensidade com que as escrevia era menor, como se me comesse inevitavelmente a curar da dor que sentia. O tempo ajuda a esbater o sentimento da saudade, mas nunca na totalidade.

Como se a sugestão da minha terapeuta tivesse sido profética, comecei aos poucos a libertar-me da imagem da Mariana, que tinha raízes profundas na minha memória. O seu rosto tornou-se mais esbatido na minha mente e comecei a não comparar todas as raparigas que ia conhecendo com ela, como se ela fosse uma assombração que não me deixava ser feliz.

Não, a Mariana nunca poderia ser vista dessa forma. Comecei apenas a vê-la como uma amiga imaginária que aparecia de quando em quando para me incentivar e apoiar.

Mas às vezes ainda sinto vontade de lacrimejar quando lhe escrevo, como acontece hoje.

Tenho vinte e dois anos e ainda dou por mim a chorar por causa de uma rapariga que não vejo há seis. Se os meus amigos imaginassem tal coisa, baniam-me para sempre do grupo. Dir-me-iam que não vale a pena continuar a pensar numa miúda que já não é minha, que certamente já não pensa em mim e que é para isso que servem os namoros da escola — para acabarem um dia.

Guardo o papel na caixa onde guardo todas as cartas que lhe escrevo e coloco a data, após lhe ter escrito mais uma carta hoje, algo que já não acontecia há algum tempo. Choro um pouco e sinto-me novamente mais leve.

Talvez quanto mais escrever e discorrer o que sinto para o papel, mais a dor ficará presa nele e não em mim.

Capítulo 28

Mariana, 23 anos

Maio de 2015

A cerimónia da Bênção das Fitas acontece anualmente em maio na Alameda da Universidade de Lisboa.

O *timing* é um pouco absurdo, porque, nesta altura do ano, ainda não sabemos se, efetivamente, terminámos o curso. Ainda há exames para fazer, ou seja, muitos de nós que aqui se encontram a festejar podem, na realidade, não terminar o curso este ano e ter de ficar a fazer cadeiras em atraso.

De qualquer modo, ninguém pensa nisso hoje. Hoje, somos todos finalistas, com as respetivas pastas pretas, recheadas de fitas escritas na mão, a festejar com amigos e familiares. No final da missa, todos entoamos urras e saltamos com as nossas capas, atirando-as ao ar, fazendo-as voar por cima das nossas cabeças num misto de alegria e orgulho. Há *confettis*, cerveja e abraços.

Assim que a multidão começa a dispersar na direção dos seus familiares, sinto-me um pouco deslocada. Certamente não serei a única que se sente assim, mas apenas eu sei o que sinto. Os meus pais não estão aqui, com a desculpa de que não se podiam ausentar dos seus trabalhos e por isso o mais próximo que tenho de familiares hoje são os pais do Miguel e a família da Mel, que já vi ao longe. Apesar de o Miguel já ter acabado o curso há mais tempo, fez questão que os seus pais viessem hoje acompanhar-me, o que achei bastante querido da sua parte.

Depois de vir ter comigo à confusão de jovens com capas que festejam na Alameda e antes de nos aproximarmos dos seus pais, ele comenta comigo que tem algo para me oferecer.

— Tenho mais uma fita para te dar — declara, um pouco nervoso, ou assim me parece.

— Mais uma? Mas já tenho aqui a tua fita — olho para a minha capa, com a sua fita encarnada preenchida com caneta dourada, que estive a colar ontem à noite.

Na Faculdade de Direito de Lisboa, as fitas são pretas ou encarnadas, consoante sejam preenchidas por familiares ou amigos, respetivamente.

Tira a mão do bolso, revelando uma fita preta enrolada e estica a sua mão na

minha direção, atento à minha reação. Não entendo imediatamente o que significa aquilo, pelo que verbalizo a minha confusão mental.

— Uma fita preta? — pego nela e começo a desenrolá-la, não me dando conta de que, nesse preciso instante, ele muda de posição.

Tudo acontece muito de repente — mais depressa do que seria possível assimilar, ou pelo menos, é assim que interpreto esta sequência de acontecimentos e movimentos. Quando desenrolo a fita na totalidade, consigo ver o que está escrito ao longo de todo o seu comprimento, em letras grandes e gordas, preenchidas com a mesma caneta dourada que escreveu a fita vermelha, colada na capa que tem o meu nome.

QUERES CASAR COMIGO?

Quando procuro o seu olhar, ele está ajoelhado com um joelho no chão e outro fletido, a segurar uma caixa com um anel lá dentro. No início, penso que estou a ter um déjà-vu porque esta cena me é familiar. *Isto já aconteceu*, penso. E já, mas não aqui, não com o Miguel e certamente não com esta plateia de centenas de pessoas que nos observam, entre os quais os nossos amigos e os pais do Miguel, colocando-me numa posição em que não sei o que dizer, porque certamente não esperava isto.

Nada do que estou a sentir é o que deveria sentir neste momento. Tenho a perfeita noção disso e assusto-me por a primeira coisa que penso fazer neste momento seja fugir dali a correr e esconder-me no meu carro, conduzir para algum sítio onde ninguém me possa encontrar, para digerir tudo o que acaba de acontecer, bem como perceber o que fazer a seguir.

No entanto, vejo o seu sorriso aberto e esperançoso, oiço os seus pais a gritar de alegria e várias pessoas a filmar e a tirar fotografias do momento. Por isso, não obstante o meu primeiro impulso de sair a correr desenfreada, ignorando a realidade, qual avestruz a enfiar a cabeça na areia, acabo por fazer exatamente o oposto.

— Quero.

Talvez esta seja a oportunidade de ser feliz. Talvez a vida me tenha colocado nesta situação oito anos depois, porque já é altura de esquecer o passado — definitivamente.

Talvez este seja um sinal para reparar verdadeiramente no Miguel de uma vez por todas, para deixar de o comparar com o Alex e com o que tivemos. Afinal, todas as histórias de amor são diferentes. Não se ama alguém da mesma maneira que se amou outrem.

Talvez seja hora de esquecer e de seguir em frente, de seguir em frente com o Miguel, que me dá provas de me amar há quatro anos, muitas vezes com pouco retorno da minha parte.

Talvez.

Capítulo 29

Alex, 25 anos

2016

Mais um ano sem a minha mãe. O tempo passa, mas não apaga a dor da perda. A sensação de vazio que lhe é característica permanece, embora mais esbatida a cada dia, porque assim tem de ser.

A vida continua. Ainda que não continue da mesma maneira, tem de continuar, indiferente aos acontecimentos do quotidiano. É a única forma de permanecermos vivos.

A dada altura, a realidade chega sem ser anunciada.

Começo a esquecer-me de pormenores que nunca pensei esquecer, que me parecia tão surreal que deixasse de recordar, como o seu rosto ou a sua voz.

Vejo muitas vezes fotografias dela, nessa esperança de não me esquecer. Muitas delas foram tiradas por mim, naquele tempo em que era inseparável da minha máquina. Também vejo várias vezes as cassetes VHS da minha infância, que contam histórias das quais não me lembraria se não fossem estes auxiliares de memória: festas de aniversário, Natais, como se esses pequenos momentos de que agora ninguém se recorda — nem mesmo eu — fossem o cerne de todo o meu ser.

Outras vezes evito vê-los, para me preservar e evitar o meu sofrimento, visto que, por vezes, é demasiado doloroso saber que esse passado não volta, que todos aqueles momentos se dissiparam no tempo e que já não fazem parte deste mundo — não, agora pertencem a outro mundo inacessível, ao mundo das memórias perdidas.

A memória é falível e não dá tréguas. Há coisas de que, efetivamente, já me esqueci, como aquele sinal perto da orelha da minha mãe que não me lembrava que existia. Não, na minha memória, ele era junto ao pescoço, não à orelha. O tempo leva a maior parte das coisas como um ladrão, sem pedir autorização. A memória é anárquica, não se guia por regras nem procedimentos burocráticos. Não nos pergunta «posso eliminar isto da base de dados?», nem faz uma dupla verificação da vontade. A memória devia ser como um computador quando estamos a eliminar os ficheiros da reciclagem: perguntar-nos se temos a certeza de que queremos eliminar aquele conteúdo *para sempre*. Mas a memória é arbitrária

e faz o que quer, em conluio com o tempo, que ajuda em todo o processo.

Ainda assim, existe algo que o tempo não apaga: o que sentimos. Mesmo depois de a memória se encarregar de apagar os pormenores relacionados com aqueles que mais nos são queridos, aqueles que mais amamos, o que sentimos permanece igual e não esmorece devido à ausência física ou à ausência de memórias.

Há apenas uma coisa que serve de alívio em relação a perdermos aqueles que amamos — só os perdermos uma vez.

Ao longo dos últimos anos, namorei várias mulheres, até elas se fartarem de esperar que eu me tornasse em algo em que nunca me consegui tornar. Nunca me consegui ver como um amante, um apaixonado e certamente nunca quis dar o próximo passo. Resignei-me ao seguinte facto: provavelmente, nunca ia conseguir fazer uma mulher feliz, não só porque nunca vi o meu pai a fazê-lo com a minha mãe, mas também porque nunca senti esse chamamento.

Convenci-me de tudo isto ao longo da minha vida e essencialmente convenci-me de que eu não ia conseguir fazer-me a mim próprio feliz. Para mim, felicidade tem sido viver um dia de cada vez, sair à noite com os meus amigos mais próximos de vez em quando e por vezes encontrar momentos de prazer fugazes que duram até à manhã seguinte, mas não mais do que isso.

Torna-se mais fácil quando deixamos de querer saber, quando deixamos de tentar almejar a quimera da felicidade.

No entanto, aos vinte e cinco anos, voltei a apaixonar-me por uma rapariga espanhola chamada Martina, que conheci por acaso.

Apesar da similitude de nomes, a Martina e a Mariana são bastante distintas. O cabelo da Martina era curto e castanho, com uma franja que a fazia parecer saída de uma filme dos anos 20, diretamente de um bar de Fletchers, em que fumavam cigarrilha. A Martina não usa cigarrilha, mas fuma tabaco e não só. É a pessoa mais descontraída que conheço e essa foi a primeira característica que me atraiu nela: ser tão diferente de mim em tudo. Eu sou a melancolia, ela é a descontração, eu sou um resignado, ela é uma sonhadora. Conhecemo-nos num bar, quando ela perguntou se algum de nós tinha lume. Um dos meus amigos tinha, esticando-lhe o isqueiro para lhe acender o cigarro, ao que ela o intercetou, agarrando no isqueiro e ligando-o ela.

— Não sou nenhuma puta para me acenderes o cigarro — declarou, com veemência.

Desde aquele momento, percebi que ela não era uma mulher para perder de vista. Aquela garra e maneira de se expressar deixou-me com a certeza de que precisava de a conhecer melhor.

Sáímos algumas vezes depois daquela noite. Eu, um tipo reservado e atormentado pelos meus demónios do passado, e ela, um furacão, uma força da natureza capaz de virar todas as mesas do avesso.

Começou por passar os fins de semana na minha casa e, quando dei por mim, passou de ocupar uma gaveta para um armário inteiro. Tudo corria bem, embora eu soubesse que, no fundo da minha mente, continuava a cair no mesmo erro de sempre ao compará-la muito com a Mariana e com o que tinha sentido por ela. Era inevitável para mim, mesmo após todos os meus esforços, uma vez que a Mariana tinha sido a última pessoa que amei, mesmo já tendo passado oito anos.

Aos vinte e cinco anos, é normal ter alguma bagagem, embora umas sejam mais pesadas do que outras, é certo. Desde o início que sei que eu também não sou a primeira pessoa que a Martina amou, talvez nem a segunda nem a terceira, mas precisamente por saber o que é ter alguém do passado a assombrar-me tenha tido a necessidade de pôr tudo em pratos limpos. Podia ter omitido o que aconteceu com a minha mãe e o que acabou por acontecer com a Mariana a seguir, podia fingir que nenhum desses eventos tinham moldado a minha vida para sempre, mas decidi ser um livro aberto, contando-lhe tudo.

Passámos a viver juntos no final de 2016, poucos meses depois de nos termos conhecido.

Com a idade, descobri que há vários tipos de amor ao longo da vida: o amor arrebatador, capaz de ultrapassar quase todos os obstáculos, aquele que provavelmente só sentimos uma vez na vida. Depois, há outro tipo de amor: o amor calmo. Não quer dizer que o amor calmo seja inferior ao amor arrebatador. Pelo contrário: o amor calmo é aquele que nos acalma, que nos faz sentir em casa e nos dá esperança de vislumbrar o nosso futuro, sem haver uma onda na iminência de rebentar.

O amor arrebatador é jovem, é adolescente, é literalmente arrebatador e acaba por ser mais fácil encontrá-lo quando nós também somos jovens inconsequentes.

A Mariana foi o meu amor arrebatador. A Martina é um amor calmo. Encontrá-la deu-me alento para continuar, para voltar a imaginar uma vida comum com alguém que não a Mariana.

Parece-me que a vida é mesmo isto. Umas pessoas saem da nossa vida e outras surgem inesperadamente, oferecendo-nos uma nova oportunidade de sermos felizes.

Capítulo 30

Mariana, 25 anos

2016

Um dos motivos pelos quais aceitei imediatamente casar com o Miguel foi porque, mais uma vez, me pareceu tudo tão impulsivo e imaturo, que pensei que fosse tudo ficar em águas de bacalhau, como outrora. Não achei que não fosse possível que nos casássemos aos vinte e três anos, mas não é comum, especialmente para dois jovens que não têm trabalho e acabaram o curso há pouco tempo.

Não me enganei por completo.

Estamos noivos há mais de um ano, mas não planeámos nada no sentido de nos casarmos. Talvez o Miguel pensasse que eu seria aquele tipo de noiva que começaria logo a tratar de tudo, a escolher fornecedores, o local da boda, a sonhar com o vestido que iria usar, mas não fiz nenhuma dessas coisas. Pelo contrário: cingi-me a concentrar-me no quotidiano e na tarefa árdua de procurar estágio, para me inscrever na Ordem dos Advogados e poder exercer.

Contrariamente a mim, que queria começar a trabalhar e a ter a desejada independência financeira em relação aos meus pais, o Miguel inscreveu-se logo no mestrado a seguir a acabar a licenciatura, decidindo prolongar os seus estudos.

Independentemente de já não viver na mesma casa que os meus pais desde que me tornei maior de idade, altura em que eles voltaram para a casa de origem, em Almada, e eu continuei a viver em Lisboa, vivia numa casa que era deles e continuavam a subsidiar-me em tudo. Sabia que não conseguiria ter independência financeira imediatamente, até porque muitos dos estágios não eram remunerados e os que eram não pagavam o suficiente para ser totalmente independente, mas seria um complemento. Seria o início da minha independência, desejada desde os dezasseis anos.

Já o sonho do Miguel era o de ingressar na carreira diplomática, por isso, quando surgiu a oportunidade de fazer um estágio profissional remunerado em Bruxelas, em parceria com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, saltou de alegria e aceitou imediatamente. Eu fiquei felicíssima por ele também, claro. Esta seria uma grande oportunidade e abrir-lhe-ia várias portas, quer enveredasse pela carreira diplomática, quer seguisse outro rumo distinto.

No entanto, achei irónico. Era como se o destino estivesse a gozar comigo, como se me quisesse dizer alguma coisa. O ciclo repetia-se. Esta era uma situação que já não era nova para mim. Mais uma vez teria de lidar com a distância e a ausência, como se a vida me quisesse pôr à prova, como se me quisesse mostrar que estava por cima, a ditar as regras do jogo.

Contudo, desta vez não iria deixar que a distância e a ausência ganhassem a guerra.

Despedimo-nos no aeroporto com abraços e beijos, com a promessa de que eu o iria visitar o mais depressa possível, assim que conseguisse algum desfecho em relação ao meu estágio. A única coisa que sabia era que, para mim, era indiscutível mudar-me para Bruxelas com o meu noivo, como a minha mãe fazia sempre questão de frisar e voltou a reiterar novamente pouco depois de o Miguel se ir embora, numa das visitas esporádicas que fiz à casa dos meus pais, em Almada.

— Porquê não vais com ele e procuras trabalho lá? Também te iria dar imensa bagagem — diz-me ela, insistindo no assunto, como se me quisesse ver à distância de dois mil quilómetros. Como se a distância entre Almada e Lisboa não tivesse sido suficientemente grande para nos afastar física e emocionalmente.

— Pensei que o sonho do pai fosse que eu me tornasse advogada... Tenho a certeza de que em Bruxelas não seria fácil. Ou estás a incentivar-me a seguir outro rumo, que não o que o pai *quer*, uma vez na vida? — respondo-lhe de forma rude. É como se todas as interações com os meus pais desde a minha adolescência fossem assim, com um toque de passivo-agressividade, sem que eu o possa evitar.

— Não estejas a desconversar. Podias pôr o sonho de parte por alguns meses. O estágio não é de um ano?

Anuo, sem lhe dar mais conversa, dando-lhe oportunidade de continuar a falar. Independentemente do que diga, eu não vou viver para Bruxelas.

— Então, podias ir para Bruxelas um ano, como uma *boa esposa*, e depois logo fariam o ponto de situação. Tenho a certeza de que, ainda que não arranjasses trabalho, ele te poderia *sustentar* ao longo desse período. Ele vai ganhar mais em Bruxelas num ano do que tu ganharias aqui em quatro...

— Já paraste para ouvir o que estás a dizer, mãe? Já paraste para pensar que isso não tem nada que ver com a minha maneira de ser? Ele iria sustentar-me e eu ficava a fazer o quê? A passear na Grand-Place enquanto comia batatas fritas? Enquanto via o menino a *mijar* e os turistas a tirar fotografias? Porque não percebes que isso não vai ao encontro do que eu quero para mim nem do que eu *sou*? Não quero ser uma inútil que vive às custas do marido. Nem toda a gente é

assim, mãe — cuspo-lhe a parte final, para a magoar. A minha mãe trabalha, mas a maior parte dos seus luxos é subsidiada pelo meu pai, porque ele ganha muito mais do que ela. Ainda assim, sei que lhe faltei ao respeito mais uma vez.

— Falas de barriga cheia como se soubesses muito da vida, como se soubesses sequer o valor do dinheiro. Nunca tiveste de trabalhar nem de gerir contas.

— Porque vocês nunca me deixaram! Nem mesmo um trabalho de verão me deixavam ter! Aliás, nunca me deixaram fazer nada do que quis — argumento, revoltada e irritada com o rumo da conversa.

— Faz o que quiseses, Mariana. Já que é impossível meter-te algum juízo nessa cabeça, desisto. Pode ser que aprendas da pior maneira que os namoros à distância não duram. Depois não venhas chorar para o meu colo, se o Miguel cancelar o casamento, porque se apaixonou por alguma belga.

— Já aprendi a pior lição sobre o amor à distância, mãe. Não será uma novidade para mim. Tal como já não me iludo sobre chorar no teu colo. Fica descansada.

Levanto-me de rompante e encaminho-me para a saída, sem me despedir.

Dirijo-me apressadamente para a praça de táxis mais próxima. Tenho pressa de sair daqui, deste sítio que evito cada vez mais, porque só me traz más memórias, pressa de escapar aos meus próprios pensamentos descontrolados.

Já dentro do táxi, conto todas as árvores pelas quais passamos, numa tentativa de me abstrair da desordem em que se tornou a minha vida. Respiro fundo, enquanto sussurro «vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem», tentando convencer-me que sim e dando-me a ilusão de que estou bem, de que a minha vida está encaminhada, de que consigo lidar com tudo e me recompor sozinha, apesar de ser uma grande mentira que escolho contar a mim própria.

Contabilizo cinquenta e oito árvores até chegar a minha casa.

¹ Referência a Manneken Pis, uma famosa estátua de um menino a urinar, que existe no centro de Bruxelas.

Capítulo 31

Mariana, 28 anos

2020

Existe um vírus à solta pelo mundo.

Dizem que há uma pandemia e, por isso, vivemos confinados nas nossas quatro paredes, à espera de dias melhores, à espera de que a vida retome a normalidade que até há bem pouco tempo dávamos por garantida.

Os tribunais estão praticamente encerrados e só decorrem os processos urgentes. Vivemos dias caóticos, em que nem podemos sair do concelho. Alternamos entre estado de emergência e estado de calamidade e, neste momento, tudo parece realmente uma calamidade. Vamos às compras com máscaras e viseiras, desinfetamos as mãos com álcool-gel, cujo preço subiu exponencialmente, já que falo do assunto, devido ao aumento da procura. Há quem lave as compras antes de as guardar nos armários e frigorífico. É quase como se toda a população tivesse ficado, subitamente, com POC. Pela primeira vez, não me sinto estranha por querer lavar as compras antes de as guardar. Agora, pelo menos, tenho uma boa desculpa para o fazer.

Aprendemos algo chamado etiqueta respiratória. Isto foi antes do uso da máscara, mas até a utilização da máscara tem uma determinada etiqueta. Temos de a trocar após duas horas, para não propagar as bactérias. O coronavírus é altamente transmissível, embora ainda ninguém nos consiga explicar de que modo ocorre a sua transmissão. Há milhares de vítimas mortais em todo o mundo. E nenhuma vacina.

O Miguel está retido em Bruxelas. Supostamente, o contrato de trabalho terminaria em maio, altura em que ele regressaria de forma definitiva para o nosso casamento. Isto alterou tudo. Ele ainda não sabe quando vai voltar. E o casamento ficou, claro, adiado por tempo indeterminado.

O desconfinamento apenas ocorre em meados de junho de 2020 e ele só consegue regressar definitivamente em julho. Tem de fazer um teste à saída de Bruxelas e outro à entrada de Portugal, para garantir que não está infetado. Confesso que uma parte de mim desejou que, em algum destes momentos, o teste desse positivo. Mas isso não aconteceu.

Quando ele chega, sinto-me estranha. Assoberbada. Não sei se é devido a ter

passado tantos meses sozinha, ou tantos anos nesta relação à distância, ou se de facto considero que está tudo diferente, porque está realmente tudo diferente. O contrato que supostamente duraria um ano deu lugar a outro, a outro e a outro. Passaram-se quatro anos. E quatro anos é muito tempo.

Sinto-o diferente. Ele sempre foi determinado, obstinado em ter boas notas na faculdade, mas parece-me agora que a sua ambição está cada vez mais exacerbada, sendo-me difícil comunicar com ele. Dou por mim a ter reações mecânicas e a fugir do confronto, porque não quero alimentar mais drama na minha vida.

Concordamos em marcar o casamento para uma data provisória que é, para já, daqui a dois anos, data em que, em princípio, tudo isto já fará parte do passado. O Miguel sugere o dia 16 de julho, o dia do seu aniversário, que ainda por cima calha a um sábado. «É perfeito para todos os familiares e amigos poderem comparecer», disse ele.

Não quero que seja naquele dia. É o último dia em que me quero casar com ele. Mas como lhe poderia explicar que foi no dia 16 de julho de 2007 que o Alex me pediu em casamento? Que aquele dia me traz demasiadas memórias e recordações, mesmo depois de todos estes anos?

Como — como — lhe poderia explicar que aquele dia não pode ser nosso, porque já é meu com outra pessoa?

Capítulo 32

Alex, 30 anos

2021

Quando penso na minha vida, consigo dividi-la em duas, com base num antes e num depois. Há a pessoa que fui enquanto a minha mãe estava viva e a pessoa em que me tornei após a sua morte.

A morte molda-nos, especialmente a de alguém tão próximo e que morre com contornos tão trágicos. O meu antes é sobretudo caracterizado pela existência da minha mãe, embora a sua enfermidade e fragilidade, que me dilacerava aos poucos, me permitia pelo menos usufruir da sua presença física. Também é caracterizado por um miúdo feliz, a viver o seu primeiro — e único — amor, acreditando que ele iria durar para sempre.

Não me enganei — o meu amor pela Mariana subsistiu ao longo de todos estes anos, como uma pequena brasa numa lareira. Deixei de a tentar esquecer e apagar da minha vida, resignando-me a este facto: ela estaria sempre a pairar, um pouco como a minha mãe, que, mesmo não estando presente fisicamente, continua a acompanhar-me dia após dia — sei disso, porque o *sinto*. Esta maneira de ver as coisas ajudou-me a conformar-me em relação a todos os eventos que têm feito parte da minha vida.

Quando a Martina chegou à minha segunda vida — a vida pós-luto —, foi como uma luz que se acendeu e me fez acreditar que, ainda que nunca mais volte a sentir o que senti pela Mariana, era possível apaixonar-me novamente.

Contudo, no dia em que a Martina descobriu as cartas que escrevi ao longo dos anos para a Mariana, soube que o que tínhamos iria ficar abalado para sempre. Apesar de ela saber que havia um grande amor na minha vida, acho que não percebia a sua dimensão até ter lido o que leu. O objetivo inicial era escrevê-las e queimá-las, numa tentativa de catarse, para me esquecer de tudo, mas não fui capaz. Quando dei por mim, tinha uma caixa própria para guardar todo o meu passado, com dezenas de cartas e fotografias dela.

— Não sabia que ela era importante a este ponto. *Tienes decenas de cartas aquí...*

— Sim, eu sei. Houve uma altura em que escrever-lhe ajudou a processar os meus sentimentos e a organizar os meus pensamentos.

— Alex, eu não percebo português a 100%, *pero* isto... *No son cartas para procesar tus sentimientos. Estas son cartas de amor.*

— São cartas para um fantasma, Martina. Ela não existe. Ela é alguém onde eu projeto a minha tristeza e frustração.

— Não, não... Alex. Será que não percebes? *Ella es real*, tu apenas não falas com ela. Ela não é a tua mãe — diz-me, tentando fazer-me entender, na sua mistura de português e espanhol, que já lhe é característica. — A tua mãe morreu, mas a Mariana não. *Ella existe y tienes* de a encontrar e dizer-lhe o que sentes. — As lágrimas brotam dos seus olhos como cogumelos, enquanto ignora os seus sentimentos e se concentra em mim. — Acredita, Alex, se alguém me amasse assim, eu iria querer saber.

— Não, não tenho. As nossas vidas passaram e ambos seguimos em frente.

— Achas que *isto* é seguir em frente? Ter uma caixa fechada *con llave* num armário cheio de cartas de amor imortalizadas? *Cómo puedes pensar que todo está bien?*

— Essas cartas têm quase uma década, Martina — digo-lhe, relativizando tudo: o que sinto, o que ela descobriu, bem como o que vamos fazer a seguir, como se fosse uma questão de arrumarmos tudo na respetiva caixa e continuarmos a nossa vida como se nada tivesse acontecido.

— *Alex, no soy psicóloga, pero* tu já pensaste no porquê de teres escrito estas cartas para a Mariana e não para *tu madre*?

— Porque a minha mãe morreu.

— Exato! A tua mãe nunca as poderia ler e a tua psicóloga sabia disso. A Mariana existe, foi por isso que escreveste estas cartas para ela.

É a primeira vez que penso nesta perspetiva. Quando a minha psicóloga me sugeriu escrever para lidar com a perda, eu escrevi uma carta para a minha mãe e queimei-a, o que me ajudou a fazer o luto. Mas não fiz isso com as cartas da Mariana: continuei a escrever, guardei-as, e insisti em escrever, porque me ajudaram a lidar com tudo o que sentia, mas não me consegui desapegar.

— *No podemos* continuar juntos...

— Que estás a dizer, Martina?

— Pensei que conseguisse aguentar, pensei que fosse fácil ser *la segunda opción*, mas acabei de me dar conta de que não só não consigo como não quero.

— Martina, eu adoro-te! — digo-lhe, em desespero, porque não é mentira. Adoro-a, adoro esta mulher que conheci há cinco anos e me veio mostrar que é possível voltar a apaixonar-me, que é possível construir um futuro com ela.

— *Lo sé, pero no me amas* — remata, limpando as lágrimas dos olhos com a ponta dos dedos.

Não consigo refutar o que me diz, porque, apesar de gostar tanto dela, de sentir que a adoro, sei que não posso enganar a ela nem a mim próprio ao dizer que não tem razão. Não lhe posso mentir.

Perante o meu silêncio, ela continua a chorar. Senta-se no chão, enquanto olha para aquelas fotografias e cartas que lhe partem o coração. Aproximo-me dela e abraço-a, amparando-a. Quando se acalma e para de chorar, quando a sua respiração regulariza, quebra o silêncio.

— Eu amo-te, Alex. *Y es porque te amo que te digo que no podemos* continuar isto e que tu tens de a procurar e lhe dizer o que sentes.

— Já passou demasiado tempo. Eu devia ter ultrapassado isto — desabafo. — Às vezes, gostava de voltar atrás no tempo e mudar o passado.

— Alex, todos nós temos arrependimentos. Se alguém te disser o contrário, está a mentir — comenta ela, ainda no meu colo. — No entanto, é mais importante o que fazes depois de perceberes que gostarias de mudar o passado do que ficares a remoer sobre o que já não podes mudar — remata, ao olhar-me nos olhos.

Os seus dedos passam por cima do meu nariz, num gesto carinhoso de quem se preocupa verdadeiramente comigo. Sei que está a sofrer com tudo isto e ainda assim a sua primeira preocupação é comigo.

— Desculpa se te fiz acreditar noutra coisa. Queria poder alterar tudo, queria poder ser outra pessoa, poder fazer coisas que tenho apenas imaginado ao longo dos últimos anos...

— Então porque não fazes? — questiona.

PARTE 3

*Não te cases já, ó meu amor
pensa bem no que isso significa
E não te esqueças de olhar para trás
ainda tens quem te queira bem
por isso vai por mim
não te cases já, ó meu amor*

«Vai Por Mim» — Mendes e João Só

PRESENTE

Capítulo 33

Alex, 31 anos

Junho de 2022

Fico desarmado ao vê-la chegar. Agora à luz do dia, tudo me parece mais nítido, como se ontem à noite não estivesse lúcido o suficiente para compreender a dimensão deste momento.

Assim que os nossos olhares se cruzam, sentimos o peso de tudo o que ficou por dizer, de tudo o que se foi acumulando ao longo dos últimos anos como rochedos pesados e volumosos nos nossos corações.

Ela aproxima-se do banco de jardim situado em frente do Palacio de Cristal, onde estou sentado.

— Obrigado por teres vindo — digo-lhe, enquanto me levanto e a cumprimento.

Dou-lhe um beijo no rosto, o que me parece estranho devido à familiaridade que tenho com os seus lábios nos meus, mesmo passados tantos anos. A sua pele continua suave e delicada, como me lembro. À luz do dia, consigo identificar as mudanças desde que era adolescente até agora, mas para mim, está igual.

Começamos a andar sem rumo, pelo caminho de terra do parque. Andamos em volta do principal motivo que nos trouxe até aqui, contornando-o com cuidado, porque não sei ao certo como começar a falar sobre o passado e é difícil quebrar o gelo com alguém em quem pensei durante anos. Há tanto por dizer, que não sei bem como começar.

— Sabes, é caricato encontrarmo-nos aqui especialmente hoje, porque é o dia em que começa a Feira do Livro de Madrid.

— A sério? Não fazia ideia.

— Sim, queres ir até lá? É já ali — aponto com a mão na direção em que temos visto tanta gente a dirigir-se com pequenas *tote bags* penduradas ao ombro.

Ela acena que sim e começamos a dirigir-nos para o evento. O som dos nossos passos torna-se um barulho demasiado ensurdecador, preenchendo o silêncio, quando as nossas palavras não o fazem. Não é um silêncio reconfortante, como outrora. É um silêncio cheio de palavras não ditas, pensamentos e sentimentos não revelados, que me perturba a cada inspiração e me faz regressar ao passado,

aos nossos momentos de silêncio, tornando-os uma realidade tão distinta que parece irreal, como se nunca tivesse acontecido, como se pertencesse apenas a um sonho há muito sonhado e que por algum motivo tivesse ficado no esquecimento.

— Sei o quanto gostavas de ler... e de escrever. Porque não escreves?

— Como sabes que não escrevo? — Ela para no meio do caminho e fita-me, não percebendo como posso saber aquilo sobre ela.

— Se escrevesse, eu sabia. Já pesquisei o teu nome várias vezes e não encontrei nenhuma publicação além do blogue que tinhas quando tínhamos dezasseis anos.

— Tu pesquisaste-me? — questiona, boquiaberta, como se não acreditasse que o que eu digo é verdade.

— Vais-me dizer que tu nunca me pesquisaste?

Ela recomeça a andar, dando-se por vencida.

— OK, é legítimo. Confesso que sim. Só não esperava que tu o tivesses feito.

— Porquê?

— Não sei — responde, para não me revelar os sentimentos dela.

Depois ri-se, abanando ligeiramente a cabeça.

— Bem se vê que já não vives em Portugal há muito tempo...

— Porque dizes isso?

— Porque o mercado literário em Portugal é... Como hei de dizer? Praticamente inexistente? São raros os que conseguem singrar pela escrita e ver as obras publicadas.

— Pois, acredito que sim, mas parto sempre do princípio de que, para os melhores, há sempre lugar.

— Isso é patético. Não acredito mesmo em nada nisso. Acho que cair nessa generalização é absurdo, porque o que é bom para um editor pode não ser bom para outro. Mas enfim, a realidade é que a última vez que escrevi deve ter sido antes de entrar no curso de Direito.

— Direito?! — pergunto, ligeiramente desconcertado por aquela informação.

Lembro-me de ela me dizer que não queria ir para Direito, apesar da pressão que sentia em casa por parte do seu pai para escolher aquele curso. Nunca a teria imaginado num curso tão sério, muito menos a ceder relativamente ao que os pais queriam. Ela sempre foi uma miúda com uma veia artística tão apurada, que na minha cabeça só poderia ter tirado um curso mais... dinâmico.

— Sim, porquê?

— Nunca me passaria pela cabeça que essa tivesse sido a tua opção. Da última vez que falámos, mostraste a tua relutância em relação a Direito e querias ir para Humanidades no secundário, para seguires depois Jornalismo...

— Houve muita coisa que mudou em quinze anos — responde-me bruscamente, enquanto me fita com tanta intensidade, que julgo que a minha vida poderia acabar ali naquele momento, se ela assim quisesse.

— Então agora fazes o quê? És advogada? — questiono, para aliviar o ambiente e também perceber qual a profissão que decidiu escolher.

— Sim, neste momento, sou advogada e trabalho por conta própria.

— Muito bem, já sei quem poderei contactar se algum dia for detido — digo-lhe, a sorrir.

Ela sorri, provavelmente habituada a este tipo de comentário.

Continuamos a andar e chegamos ao recinto da feira do livro, que se realiza aqui no Parque del Retiro. Deambulamos por entre os milhares de pessoas que por ali passeiam, naquele dia soalheiro de junho em que, felizmente, está uma temperatura agradável em Madrid, sem estar demasiado abafado.

— Espera um pouco, vou ter de entrar neste quiosque. — Ela avisa-me, afastando-se em direção a uma das bancas da feira.

Aceno com a cabeça, deixando-a à vontade e dirijo-me também para uma banca para fazer tempo, embora não esteja a ver nada, demasiado ansioso para me focar em qualquer outra coisa além do nosso encontro.

— Já cá estou — diz, passados alguns minutos de ausência, voltando com um ar leve, como se tivesse concretizado o seu objetivo.

Reparo que traz um saco na mão, a prova de que comprou um livro.

— Que livro compraste? Espera, não me digas. Deixa-me adivinhar... Um romance?

— Como se fosse difícil adivinhar que seria um romance... — comenta, desvalorizando o meu palpite.

— Há coisas que nunca mudam, afinal — digo-lhe, fitando-a intensamente. — *Nosotros en la Luna*? Edição especial? — questiono, ao conseguir ver o livro que se encontra dentro do saco de papel.

— É um livro que li e gostei bastante de uma escritora espanhola. Alice Kellen, não sei se já ouviste falar.

— Nem por isso. Apesar de viver aqui, confesso que não consumo muita literatura... especialmente romances contemporâneos. É sobre o quê?

— É um romance adolescente. Mas muito viciante.

— As mulheres de trinta anos ainda leem romances adolescentes?

— As mulheres de trinta anos leem o que elas quiserem e não se julga um livro pela faixa etária...

— Não é pela capa?

— Não se julga um livro! Ponto final — responde-me, contrariada.

— E o que há nesse livro de tão interessante, que te faz defendê-lo com tanta determinação? — Rio-me, achando graça às suas reações. Continua exatamente igual a si própria, igual ao que eu me lembro dela. É inacreditável que o tempo passe, mas haja pormenores que não mudem assim tanto.

— Queres mesmo saber, ou vais gozar comigo? — pergunta, sem um pinga de humor, na sua pose mais séria.

— Sabes que nunca gozaria contigo. Estou a falar a sério. Estou genuinamente interessado em saber mais sobre esse livro que te fez comprar uma edição especial em espanhol. Mas não dês *spoiler*, para o caso de o decidir ler.

— É um livro sobre dois jovens que se encontram numa altura das suas vidas, mas no momento errado. Depois, a vida de ambos prossegue rumos distintos e o momento certo acaba por nunca surgir, apesar de manterem sempre o contacto um com o outro.

— Uau, essa história parece-me estranhamente familiar... — comento, impressionado com as semelhanças entre aquele par romântico e nós os dois. Pergunto-me se será por isso que ela gostou assim tanto daquela história.

— Não compares... não tem comparação — diz-me, indignada e talvez até um pouco ofendida por eu estar a tentar fazer pouco da nossa situação ao compará-la com a do livro.

— Não? Porquê? — pergunto, não percebendo ao certo a sua indignação.

— Em primeiro lugar, porque nós não mantivemos o contacto um com o outro, contrariamente a eles. Em segundo lugar, porque o final deles nada tem que ver com o nosso.

Engulo em seco, perante a sua conclusão perentória relativamente a nós. Não consigo digerir as suas palavras com facilidade, embora saiba que ela tem razão em pensar assim. Não nos vimos durante quinze anos, não sabemos praticamente nada um do outro atualmente e temos apenas memórias dispersas um do outro entre os nossos treze e dezasseis anos.

— Não entendo como é que saltaste diretamente para o final da nossa história, como se o nosso livro já tivesse acabado... — respondo-lhe, de forma um pouco afetada pelo que ela disse.

Ela ri-se, mas não com vontade de rir. Parece um riso sarcástico, como se eu não estivesse a dizer nada de jeito, ou como se o que eu estivesse a dizer não fosse digno de ser levado a sério.

— Alex... o *nosso* livro não existe sequer — diz, esticando a sua mão direita e mostrando-me o seu anel de noivado. — Vou-me casar daqui a menos de um mês — acrescenta, no caso de eu ainda não ter percebido exatamente o que me quer dizer. — Queres mais argumentos? Dou-te mais um: a vida real *não é* um

romance.

— Isso dito por uma pessoa que está noiva é um pouco incongruente... — digo-lhe, tentando encurralá-la com a sua afirmação, mas confesso que sinto um murro no estômago ao ser lembrado daquilo, daquela inevitabilidade que parece não ter solução, porque nos encontrámos demasiado tarde. — Qual é a data do casamento? — pergunto-lhe, pigarreando.

— Dia dezasseis de julho — responde-me, evitando o contacto visual comigo.

Ambos sabemos porque evita o contacto visual ao responder-me. Ninguém é capaz de dizer mais nada durante alguns segundos — ou serão minutos? — em que continuamos a andar esbarrando com os milhares de transeuntes, turistas e residentes que passam por nós.

De todos os dias em que ela se poderia casar com outra pessoa, *aquela* foi a data que eles escolheram? Dos 365 dias disponíveis no ano, aquele tinha de ser o dia? Podia ser cómico, se não fosse tão triste.

— Algum motivo para a data ser essa? — pergunto-lhe, não me conseguindo fingir indiferente, porque o meu ar afetado é demasiado expressivo. Seria impossível fingir-me indiferente e não me lembrar do significado daquela data.

— É o aniversário do Miguel... o meu noivo. Foi apenas por causa disso. Queríamos que fosse num dos meses de verão e achámos boa ideia ser no dia do aniversário dele. Como tivemos de adiar o casamento por causa da covid e a maior parte dos fornecedores que queríamos contratar tinha disponibilidade, acabou por ser nesse dia — explica-me, ao dar-se conta de quão afetado fiquei com a informação.

Tento camuflar o meu ar irritado. Sei que não tenho qualquer direito de estar assim. Quando muito, o único responsável por estarmos nesta situação neste momento e pelos vários anos de ausência sou eu. Mais ninguém.

Ainda assim, é difícil não ficar transtornado com aquela informação. Dia 16 de julho é um dia que recorro todos os anos desde que nos separámos, mesmo não podendo celebrá-lo. Foi o dia em que a beijei pela primeira vez, quando tínhamos quinze anos, e foi o dia em que a pedi em casamento, quando tinha dezasseis. As memórias daquele dia atropelam-se umas às outras numa correria desenfreada. Parece que foi tudo noutra vida.

Viro-me de repente para ela e coloco-me à sua frente, determinado a conversarmos finalmente sobre o elefante na sala que ambos insistimos em ignorar.

— Mariana, aquilo que se passou naquele dia... Quem me dera poder refazer tudo. Se pudesse voltar atrás, nunca voltaria a dizer aquela barbaridade e a afastar-te daquela maneira. Preciso que saibas isso.

— Achas que estou assim por causa do que se passou naquele dia, Alex? Achas que me importo em relação ao que aquele anormal fez? Já nem me lembro do nome dele. Houve tantas coisas piores a acontecerem depois daquilo... E tu não tiveste culpa. O que me deixou terrivelmente irritada, desiludida e dececionada, o que lhe queiras chamar, foi nunca me teres dito nada. Nunca teres respondido aos meus *e-mails*, nunca teres respondido às minhas mensagens, nunca me teres ligado de volta, nunca me teres dado hipótese de saber como te contactar, teres mudado de número... Sabes o que senti quando te tentei ligar pela milésima vez e ouvi aquele robô a dizer que o teu número não estava atribuído? Já eu sempre tive o mesmo número de telemóvel, desde os meus treze anos, com um único objetivo: o de tu me poderes contactar, assim que estivesse preparado.

Oíço tudo o que ela me diz de rajada e sinto uma dor no peito tão grande e tão familiar... Já senti esta dor no passado. É a dor da culpa, a dor que diz que deveria ter feito tudo de maneira diferente, que me convence que nunca conseguirei ser feliz, porque não consegui salvar a minha mãe e porque consegui afastar o amor da minha vida a ponto de não a conseguir recuperar. E agora a merda do destino ainda goza comigo ao voltar a cruzar-nos, precisamente na despedida de solteira dela.

— Eu sei que fui um imbecil e que não te devia ter afastado. Quem me dera poder voltar atrás... Juro que preferia viver aquela dor novamente, se soubesse que conseguia recompor as coisas entre nós. Preciso que acredites em mim.

Ela para uns segundos, assimilando tudo o que acabei de dizer, até que por fim responde.

— Eu acredito.

Continuamos a fitar-nos, num olhar que revela ainda haver muito por dizer. É difícil para mim concentrar-me sequer em todos os pensamentos que redemoïnham na minha cabeça. Quero continuar a conversa, pedir-lhe desculpa, pedir-lhe que não se case, mas como? Como é que me posso arrogar a esse direito? Passaram quinze anos e ambos temos as nossas vidas — ela mais do que eu, obviamente, mas ainda assim.

Pego-lhe na mão e aperto-a, um gesto de entendimento que espero que transmita o arrependimento que eu sinto, que espero que a leve a perceber que, se pudesse voltar atrás, fá-lo-ia.

Capítulo 34

Alex, 31 anos

Junho de 2022

Levo-a ao miradouro do Templo de Debod depois de passarmos algum tempo no Parque del Retiro. O meu objetivo principal é levar a que ela não se vá embora tão cedo, apesar de saber que, a certa altura, teremos de nos despedir. Mas quero atrasar ao máximo este momento. Caminhamos pela Gran Via, passando pela Fuente de Cibeles até chegarmos à Plaza de España e atravessarmos a mesma. O Templo de Debod é um dos locais mais turísticos de Madrid, concentrando milhares de turistas à hora do pôr do sol. O motivo para a querer trazer aqui deve-se a já ter pensado nela inúmeras vezes aqui, desde que vim para cá morar. Quando era mais novo, vinha aqui e via o pôr do sol sozinho, mas pensava nela e imaginava o que ela estaria a fazer naquele momento, se ainda se lembraria de mim e se algum dia poderíamos voltar a reencontrar-nos e reverter tudo.

À medida que os anos foram passando, convenci-me de que nos iríamos esquecer um do outro, mas compreendo agora que isso foi uma mentira que inventei para mim próprio, para me ajudar a lidar com a angústia da saudade e com a incerteza do destino. Também consigo perceber pelos seus olhos que não me esqueceu. Apesar de não demonstrar nenhum constrangimento, revela estar um pouco apreensiva em relação à nossa proximidade. Mexe muito no anel de noivado, como se fosse um tique nervoso ou uma maneira de se acalmar.

O céu começa a apresentar a tonalidade que lhe é característica no final do dia, pintando uma aguarela de magenta e laranja, com o sol a preparar-se para mergulhar no horizonte e nos deixar à mercê da noite.

— Este é o sítio mais romântico de Madrid, na minha modesta opinião — digo-lhe, olhando em volta e concentrando-me na quantidade de casais que se beijam enquanto observam aquele espetáculo de fim de tarde.

Quem me dera que um deles fôssemos nós, mas porque acabei de dizer isto? Arrependo-me imediatamente, como se me desse conta de que não temos direito a estar no sítio mais romântico de Madrid, porque o nosso tempo já acabou.

Ela vai casar-se no próximo mês, precisamente no nosso dia, lembra-me novamente o meu cérebro. Ainda não me consegui abstrair disso, mas a verdade é que irá acontecer, ainda que só o mero pensamento me fustigue interiormente e

me torture a alma.

— Se fôssemos pessoas totalmente diferentes, se estivéssemos num universo paralelo, podíamos dar aqui o nosso primeiro beijo — comenta, observando os meus lábios.

Fico perplexo com a sua resposta, porque esperava que, após a minha intervenção, se irritasse comigo. Impressiona-me pela sua espontaneidade e não parece minimamente arrependida em relação ao que acabou de dizer.

— Podemos sempre dar o nosso primeiro beijo... neste sítio. Nunca nos beijámos aqui. Seria *um* primeiro beijo — digo-lhe, lançando o barro à parede, como se fosse assim tão fácil, como se esquecer o tempo que passou bem como agora estar noiva fosse assim: simples.

Ela ri-se do meu comentário pateta, ignorando-me.

Observo-lhe os dedos e reparo que está novamente a rodar várias vezes o seu anel à volta do dedo anelar. Agora já só conseguimos ver os últimos milímetros do sol, que se afunda rapidamente no horizonte e nos mergulha no crepúsculo.

Aproximo-me mais dela, tentando que seja impercetível. Pergunto-me o que aconteceria caso a beijasse agora. Sei que não devia, sei que ela é uma pessoa comprometida, que a iria colocar numa situação totalmente desconfortável, que provavelmente depressa se afastaria de mim e me deixaria espedado e arrependido. Mas e se nada disso acontecesse? E se em vez de tudo isso, que seria o correto, ela não me rejeitasse e nos pudéssemos provar de novo? Não me lembro do sabor dos seus lábios, mas lembro-me que nunca mais senti aquilo. E se for disso que eu preciso para a esquecer? Da confirmação de que tudo isto não passa de um amor platónico que começámos na adolescência e de que nos convencemos que é melhor do que qualquer coisa que tenhamos tido entretanto? Se calhar, beijá-la seria a cura para esta doença e permitir-nos-ia, finalmente, seguir em frente.

Aproximo os meus lábios do seu pescoço, enfeitiçado por esta nova ideia que se formou na minha mente e à qual não consigo escapar.

Preciso de a sentir novamente.

Ela não olha para mim. Pelo contrário, fecha os olhos, como se não se permitisse saborear este momento com os olhos abertos. Beijo-lhe ao de leve a zona do pescoço que se encontra mais perto de mim e sou imediatamente transportado por um portal para o nosso primeiro beijo, no Ginjal. De repente, é como se tivesse novamente quinze anos e não soubesse o que fazer a seguir. Ela estremece ao meu toque e inspira profundamente. Eu faço o mesmo, conseguindo, por fim, sentir o seu cheiro familiar, que não mudou mesmo após todos estes anos de ausência.

Todos os barulhos que nos rodeiam param e isolam-nos numa dimensão invisível para o exterior. Não nos interessa quem possa estar a ver, porque ninguém poderia interromper este momento, como se estivéssemos num sonho em que é impossível acordarmos. Por mim, nunca mais acordaria.

Coloco a mão à volta da sua nuca e inclino a minha cabeça na sua direção. Fito-lhe o olhar e os lábios, ligeiramente rosados de resquícios de batom que provavelmente pôs antes de vir ter comigo. Ela molha os lábios com a língua, gesto que eu, bem ou mal, interpreto como um convite.

Mergulho os meus lábios nos seus, à mesma velocidade com que o sol mergulhou no horizonte e nos deixou com as cores do crepúsculo, mas, contrariamente ao que aconteceu com o sol, não ficámos na penumbra. Pelo contrário, o que sinto é que o toque dos nossos lábios é como um regresso a casa, a descoberta de que desperdicei os últimos quinze anos da minha vida longe da pessoa que amo e que nem o tempo nem a distância foram capazes de me fazer esquecer.

Penetro a sua boca com a minha língua, agarrando-a de modo que ela fique ainda mais próxima de mim, como se a minha vida dependesse disso. Permanecemos assim durante algum tempo, não sei dizer quanto. Apenas sei que, quando levanto a cabeça e volto a olhar nos seus olhos, já está bastante escuro à nossa volta e grande parte dos turistas e observadores do pôr do sol já se foram embora, enquanto nós permanecemos ali, numa demonstração de afetos em público mais típica de adolescentes do que de pessoas na casa dos trinta.

— Foi um bom primeiro beijo. Na realidade, não sei se não baterá o nosso primeiro beijo real — digo-lhe, com humor, ainda inebriado com tudo o que senti nos últimos minutos e dando-me conta de sentir mais felicidade nos últimos minutos do que nos últimos anos.

Ela abana levemente a cabeça, desencostando-se das formas do meu corpo, no qual estava moldada, e afasta-se lentamente. Coloca as mãos na cabeça e dá uma volta de 180 graus, pondo-se de costas para mim, antes de se virar novamente e me encarar.

— Isto não devia ter acontecido — diz-me com a voz trémula e o olhar esgazeadado. — Eu estou noiva, Alex! — frisa, como se eu desconhecesse aquele pormenor.

— Eu sei, desculpa. Não queria que ficasses assim.

— Então o que querias? Alex... Não podemos simplesmente fingir que os anos não existiram ou não passaram por nós. Nós... nós... já não existe um nós. Isto não pode acontecer.

— Eu sei que não. Mas não nos termos visto ou falado nos últimos anos

parece-me um bocado irrelevante neste momento. Ou não sentiste o mesmo que eu? Sou eu que estou enganado? Sou eu que estou a inventar o que acabei de sentir?

Ela não me responde, fixando o olhar no Palacio Real de Madrid, que ambos conseguimos ver do miradouro.

— Podemos falar sobre isto, por favor? — peço-lhe.

Ela assente, continuando sem conseguir dizer muito mais do que já disse e revelando uma expressão de desespero por nos termos beijado e por ter acontecido algo que não devia, não na sua situação e não na sua despedida de solteira.

— Quem me dera que não estivesses noiva. Quem me dera que fosse eu o noivo.

— Alex..., não me podes dizer essas coisas.

— Mariana, eu amo-te. Nunca deixei de te amar, mesmo após tantos anos afastados. Nunca senti nada disto com mais ninguém. Já tentei várias vezes, acredita, mas pensei que simplesmente não fosse feito para amar, que o meu coração tivesse ficado enterrado juntamente com a minha mãe, mas não é verdade. O meu coração sempre esteve contigo... Por isso é que nunca o pude dar a mais ninguém. Ele já era *teu*.

Ela começa a chorar, abraçando-se a si própria, sem me responder.

— Percebo que tudo o que te digo agora seja totalmente extemporâneo, mas não poderia deixar de o dizer. Especialmente depois deste beijo. — Abraça-a, amparando-a e beijando o topo da cabeça dela. — Diz-me a verdade: tu também sentiste a intensidade deste beijo? Também sentes isto com o teu noivo?

Ela abraça-me com mais força, não querendo responder e não se querendo afastar do calor do meu peito. Enxuga as lágrimas que lhe escorrem pela face e depois olha para mim.

— Não. Nunca mais senti nada disto por ninguém — admite, enquanto me olha nos olhos.

Solto o ar que nem sabia que sustinha até àquele momento e esboço um sorriso perante a sua confissão. Não é que esteja feliz, mas sinto-me aliviado por não ter inventado tudo isto. Não sou eu que estou a imaginar coisas. O que sentimos é real e recíproco, mesmo com os anos de ausência, mesmo com o seu casamento marcado e com um noivo à espera dela em Portugal.

— Preciso que saibas porque fiz o que fiz. Porque me afastei e não nos dei hipótese..., porque nunca respondi às mensagens nem às chamadas e porque acabei por mudar de número.

— Pensei que fosse por causa da distância, por eu estar em Lisboa e tu em

Madrid...

— Isso foi a desculpa mais fácil de dar e na qual eu decidi acreditar com tanta veemência, mas só percebi ao certo as minhas atitudes depois de anos de terapia. Depois da morte da minha mãe, eu não conseguia imaginar ter de suportar mais nenhum tipo de dor. Não conseguia imaginar perder-te a certo momento, devido à distância, devido ao acaso, e por isso decidi sabotar tudo e não nos dar sequer uma hipótese. Percebo agora quão disparatada foi esta ideia, porque acabámos por sofrer mais do que se tivéssemos tentado..., mas, naquela altura, não aguentava pensar sequer em te perder. Não aguentava perder mais nada. O que é certo é que o meu plano não resultou, porque pensei em ti ao longo de todos estes anos. Sempre que fazias anos, sentia a tentação de te ligar — e quando fizeste vinte anos, não aguardei e liguei-te —, mas não consegui falar contigo e decidi não o voltar a fazer. Tinha o teu número guardado num bloco de notas dentro do meu armário, mas depois daquele telefonema, rasguei o papel e despejei-o na sanita, para não voltar a cair em tentação.

Ela fica estupefacta a olhar para mim, não só a tentar assimilar tudo o que lhe digo, mas especialmente após aquela revelação.

— Tu ligaste-me? Quando? Eu não me lembro de nada — admite.

— Pois não, porque não foste tu que atendeste — suspiro, lembrando-me daquele momento e do que ele me disse.

— Quem é que atendeu?

— Não sei o nome, só sei que foi o teu namorado.

— O Miguel?! Atendeu o meu telemóvel?

— Não sei, já andavas com ele nessa altura?

— Acho que sim... Oh, meu Deus, *tu* eras aquele rapaz com quem ele falou ao telefone? — Afasta-se de mim, parecendo lembrar-se de repente da ocasião daquela chamada, que devia estar esquecida há tanto tempo na sua mente.

— Eu liguei-te e um rapaz atendeu. Disse-me que não podias falar, porque estavas ocupada a conhecer o teu futuro namorado — revelo-lhe.

— Eu pensei que tivesse sido alguém a ligar-me para gozar comigo ou algo do género, porque praticamente todos os nossos amigos estavam ali naquela festa... Nunca pensei que pudesse ser uma chamada real e que fosses tu do outro lado da linha! Já estava um pouco bêbeda e nem sei se fui ver o registo de chamadas no dia seguinte — diz-me, de modo chocado e pesaroso.

— A culpa não é tua. Pelo contrário, é minha. Depois disso, rasguei o teu número. Não podia ter a certeza se ainda tinhas o mesmo número, mas, ainda que tivesse voltado atrás e decidido ligar-te novamente, já não me recordava dele. Além do mais, interpretei aquele telefonema como um sinal de que tu tinhas

conseguido refazer a tua vida e conhecido outras pessoas por quem te pudesses interessar.

— Alex, eu pensei em ti *o tempo todo*. Mesmo nessa noite! Tu eras o desejo que pedia quando apagava as velas dos meus bolos de aniversário... Pedia sempre que tu regressasses à minha vida! A dada altura, deixei de acreditar que o meu desejo se pudesse realizar.

— E decidiste esquecer-me.

— Tentei, pelo menos.

— E conseguiste?

— O que achas? — pergunta-me, sarcasticamente.

— Tendo em conta o nosso beijo de há pouco, eu diria que não.

— Pronto. Aí tens a tua resposta.

— Então, mas... porque estás noiva? Se não me esqueceste?

— Alex, não podia estar à espera de um fantasma para sempre! Passou mais de uma década! Mesmo não te tendo esquecido, tinha de continuar a minha vida, tentando ser minimamente feliz. Mesmo que soubesse que nunca conseguiria ser *totalmente* feliz, porque só conseguiria isso contigo.

Não consigo resistir a avançar na sua direção e puxá-la para mim, como se a minha vida dependesse disso.

— Vem comigo — imploro-lhe.

— Para onde?

— Confias em mim? — questiono.

— Sim...

— Vou provar-te que o nosso destino é ficarmos juntos.

Pego na mão dela e ignoro o certo e o errado, ignoro aquele anel no seu dedo e o atraso de vários anos.

Concentro-me apenas no que sinto por ela desde os meus treze anos e juro a mim próprio que, no que depender de mim, nunca mais a vou deixar virar costas sem que saiba o que sinto por ela.

Capítulo 35

Alex, 31 anos

Junho de 2022

Coloco a chave na fechadura, sentindo um frémito interior. Não creio que alguma vez me tenha sentido tão excitado ao abrir a porta da minha casa.

— Porque me trouxeste aqui? — questiona-me, desconfiada, parando em cima do meu tapete de entrada, com medo de avançar.

— Não é nada do que estás a pensar... — asseguro-lhe, segurando na porta, para ela entrar. — Há uma coisa que te quero mostrar e só o podia fazer aqui — acrescento.

Ela aquiesce e entra, olhando em volta e observando a minha humilde casa perto do Parque del Retiro. Fizemos grande parte do caminho em silêncio, apenas trocando olhares cúmplices, embaraçados por tudo o que aconteceu no miradouro do Templo de Debod.

Não lhe disse que a iria trazer a minha casa, porque calculava que fosse esta a reação dela — esta relutância em entrar e este receio de estarmos sozinhos.

Caminhamos ao longo da sala, sempre com ela a observar o caminho que lhe digo para percorrer, até chegarmos a uma porta que se encontra fechada e com um aviso em castelhano que diz «Entrada proibida».

— Não sei se posso entrar aí — diz, rindo-se.

— Como legítimo proprietário desta casa, confirmo que podes — assevero, piscando-lhe o olho e abrindo lentamente a porta.

Ela fica novamente relutante em entrar, devido à escuridão da sala.

— Está tudo escuro! — afirma, com receio.

— Não tenhas medo... Prometo que vai valer a pena — confirmo-lhe, entrando primeiro e dando-lhe a mão, conferindo-lhe confiança suficiente para dar os dois passos que lhe faltam para entrar nesta divisão, a minha favorita de toda a casa.

Ligo a luz vermelha, a única permitida nesta divisão, por ser a única que o papel químico não absorve.

— Há quem considere que o processo de revelação de fotografias analógicas possa ser arcaico..., mas o resultado é incrível, especialmente para quem gosta mais do processo do que do próprio resultado, como é o meu caso — explico-lhe.

— Tudo o que seja analógico é mais autêntico por excluir a hipótese de manipulação digital. Além disso, apenas nas fotografias analógicas nos é possível imortalizar *aquele* momento, sem possibilidade de repetição noutra pose ou noutro ângulo. O que é fotografado é apenas um momento, daí ser irrepetível.

Ela aproxima-se da mesa retangular nos quais estão dispostos os três tabuleiros que tenho em cima da mesma com os químicos de revelação: o revelador, o *stop* e o fixador. Observa as fotografias que se encontram penduradas, em processo de secagem, boquiaberta.

— Alex... — balbucia —, isto é incrível... — acrescenta, demorando-se nas fotografias que se encontram do lado esquerdo, cujo processo de secagem já terminou. — Espera, esta sou eu! — exclama, em choque, dando-se conta do instante e do lugar em que aqueles momentos foram imortalizados.

Revelei estas fotografias de madrugada, depois de a ter visto ontem na discoteca. Nunca as tinha revelado e pertenciam aos meus rolos por revelar ao longo de todos estes anos, por nunca ter conseguido e sempre me ter faltado a coragem. No entanto, depois de a ver ontem, só conseguia pensar em como queria revelar aquelas fotografias específicas.

— Lembras-te disto? — pergunto-lhe, apontando para uma fotografia em que ela se encontra deitada na relva a ler um livro, com a Ponte 25 de Abril por trás.

— Sim, mas não me lembro de tirares esta fotografia.

— Sabes bem que sempre consegui ser ninja quando te tirava fotos, caso contrário havia grandes possibilidades de não me deixares.

Ela revira os olhos, sorrindo, como que confirmando a minha afirmação. Praticamente sempre que a apanhava tinha de ser desprevenida, para não cobrir a cara com as mãos.

— Não me lembro de as fotografias parecerem assim, tão... Sei lá, nem tenho palavras para descrever. Profissionais?

— O truque é descobrir o tempo de exposição adequado, para evitar que a imagem fique superexposta ou com exposição a menos e ajustar o contraste e a nitidez na revelação, para lhe dar este efeito mais profissional, digamos assim.

— E ser um bom fotógrafo, claro. Não te menosprezes — pede-me, antes de acrescentar: — Lembro-me bem que tiravas fotografias espetaculares.

Eu fico um pouco embaraçado, embora orgulhoso por receber aquele elogio, mas especialmente por saber que ela se lembra de pormenores em relação a mim, que afinal não é só a minha memória a preservar tantas coisas que julgava que já devia ter esquecido.

— Queres que te conte um segredo? — pergunto-lhe, ainda ponderando se me devia expor desta maneira, se não deveria guardar a verdade só para mim.

Ela desvia lentamente o olhar das fotografias, que ainda contempla e dirige-o aos meus olhos, respondendo-me apenas com o olhar, aquele olhar que, mesmo passado todos estes anos, não mudou nada e que eu consigo ler sem dificuldade, perguntando-me «isso é pergunta que se faça?»

— Revelei-as ontem à noite, depois de nos encontrarmos na discoteca. Ou melhor dizendo, esta manhã. — Faço uma pausa, alcançando outras fotografias que ainda se encontram penduradas a terminarem o processo de revelação. — Basicamente, não conseguia dormir depois de nos termos reencontrado. Como poderia ir dormir, depois de ver a pessoa que mais anseio ver na última década?

— Alex..., para — pede-me, apoiando-se na mesa onde estão os tabuleiros de revelação e massajando as têmporas, outro dos gestos que me recordo de a ver fazer na adolescência.

— Não posso parar. Estive parado demasiado tempo. O problema foi esse... Devia ter percebido que nunca iria ser feliz sem ti, tal como não fui, tal como *não sou*. Devia ter percebido que, independentemente de estar de luto, não te deveria ter afastado de mim, como se isso me fosse ajudar de alguma forma. No fundo, só me destruiu mais. Nunca ameie ninguém como te ameie a ti. Mesmo depois de tantos anos de ausência e distância, bastou ver-te na discoteca para sentir que a minha vida finalmente tinha ganhado algum sentido. Compreendes minimamente o que te estou a querer dizer? É como se o meu coração não tivesse realmente batido ao longo destes anos, como se tivesse estado meramente a sobreviver, à deriva, só à espera do momento em que nos pudéssemos reencontrar.

— Então porque não o fizeste? — interrompe-me. — Não era assim tão difícil, com o avançar das tecnologias. Podias ter-me pesquisado no Facebook, mesmo que já não tivesses o meu número.

— Não tenho Facebook...

— Eu sei, porque eu te tentei encontrar, mesmo depois de tudo. Só Deus sabe a quantidade de vezes que pensei em ti... Só Deus sabe que pensei em ti até no dia em que fui pedida em casamento! Sabes o que isso é? Pensar que devia estar feliz, radiante, aos pulos, porque alguém imagina a sua vida ao meu lado e quer ficar comigo para sempre, e o primeiro pensamento que eu tive foi: «Quem me dera que fosse o Alex»? Imaginas o que é sentir isso? Imaginas quão estragada pode uma pessoa estar para fazer isto? Para se comprometer com alguém, pensando em outrem?

— Não estás estragada... Simplesmente és humana. Somos humanos e muitas vezes passamos a vida toda a errar.

Ela suspira, procurando a saída.

— Não vás, por favor — peço-lhe. Não tenho a certeza de já ter pedido algo

tão encarecidamente a alguém. O aperto no meu peito é tão grande, tão forte, como se estivesse na iminência de parar de bater, por simplesmente ela se ir embora e me deixar novamente sozinho, como se até agora tivesse conseguido aguentar, mas não fosse capaz de o fazer caso ela volte a sair da minha vida. — Chega de jogar este jogo em que sabemos que nenhum de nós poderá vencer... — imploro-lhe.

Ela para, talvez compreendendo a importância da sua presença aqui, apenas pela maneira como lhe peço para não ir. Aproximo-me dela devagar, pegando-lhe na mão e acariciando-a. Preciso de sentir o seu toque e a textura da sua pele, antes que se vá embora. Preciso de decorar a sensação que sinto ao tocar-lhe, a confirmação do que significa estar vivo.

— Eu sei que é difícil perceber e talvez eu também não me conseguisse perdoar a mim próprio, caso estivesse no teu lugar, mas preciso que acredites em mim quando te digo que estou profundamente arrependido de tudo o que nos aconteceu, do rumo que a nossa vida tomou e dos anos que perdemos separados. Preciso que saibas que te *amo* e que esse sentimento não morreu.

Olhamo-nos nos olhos um do outro enquanto me declaro. Dizem que um olhar vale mais do que mil palavras e mesmo sentindo que lhe devo mais do que mil palavras, mais do que mil perdões, espero que o meu olhar consiga ser ainda mais explícito do que eu, que consiga transmitir o que talvez as palavras não consigam.

O que sentimos outrora um pelo outro emerge por entre as sombras do passado, como um espectro do tempo que se materializou entre nós. Sinto a eletricidade deste momento, uma tensão palpável que transcende as quase duas décadas que nos separam.

Os nossos olhares encontram-se, carregando consigo uma mistura de desejos reprimidos, bem como o peso da proibição. Ambos sabemos que não deveríamos estar aqui, que talvez o nosso destino já tenha sido traçado de outra forma, mas então porque nos atraímos como ímanes e nos aproximamos um do outro, como se um fio invisível nos unisse ao longo deste tempo todo?

O coração dela bate descompassado, numa sinfonia de nervosismo e antecipação; o mundo ao redor parece desaparecer.

Os nossos lábios encontram-se num beijo capaz de transcender décadas de ausência, num momento roubado do tecido do tempo. O beijo é doce, entrelaçado com a amargura da realidade, como um fruto proibido que deixa um sabor agri-doce.

Quando nos afastamos o mínimo possível, para olharmos um para o outro, noto que há angústia nos olhos dela, um reconhecimento silencioso de quão

fugaz e efémero é este momento.

Sei que o que fazemos é errado, mas será mesmo? Na realidade, eu nunca a esqueci e sei que ela também nunca me esqueceu. Ao longo dos últimos anos, temos apenas sobrevivido cada um à sua maneira, tentando ao máximo abstrair-nos da memória um do outro.

Talvez estes beijos sejam um ato de rebelião contra o destino que nos separou ao longo dos últimos anos, talvez sejam uma afronta ao futuro e ao que nos espera no mundo real, fora da bolha em que nos encontramos.

Abraço-a e envolvo-a, não querendo que este dia termine. Não há luz proveniente do exterior, o que me leva a crer que já escureceu totalmente.

Ela pega no telemóvel e suspira pesadamente.

— Tenho dezenas de chamadas não atendidas e mensagens do Miguel e centenas de mensagens no grupo das damas de honor no WhatsApp — diz-me, em tom de desabafo a escassos metros de mim. — Não quero sair daqui e ter de lidar com isto.

— Não saias — digo-lhe.

— E simplesmente fico aqui para sempre? — ela ri-se, formando um esgar, ao se dar conta da situação em que estamos.

— Sim, por mim ficas.

— Eu caso daqui a um mês...

Afasto-me lentamente dela, de modo que a possa ver melhor e extravasar as minhas emoções e os meus sentimentos.

— Depois do que acabámos de perceber? Depois de tudo o que te disse? Vais voltar a ser essa versão e viver uma vida em que sabes que não vais ser 100% feliz? Vais casar-te com ele no dia 16 de julho e dar-lhe apenas metade do teu coração? Sim, porque ambos sabemos que, pelo menos, a outra metade me pertence. Tu ainda me amas, Mariana.

— Nunca disse o contrário — responde-me, soluçando. — Mas o que sugeres que eu faça? Simplesmente ignoro os últimos onze anos da minha vida e digo ao meu noivo que beije outra pessoa na minha despedida de solteira?

— Não sou apenas uma pessoa que tu beijaste, acho que sabes perfeitamente disso. E acho que lhe deves dizer que não o amas, sim.

— É fácil para ti falar...

— Nada para mim é fácil, acredita... — Faço uma pausa, antes de continuar.

— Mas a sério que te vais casar com alguém que não amas verdadeiramente? Já nem falo do que se passou entre nós hoje. Mas é o resto da tua vida que está em jogo! O resto das *nossas* vidas!

Ela afasta-se cada vez mais de mim, calmamente, contrastando com o meu

estado de espírito que está prestes a incendiar tudo o que encontrar à minha frente.

A minha expressão é muito provavelmente de desilusão. Apetece-me implorar-lhe e gritar-lhe que não se vá embora.

— Não vás — não grito, mas imploro-lhe, aproximando-me novamente dela o máximo que consigo, permitindo-me sentir minimamente o seu calor —, dá-me uma oportunidade. Deixa-me reconstruir a nossa vida — peço-lhe, olhando-a nos olhos e rezando para que não me deixe sozinho.

Ela agarra-se a mim, com os lábios na curva do meu pescoço. Consigo sentir as lágrimas que lhe escorrem pelo rosto e se afundam no meu peito.

— Então... porque não podemos ficar juntos se até o destino quis que isso acontecesse?

— O destino é uma merda, Alex. O destino não manda em nada.

— Foi o destino que nos juntou, ou o que lhe queiras chamar. *Alguma* coisa nos juntou e levou a que nos encontrássemos ontem! De todos os milhões de pessoas que poderias ter encontrado na discoteca, fui eu quem tu viste. Não podes virar costas a isso.

— E faço o quê? Ligo ao Miguel, digo-lhe que o casamento está cancelado e que me vou mudar para Madrid, porque ainda estou apaixonada pelo meu primeiro amor? Que os anos que passei com ele não serviram para nada e que nunca te esqueci?

— Se é isso que tu sentes, sim. Acho que devias ser sincera com ele. Mas não só. Acho que devias ser sincera *contigo*. És *tu* que tens de viver a tua vida, mais ninguém. Se não me escolheres, eu vou ficar destroçado, mas consigo lidar com isso. Apenas não consigo lidar com estares a tentar ignorar o que sentes, o que sempre sentimos um pelo outro e estares só a pensar no casamento, como se fosse uma sentença.

— Não é uma sentença, mas é um compromisso! Tu não percebes.

— Eu percebo perfeitamente o teu conflito, mas e o compromisso de seres feliz?

Ela afasta-se de mim e coloca as mãos na cabeça.

— Preciso de ir à casa de banho — diz-me, em esforço, talvez tentando arranjar um escape, para ficar um pouco sozinha. Sinto-me aliviado por não dizer que precisa de ir embora. Pelo menos enquanto estiver com ela posso tentar chamá-la à razão.

— É aqui à direita — digo-lhe, acendendo-lhe a luz e deixando-a à vontade.

Depois, encaminho-me para a sala, para lhe dar algum espaço para pensar ou fazer o que tem de fazer, implorando para que, quando sair dali, não me dizer

que se tem de ir embora e que eu esqueça que nos encontrámos.

Ao longo da minha vida, questioneei-me se há apenas uma pessoa para cada um de nós, acreditando que tal não poderá ser possível. Como seria possível que, em oito mil milhões de pessoas, apenas existisse uma única que nos pudesse trazer o que queremos? E se a nossa pessoa tivesse nascido do outro lado do mundo, nós nunca a encontraríamos? É demasiado limitativo. Nunca acreditei que apenas uma pessoa pudesse estar destinada a cada uma das pessoas na Terra e continuo a não acreditar. Mas se é assim, como é que me sinto desta forma por alguém que não vejo há tantos anos e que está comprometida com outro? Como é que, em milhões de mulheres que vivem em Madrid, designadamente as dezenas com quem já me relacionei, não existe *nenhuma* que me tenha despertado o que a Mariana despertou em mim quando era apenas um miúdo e que continua a despertar em mim, já na vida adulta?

Suspiro audivelmente, concentrando-me em quão injusta esta situação é para todos nós.

Capítulo 36

Mariana, 30 anos

Junho de 2022

Assim que entro na casa de banho do Alex, preciso de me sentar, para acalmar a minha respiração. O peito arde-me por não saber o que fazer a seguir. Sinto que a minha vida deu uma pirueta desde a noite passada. Se antes me sentia muitas vezes ansiosa sempre que pensava no casamento e na sua organização, agora sinto-me literalmente a sufocar.

Rodo o meu anel precisamente seis vezes, para me acalmar. A minha perturbação obsessivo-compulsiva, que faço tanto esforço por esconder, vem à tona em momentos de maior ansiedade e preciso sempre da casa de banho para me esconder, para me ajudar a lidar com a situação, para me camuflar e me permitir respirar novamente.

Inspiro e expiro várias vezes antes de tirar o telemóvel da minha pequena bolsa e verificar que, mesmo estando no modo «não incomodar», contabiliza dezenas de mensagens recebidas e chamadas não atendidas.

A maior parte são da Mel e do Miguel, claro, pois não comunico com nenhum deles há horas. Vejo as mensagens por alto e respondo à Mel primeiro, dizendo que estou com um velho amigo e que lhe contarei tudo assim que chegar ao hotel, pedindo-lhe para me encobrir, caso o meu noivo a contacte; depois, respondo ao Miguel, dizendo que está tudo bem e que estou a aproveitar a despedida de solteira com as minhas amigas, daí não ter dito nada.

Sou uma mentirosa, mas não consigo fazer nada melhor do que isto neste momento. É óbvio que o que devia fazer era ir-me embora, virar costas a tudo o que veio perturbar a minha pequena bolha de planos para a agitar com dúvidas, questões e inseguranças, mas não lhe consigo virar costas; não depois de tudo o que me disse ao longo do dia de hoje e que espoletou tantas memórias que decidi recalcar ao longo dos últimos anos.

Volto a ver aquelas imagens à frente dos meus olhos, como se as minhas íris fossem projetores de um filme cuja fita não fica gasta e se repete vezes e vezes sem conta, não me conseguindo desligar imediatamente dos pensamentos que me atormentam de forma repetida. Respiro fundo várias vezes, praticando a respiração diafragmática, que tende a ajudar, na medida do possível. *Vai ficar*

tudo bem, vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem, penso, enquanto escrevo no meu pequeno bloco de notas.

Levanto-me quando me começo a sentir mais calma e passo o rosto por água fria. A temperatura da água consegue refrescar-me neste final de dia quente, assim como refrescar e acalmar as ideias que se enrolam no meu cérebro, gritando por atenção.

Fito-me ao espelho. Sinto-me extenuada com todas as emoções que senti ao longo das últimas horas. No entanto, há algo diferente em mim, algo que não sinto nem vejo há muito tempo... Um brilho no olhar, uma excitação que já não via há anos. Sorrio ligeiramente, entendendo o poder que ele ainda tem sobre mim, ao conseguir reativar uma faceta que nem sequer reconheço como minha.

Quando desligo a torneira, os meus olhos prendem-se em algo que me deixa imediatamente séria, com uma sensação amarga e quente como lava a percorrer o meu peito. Não é uma reação racional, de todo, e sei que não estou em posição de fazer algum tipo de cobrança ou exigir explicações para o que vejo neste momento. Ainda assim, esta reação instintiva e incontrollável, que reconheço como *ciúme*, invade-me e deixa-me em brasa. Seria capaz de sair daqui disparada neste momento, caso não fosse eu que estivesse noiva, porque à minha frente vejo duas escovas de dentes num copo ao lado do dispensador líquido. Uma azul e uma cor-de-rosa. *Clássico*.

Será possível que ele esteja comprometido com alguém, depois de todas as coisas que me disse hoje?

Averiguo o conteúdo do armário do lavatório, para confirmar a minha recente descoberta e encontro pensos higiénicos e tampões na parte de baixo do armário, perfeitamente acondicionados como se fossem joias, bem arrumadas numa caixa própria. Serei a única mulher que, por muito que tente, continuo a não conseguir ter a sua vida minimamente organizada, a começar pelos itens de higiene íntima e a terminar nos seus próprios sentimentos e desejos?

Sinto uma pontada de inveja desta pessoa que faz ou fez parte da vida do Alex, porque ela o conheceu num momento em que a vida não se encarregou de os afastar, em que o fardo do luto não os separou para sempre, obrigando-os a viver uma vida alternativa cujo tom é desbotado e insípido. Sinto inveja desta mulher que já o teve nos braços sem pena nem remorso, que não sei até que ponto conhece os seus fantasmas e tormentos e que não teve de lidar com eles.

Seco as minhas mãos e saio da casa de banho. Olho em volta à procura dele, não sendo difícil adivinhar que se encontra na sala, pois é a única divisão com uma luz acesa.

— Porque não me contaste que também tens alguém? — pergunto, mal me

aproximo dele, após o meu cérebro ter repetido várias vezes que ele está comprometido.

— Como? — questiona-me, como se o que eu estou a dizer fosse patético e não soubesse do que estou a falar.

— Tens uma escova de dentes cor-de-rosa, pensos higiénicos e tampões guardados no armário... — verifico o óbvio, já que ele não admite que tem alguém.

— É da minha ex-namorada — suspira. — Não tenho ninguém, Mariana. Mas sim, já tive. Já tive várias pessoas ao longo dos últimos anos. A dona daquela escova de dentes era a Martina e terminámos no final do ano passado.

Uau. *Martina*. Até do nome dela tenho inveja neste momento. Reparo na familiaridade do seu nome com o meu. Apenas duas letras são diferentes. Não deixo de me questionar sobre os nomes das mulheres com quem já se envolveu e se alguma vez pensou em mim enquanto as beijava. Compreendo quão patética estou a ser, por ter todos estes pensamentos parvos em cadeia.

— E não deitas a escova de dentes fora? Não devolves as coisas dela, como é normal fazer no final das relações? — pergunto-lhe, com um tom um pouco mais acutilante do que gostaria, continuando a sentir-me ridícula e intrusiva, uma vez que eu é que estou de casamento marcado e ele acaba de me dizer que a sua relação acabou há meses. — Desculpa a minha reação, não tenho moral nenhuma para te exigir explicações ou justificações.

Ele ri-se, como se tivesse pensado exatamente o mesmo que eu, mas gostasse da maneira como estou a reagir a esta descoberta.

— Não, tens razão. Tenho de lhe devolver algumas coisas que ainda aqui estão. Mas ainda não o fiz por não me importar sequer que aí estivessem.

Fitamo-nos um ao outro.

— Não percebes, pois não, Mariana?

— Não percebo o quê? — Não consigo entender ao que se refere.

— Não percebes que nunca mais ninguém se conseguiu aproximar minimamente do que tu me fazes sentir.

Não sei o que lhe dizer, visto que, por muito que me sinta feliz ou importante por ouvir tal coisa, compreendo também quão egoísta isso me faz sentir e quão injusto isso é para todos os envolvidos.

Ele levanta-se do sofá finalmente, aproximando-se de mim, que me encontro especada perto da soleira da porta da sala.

— Eu também não tinha percebido o porquê de as minhas relações não darem certo. Ou talvez a realidade sempre tenha estado escancarada à minha frente e fosse eu que não a quisesse ver.

O meu peito expande-se ao ouvir cada palavra saída da sua boca, entoada com o seu timbre. Não vou negar que o que quero é beijá-lo e ficar aqui com ele para sempre, quero perdôá-lo e contar-lhe tudo, quero recuperar os anos perdidos enquanto nos perdemos um no outro, como outrora.

Mas nunca o faria, não desta maneira. Sei que tenho de me afastar, de me ir embora, de pensar em tudo o que me disse ao longo do dia de hoje e de organizar a minha vida e os meus sentimentos.

— Alex, tenho de ir. A Mel deve estar preocupadíssima comigo... — afirmo, tentando esquivar-me de mais respostas, de mais interações, visto que a única coisa na qual consigo pensar a cada minuto que passa é no cheiro do seu perfume, no sabor dos seus lábios e na necessidade de sair daqui o mais rapidamente possível, antes que seja demasiado tarde e faça algo de que me arrependa. — Depois falamos — digo-lhe, olhando uma última vez para a sala, absorvendo o seu espaço, que tantas vezes imaginei à distância, antes de dar meia-volta e me dirigir para a porta.

— Mariana, espera! — grita atrás de mim, quando me encaminho para a porta da rua.

Mesmo assim, ele é mais rápido do que eu e consegue alcançar-me.

— Não podes ir embora sem que antes eu te dê uma coisa, por favor.

Fico a olhar para ele, sem saber ao que se refere, observando-o a encaminhar-se para uma das divisões da sua casa, que penso que seja o seu quarto. Seja o que for, estava relativamente acessível, porque não demora mais do que dois minutos a dar-me uma caixa de madeira esculpida, mais pesada do que aparenta ser.

— O que é isso?

— Isto são os últimos dez anos e tudo o que gostaria de te ter dito e não disse.

Engulo em seco, aceitando aquela caixa que mais me parece um caixão de memórias.

— OK, agora tenho mesmo de ir... Falamos depois — declaro, tentando afastar-me da sua energia inebriante, da sua teia que me emaranha, confunde e deixa a duvidar de todas as escolhas que já fiz na vida.

— Mas como, se te vais embora amanhã? — interroga, visivelmente destronado.

— Eu ligo-te — confirmo-lhe.

— *Promete-me* que me contactas, mesmo que seja para me dizeres que já não há hipótese para nós.

— Prometo. — Sinto que quando o digo é a sério, como se não visse qualquer outra hipótese. Não consigo imaginar não o ter na minha vida, mesmo que seja à distância, mesmo que seja como amigo, mesmo que o que sinto por ele seja mais,

muito mais.

— Vou ficar à espera.

Ele fica a ver-me desaparecer do seu campo de visão e eu continuo o meu trajeto até sair do seu prédio e fechar a porta, uma barreira física que nos separa — uma simples porta é representativa de todos os anos que passaram e em que podíamos ter evitado tudo isto.

Capítulo 37

Mariana, 30 anos

Junho de 2022

Assim que fecho a porta do prédio dele, tenho vontade de voltar atrás, de tocar novamente e lhe dizer que tem razão, que não sei há quantos anos não me sentia tão feliz e plena. Provavelmente desde que se foi embora.

Queria ter ficado com ele naquela noite, queria perder-me novamente nos seus beijos e no seu corpo, sorvendo cada poro, compensando cada ano de ausência. Mas nunca o poderia fazer, nunca poderia ter essa atitude com o Miguel. Nunca me perdoaria se tivesse passado do pensamento à prática. Sabia que mentalmente já o traíra, mas que nunca o faria fisicamente.

Não podia regressar — isso era a única coisa que conseguia repetir mentalmente, para continuar a caminhar, enquanto me esforçava por digitar o endereço para o qual tinha de ir.

Chamo o Uber, que me leva para o hotel onde estamos todas hospedadas, na Gran Via. Assim que entro, corro em direção ao meu quarto, para me afastar de todos os pensamentos, como se tal resultasse, como se correr e afastar-me do apartamento do Alex fosse eficaz para o esquecer a ele e ao que aconteceu.

Abro a porta do quarto o mais silenciosamente que consigo, para não acordar a Mel, mas sem sucesso. Ela não está a dormir, mas a falar ao telemóvel.

— Graças a Deus, ela acabou de chegar! Depois falamos, amor. Beijinhos — diz ela, despachando o Fred com grande velocidade e aproximando-se de mim, que me encontro ainda junto da porta do quarto.

Começo a chorar, sem saber por onde hei de começar.

— Onde é que te meteste o dia todo? Mariana, o que aconteceu? Porque estás a chorar? Que se passou? Estávamos todas preocupadas contigo.

Apoio-me nela, evitando cair no chão sem amparo. Contudo, não consigo evitar descer até ao chão, sentando-me enquanto soluço.

— Mariana, estás a deixar-me preocupada...

Tento acalmar-me, antes de pronunciar as únicas palavras que me vêm à cabeça e que não param de girar na minha mente, atordoando-me, levando a que sinta que não sou merecedora de nada, que não sou merecedora de ser feliz, nem com o Alex nem com ninguém.

Ela não me pressiona, mas sinto que preciso mesmo de falar e desabafar com ela.

Podia começar a explicar-lhe tudo desde o início, mas decido começar pelo final, balbuciando apenas:

— Eu traí o Miguel — digo num sopro, quase inaudível.

Depois, conto-lhe tudo desde o início. Digo-lhe quem é o rapaz que estava ontem na discoteca, conto-lhe sobre o primeiro dia em que o vi na escola, sobre o nosso passado tumultuoso, que fantasio com o nosso reencontro há anos, que sonho com aqueles seus olhos amarelados, que ele foi a pessoa na qual pensei quando o Miguel me pediu em casamento e que, na realidade, não me senti feliz — porque não era um pedido de casamento do Miguel que eu queria receber; conto-lhe que já estivemos noivos e que amo aquele rapaz desde os meus treze anos.

Conto-lhe inclusivamente o meu maior segredo, aquele que nunca tive coragem de contar a ninguém, aquele que só os meus pais sabem, além de mim.

Conto-lhe a minha vida toda até este preciso momento, no qual deu uma pirueta descomunal e não sei como a voltar a pôr na posição certa. Não oculto nenhum pormenor, esperando que a Mel me consiga ajudar a perceber o que irei fazer daqui para a frente.

— Amiga..., claramente não te podes casar com o Miguel, isso é certo — diz-me, depois de me ouvir durante o que me parecem horas, depois de refletir e se pôr na minha posição.

— Mas como? Não lhe posso fazer isso...

— Mas também não te podes casar com ele, sabendo que amas outra pessoa... Uma pessoa que, na realidade, sempre amaste — diz-me, não para me julgar, mas para me ajudar. — Sempre achei que a vossa relação tinha uma sombra... Agora, tudo faz sentido. Só que tu nunca admitias ter problemas. Estavas sempre disposta a ajudar os outros, a ajudar-me a mim e nunca me deixaste ver que também precisavas de ajuda... — Ela suspira e faz uma longa pausa, na qual eu também me deixo ficar em silêncio e depois retoma o discurso. — Sempre suspeitei que se passava algo, Mariana. Parece que, na verdade, sempre desconfiei que não estavas plenamente feliz, que o Miguel não era a pessoa que tinhas idealizado para ti e com quem querias passar a vida inteira.

— Mas eu não sabia, Mel... — respondo-lhe, de lágrimas nos olhos.

— Sabias que não o amavas como amaste o Alex — replica.

— Sim, mas achei que isso era normal. Não amamos as pessoas da mesma maneira que amámos outras. Tu também não amas o Fred como amaste o Tomás — digo-lhe, um pouco mais à defensiva do que gostaria, ao referir-me ao seu ex-

namorado, porque sei que ela não me está a atacar e não há motivos para me defender, mas, ainda assim, custa-me admitir a verdade de que não amo o Miguel.

— Sim, claro que não. Ouve, eu não estou a criticar-te pelo que sentes ou não sentes em relação a qualquer um deles... Só estou a dizer que o que tu sentes pelo Miguel — e que pode, efetivamente, ser amor —, não é o que deverias sentir pela pessoa com quem estás na iminência de casar e, definitivamente, não é o que sentes pelo Alex.

Fecho os olhos e aninho-me na almofada, encostada à cabeceira da nossa cama do hotel. Sei que ela tem razão, por muito difícil que seja admiti-lo, quer em voz alta, quer apenas a mim própria.

— Lembras-te do que me disseste há uns anos, sobre termos de fazer escolhas? — pergunta-me a Mel.

Eu abano a cabeça, lembrando-me perfeitamente do que lhe disse no primeiro ano da faculdade, quando ela não queria admitir os seus sentimentos pelo Fred. Abano a cabeça, recordando aquele momento longínquo no fundo da minha memória e trazendo-o para o presente.

— Agora és tu que tens de fazer uma escolha, quer seja o Miguel ou o Alex.

— Eu sei... — balbucio.

Capítulo 38

Mariana, 30 anos

Junho de 2022

Ontem à noite, não consegui fazer muito mais do que chorar ao colo da Mel, ambas embrulhadas no edredão da cama que partilhámos no hotel.

Ela é a minha melhor amiga há anos e combinámos desvalorizar o meu desaparecimento e arranjar a desculpa de que fiquei sem bateria, que me senti mal e que tive de ir ao médico, só conseguindo chegar ao hotel à noite. É uma desculpa esfarrapada, mas não consigo pensar em nada melhor neste momento e não quero ter de falar com ninguém sobre o que de facto aconteceu. Não sem antes falar com o Miguel.

Depois de sair da casa do Alex e no caminho para o hotel, ainda me tentei convencer de que conseguiria ignorar tudo o que aconteceu e fingir que sou a mesma pessoa que ainda era há dois dias, que podia manter a minha personalidade de «pessoa moderadamente feliz», sem que tal pudesse ter repercussões na minha vida. No entanto, depois de falar com a Mel e de lhe contar tudo, hoje parece-me que isso vai ser impossível.

Neste momento, não consigo pensar em nada que tenha que ver com o dia do meu casamento, não consigo pensar na prova de vestido de noiva que tenho na próxima semana, não consigo pensar nas confirmações dos convidados que deveria começar a organizar a partir do próximo fim de semana, para elaborar as mesas e enviar à quinta com a maior brevidade.

Não consigo.

Consigno passar despercebida ao máximo até todas nos despedirmos no aeroporto e cada uma seguir o seu caminho. Assim que entro no Uber, relaxo um pouco, porque pelo menos já não preciso de estar a representar à frente das minhas amigas, como se estivesse tudo bem, como se eu fosse a mesma pessoa de quando fomos de viagem para Madrid.

Conto todas as árvores pelas quais passamos, numa tentativa de me abstrair de tudo: da pirueta que a minha vida deu, de não saber o que fazer, de precisar de responder às perguntas que permanecem em aberto e que me deixam cada vez mais confusa. Não apanhamos muito trânsito, por isso, passados cerca de vinte minutos de caminho e cento e três árvores depois, subo para o meu piso pelo

elevador. Se não tivesse a minha mala de mão, subiria a pé, porque tenho demasiada energia acumulada. Assim que abro a porta de casa, vou com a mala até ao meu quarto, encostando-a a um canto da parede.

Olho para o relógio e confirmo que ainda é cedo e que tenho tempo de fazer o que preciso antes de o Miguel chegar. Só deve chegar, no mínimo, daqui a umas três horas, pelo que aproveito para pensar em como poderei organizar os meus sentimentos e o resto da minha vida, da mesma maneira que organizo metodicamente a minha casa.

Abro a minha mala de mão e retiro a caixa densa que ele me entregou e contém o que me parecem ser dezenas de cartas escritas à mão, todas datadas e ordenadas.

Mariana, quem diria que seria eu a escrever-te cartas um dia?

Acabo de ler a sua primeira carta, datada de 2012, com lágrimas a escorrerem-me pela face. Tudo o que ele escreveu é também o que eu sinto.

A segunda carta que leio tem data de 16 de julho de 2013 e preciso de me recostar um pouco à lateral da cama, para acalmar os meus pensamentos. Tenho a cabeça a andar à roda pela emoção que sinto ao ler tudo isto.

16 de julho de 2013

Passaram seis anos desde que me ajoelhei à frente daquela igreja e, no auge da minha espontaneidade, tomei uma das melhores decisões da minha vida.

Acreditas que, passados seis anos, não me arrependo de nada? Quer dizer, arrependo-me do que aconteceu depois, de me ter ostracizado e de te ter expulsado da minha vida. Era demasiado jovem, estava demasiado zangado e triste para perceber que eras a única constante que me aguentava inteiro e que me permitia sentir acolhido. Tu nunca irás ler o que escrevo, mas desabafar com o papel e poder redimir-me numa folha dá-me esperança de podermos continuar as nossas vidas, ainda que separados.

16 de julho de 2016

Hoje, sentei-me num banco no Retiro em frente ao Palacio de Cristal e a única coisa em que consegui pensar é que já passaram dez anos desde que nos beijámos pela primeira vez.

Será que conseguiste perceber quão nervoso eu estava?

Provavelmente não, porque sempre fui bom a fingir que consigo dominar os meus sentimentos e talvez nunca tenhas percebido que tremia sempre que

nos aproximávamos. Talvez não tenhas percebido que, quando os nossos lábios se tocaram pela primeira vez, o meu coração saltou um batimento e quase fiquei sem ar.

Será que algum dia te encontrarei novamente?

As cartas não têm uma periodicidade sistemática, mas muitas delas têm a data de 16 de julho. Outras foram escritas em momentos distintos. A última carta que escreveu foi no ano passado. Quando a começo a ler, os meus olhos estão turvos, pois não consigo controlar as lágrimas que derramo. Ainda assim, continuo a ler, porque preciso de saber o máximo que conseguir sobre tudo o que senti ao longo dos últimos anos.

12 de dezembro de 2021

Hoje, a Martina descobriu todas as cartas que te escrevi ao longo dos últimos anos. Creio que isto iria acontecer a certa altura. Quem é que eu quero enganar? A mim próprio.

Estarei sempre a comparar toda a gente contigo, permanecerei sempre apaixonado por ti, mesmo não sabendo nada de ti há anos.

A minha psicóloga diz-me que é normal termos um amor que prevalece em relação a todos os outros, que é sinal que amámos e que não posso continuar o meu exercício de autocomiseração a vida toda.

Aconselha-me há anos a procurar-te, a ir a Lisboa e fazer as pazes com o meu passado. Hoje, a Martina sugeriu o mesmo.

Não sei se tenho coragem de regressar a Lisboa, não sei como te poderei contactar nem como te encontrar. Será que ainda vives na tua casa em Almada?

Será que algum dia terei coragem para te procurar, nem que seja nas redes sociais?

Quando acabo de ler todas as cartas, com os olhos turvos do choro, olho em volta e deparo-me com outra realidade: o que tem sido a minha vida sem ele. Vejo fotografias minhas com o Miguel, emolduradas e simetricamente penduradas na parede do nosso quarto.

Vejo-nos no dia das praxes, o dia em que nos conhecemos, vejo-nos no dia do meu vigésimo aniversário, na festa do Porco no Espeto, no qual demos o nosso primeiro beijo, vejo-nos no dia do nosso primeiro encontro a quatro, com a Mel e o Fred, vejo-nos no dia da Bênção das Fitas, o dia em que me pediu em casamento. Os nossos melhores momentos, além de estarem cristalizados na

minha mente, estão pendurados por todo o lado na parede do nosso quarto, lembrando-nos todos os dias de que nos temos um ao outro, de que já construámos tantas memórias juntos.

Escolher um dos dois é como apagar uma parte importante da minha vida, independentemente da escolha que faça.

Não sei o que fazer e sinto-me mais perdida do que nunca.

PARTE 4

*Sei por onde vou
É o melhor caminho
Não deixo nada ao acaso
Por favor, anda trocar-me o passo
Tenho uma rotina
Para todos os dias
Há de durar muitos anos
Por favor, anda estragar-me os planos*

«Anda estragar-me os planos» — Salvador Sobral

Capítulo 39

Alex, 31 anos

16 julho de 2022

Por vezes parece que só estamos à espera de que o resto da nossa vida aconteça. Parece que vivemos um dia após o outro sem nada de verdadeiramente relevante a assinalar, sem que o *destino* se cumpra.

Depois, há momentos em que sentimos que somos capazes de mudar o rumo de tudo, até do que julgávamos mais certo e imutável — momentos em que somos arrancados da apatia da rotina e em que sentimos aquela sensação estranha no estômago, como quando levantamos voo.

É nesses momentos que a vida decide abanar o mundo que conhecemos e temos como seguro, agitando todos os nossos alicerces.

O reencontro com a Mariana veio abalar todas as minhas crenças e convicções, tudo aquilo em que acreditei ou tentei acreditar ao longo da última década. Agora, questiono tudo em que me tornei devido ao meu entorpecimento. Percebo que talvez tenha estado este tempo todo a guardar-me para ela, à espera dela, como se realmente pudesse ser possível encontrá-la por acaso, numa das minhas saídas à noite. Apenas preferia que isso tivesse acontecido antes de ela ficar noiva...

Ajeito a mochila que trago às costas e que contém apenas o essencial e saio pela porta da saída das chegadas ao aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa. Como é óbvio, não tenho ninguém à minha espera por entre as várias pessoas que aqui se aglomeram à espera dos seus entes queridos ou amigos. Percorro a rampa em direção à saída e encaminho-me para a fila de táxis.

Não venho a Lisboa há quinze anos, nem sei se ainda me conseguirei orientar sem recorrer ao Google Maps. Hesitei muito em relação ao que fazer, na ausência de um contacto por parte da Mariana. Hoje é dia 16 de julho e sei que é o dia do casamento dela. Não sei onde será a boda, mas desconfio saber onde será a cerimónia religiosa.

Por isso, assim que entro no táxi que me é atribuído e o taxista me pergunta qual o meu destino, apenas consigo articular «Sé de Lisboa», sabendo que hoje fará precisamente quinze anos desde o dia em que a pedi em casamento em frente à Igreja de Santo António e senti a maior certeza da minha vida — a de que a

queria para sempre e, no entanto, neste momento, a única coisa que sinto é um aperto visceral de que nada do que planeei no auge da minha adolescência acabou por correr como eu queria e imaginei. Todos os planos e perspectivas de felicidade foram ao ar e não sei se vou conseguir chegar a tempo de falar com ela, de lhe implorar mais uma vez que não faça isto, que não se case com ele, nem com ninguém que não seja eu.

Demoro cerca de 25 minutos a chegar à Sé de Lisboa e, tal como seria de esperar, está tudo enfeitado como se estivesse a haver um casamento neste preciso momento. São 10h40 da manhã e a única coisa em que consigo pensar quando saio do táxi, depois de pagar a viagem e de me começar a dirigir para o interior da Sé, é que não pode ser ela.

Nunca fui muito religioso, apesar da minha educação católica, mas depois da morte da minha mãe, perdi qualquer fé que poderia ter acumulado até essa altura.

Todavia, neste momento, dou por mim a rezar a um Deus no qual nunca acreditei e que nunca me amparou e peço-lhe o seguinte: «Por favor, que não seja ela.»

Capítulo 40

Alex, 31 anos

16 julho de 2022

Entro na Sé vagarosamente, tentando não fazer barulho, apenas focado nos noivos que se encontram de costas, sentados num banco vermelho aveludado em frente ao padre. Assim que vejo um cabelo alourado e ondulado, sinto uma pontada de dor no estômago e só me apetece chorar.

Não consigo ter a certeza devido à dimensão considerável da nave da Sé e da pouca luminosidade característica do seu interior, mas a noiva que se encontra ali à frente parece mesmo ela. Agarro-me com todas as forças à pouca esperança que me resta. Não quero acreditar que cheguei tarde de mais. Devia ter apanhado o voo ontem e ter dormido à porta da Sé, se fosse preciso, para a dissuadir de fazer isto, para a levar a ver que aquele local é nosso e que era eu que devia estar ali com ela.

— Uma vez que é vosso propósito contrair o santo matrimónio, unam as mãos direitas e manifestem o vosso consentimento na presença de Deus e da sua Igreja — diz o padre, começando a parte do consentimento dos noivos.

Fico ansioso e com lágrimas nos olhos, na expectativa de perceber ao certo se a noiva é a Mariana.

— Eu, Ricardo, recebo-te por minha esposa a ti, Luísa e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida. — Oiço o noivo dizer à noiva, com as mãos entrelaçadas.

Dou um suspiro de alívio, porque afinal esta noiva não é a Mariana e estou a assistir a um casamento de pessoas completamente aleatórias.

Apetece-me rir à gargalhada de alívio, por não ter chegado tarde de mais, mas depois compreendo que, apesar de estes dois noivos não serem a Mariana e o Miguel, não quer dizer que eles não se estejam a casar neste preciso momento. Posso ter-me enganado relativamente à localização — ela pode, de facto, associar este monumento a nós e não ter tido coragem de se casar aqui. Começo a sentir de novo os suores frios que senti ainda há segundos. Finjo que sou um mero turista, visto aparentar sê-lo, com a minha mochila às costas e saio da Sé, em direção à Igreja de Santo António.

Não quero acreditar nesta remota hipótese, mas e se ela se estiver a casar *ali* a

meros metros de distância de onde estou neste momento? Ali, em frente ao sítio onde a pedi em casamento? Começo a andar com passadas largas, sem grande atenção ao percurso, apenas seguindo instintivamente o caminho de que me lembro vagamente de termos percorrido há tantos anos e viro à direita na direção do interior da igreja, que se encontra aberta.

Antes de entrar, respiro fundo, dirigindo novamente um pensamento para o que quer que exista e me possa conceder este desejo: que ela não se esteja a casar neste momento.

Entro de repente e vislumbro uma igreja praticamente vazia, sem nenhuma cerimónia a decorrer, apenas com algumas pessoas a orar sentadas nos bancos e turistas curiosos, tirando fotografias ao interior e à talha dourada característica desta igreja, contrastando com a inexistência de elementos barrocos na Sé.

Respiro de alívio novamente, focando-me na figura de Cristo crucificado, e penso «obrigado».

Vejo uma senhora a sair da sacristia da igreja com um bloco de notas na mão e impulsivamente dirijo-me para ela numa passada rápida, ávido de saber informações.

— Bom dia, minha senhora. Peço desculpa por a incomodar. — Tento parecer simpático e não ansioso.

— Bom dia, jovem. Precisa de alguma coisa? — questiona, amistosa.

— Precisava da sua ajuda, sim, mas não sei se me poderá ajudar... — Tento parecer descontraído, embora não saiba exatamente como lhe expor o problema. Não sei se será melhor inventar uma desculpa e mentir-lhe, ou abrir o jogo e contar-lhe o porquê de estar aqui, neste momento, a interpelá-la. — Bem, a realidade é que precisava de saber se hoje há algum casamento marcado entre uma Mariana e um Miguel?

Ela olha para mim com um ar desconfiado e ajeita os óculos, que lhe começam a escorregar um pouco pelo nariz.

— Meu querido, lamento não o poder ajudar, mas não podemos revelar esse tipo de informações... Estamos proibidos ao abrigo das normas daquela coisa da proteção de dados... — diz-me pesarosamente, começando a contornar-me na direção da saída.

— Claro que sim, percebo perfeitamente — replico, ansioso, mas não me conformando com a falta de resposta —, mas... preciso mesmo de saber se será aqui ou na Sé que se realizará o casamento, ou se devo ponderar outras igrejas.

— Mas o menino é um convidado? Como é que não sabe onde é o casamento ao qual tem de ir?

— Não sou convidado..., mas preciso de ir a este casamento, antes que seja

tarde de mais — respondo-lhe, já visivelmente impaciente e suado.

— Estou a ver... É uma daquelas pessoas que na realidade pode *acabar* com um casamento.

Eu fecho os olhos, desesperado, sem saber o que lhe posso dizer, para que ela se compadeça da minha dor e do meu sofrimento.

— Eu juro que não lhe pediria isto se não fosse realmente importante — balbucio —, mas ela é a mulher da minha vida. Se ela se casar com ele, eu... não sei o que será de mim — admito, com sinceridade.

A mulher olha-me com pena, talvez percebendo por fim a dimensão da minha aflição e agonia.

— Eu realmente não lhe posso confirmar quais os casamentos que estão marcados para hoje — afirma —, no entanto... esses nomes que disse, Mariana e Miguel, era um casamento que estava marcado para a Sé, sim — acrescenta, ao abrir o bloco com um sorriso.

— Era? Já não é? — questiono, tentando perceber se estou a interpretar corretamente as suas palavras.

— Como lhe disse, não lhe posso dar confirmações dos casamentos marcados para hoje. No entanto, posso dizer-lhe que há casamentos que já estiveram marcados e que, entretanto, *deixaram de estar* — sussurra, de olhos abertos, dando ênfase à última parte, como se me quisesse passar uma mensagem implícita. — Agora, o menino interpreta como quiser o que lhe estou a dizer, que é simplesmente isto...

Eu sorrio-lhe, percebendo o que me quer dizer. Eu tinha razão ao supor que o casamento da Mariana seria na Sé. Mas já não vai haver casamento. Ela desistiu e não se vai casar com o Miguel. Não consigo evitar inspirar com alívio neste momento. Só não sei porque a Mariana não me disse, porque não me avisou que tinha cancelado tudo, porque ficou de me contactar ao longo do último mês e não recebi nenhuma notícia dela.

— Obrigado, senhora. Ajudou-me mais do que imagina — agradeço-lhe, com um sorriso.

— Vá com Deus, meu filho. Boa sorte... — Despede-se de mim e encaminha-se na direção da saída da igreja.

Eu sento-me num dos bancos, tentando pensar no que fazer a seguir, porque não sei onde a encontrar.

Olho para o altar da Igreja de Santo António, enquanto penso nos meus próximos passos e resolvo voltar a enviar-lhe uma mensagem pelo WhatsApp, mesmo sabendo que poderá acontecer exatamente o mesmo que aconteceu às anteriores mensagens que lhe enviei: fiquem todas sem resposta.

No entanto, antes não estava dentro de uma igreja quando as enviei e sempre ouvi dizer que é preciso ter fé e a fé mais não é do que acreditar em coisas que parecem ser impossíveis, ou pelo menos, muito difíceis. Espero que haja uma espécie de milagre enquanto lhe escrevo:

Sei que já não vais casar. Estou em Lisboa, mais propriamente no Largo de Santo António. Diz-me se nos podemos encontrar, por favor.

Espero alguns minutos em silêncio, dando-me conta da quantidade de turistas que entram e saem da igreja, que a contemplam. A minha mochila está pousada aos meus pés, também eu parecendo um turista. Não sei para onde ir nem o que fazer se ela não me responder à mensagem. O mais provável é ficar esta noite algures em Lisboa e voltar para Madrid amanhã, no primeiro voo.

Volto a verificar o telemóvel, que continua sem resposta. Só passaram alguns minutos, mas a minha ansiedade torna-se cada vez mais forte e, na minha mente, estou à espera há horas. Tenho uma ideia nova, a de contactar alguém que lhe seja próximo. Mas quem? Não conheço nenhum dos seus amigos, e muito provavelmente não me iriam revelar o seu paradeiro, porque não me conhecem e poderiam pensar que eu sou assustador, como aquele tipo da série *You*.

Ainda assim, decido arriscar e tento lembrar-me do nome de alguma das amigas que estavam com ela na despedida de solteira. Houve uma que olhou para mim na discoteca com ar desconfiado. Se ao menos me conseguisse lembrar do nome dela... Lembro-me de que era alguma coisa com «M», tal como o nome da Mariana, mas não me recordo do nome dela.

Abro o Instagram e tento encontrá-la por meio dos seus seguidores. Pesquiso «M» e aparecem centenas de resultados. Vai ser uma tarefa mais difícil do que pensava. Ao pesquisar, vejo um utilizador chamado Miguel Vila Nova e abro o perfil, porque penso que poderá ser o noivo, ou melhor, ex-noivo. O seu perfil é público e consigo ver todas as fotos. Sinto um aperto no estômago quando vejo que é mesmo o noivo dela e que têm várias fotos juntos, inclusivamente a última fotografia no seu perfil — é de há cerca de um mês, de ambos a rirem para a objetiva com esta descrição: «A menos de um mês de me casar com a minha pessoa favorita.»

Não consigo olhar mais para isto nem imaginar o caos em que a vida destas pessoas deve estar agora. Não me compete a mim ter pena dele ou imaginar a sua dor, mas ainda assim consigo sentir compaixão, porque sei o que é perdemos quem amamos.

Continuo em busca de pessoas que comecem com a letra «M» e cuja

fotografia minúscula me pareça remotamente familiar, até que vejo um nome de utilizador que é «mgbranco» e cuja fotografia me faz lembrar uma das raparigas que vi com ela naquela noite. Quando abro o seu Instagram, este é privado, mas consigo ver o nome «Melissa Branco» na descrição.

Touché! É esta a melhor amiga dela, a que estava com ela na noite em Madrid e com quem ela falou no dia seguinte, quando estávamos juntos. Precipito-me a enviar-lhe uma mensagem pelo Instagram, com a esperança de que ela a veja e não me ache demasiado esquisito.

Apresento-me rapidamente e digo-lhe que preciso de encontrar a Mariana, implorando-lhe para que me responda. Depois de a enviar, fico hesitante e com vontade de anular o envio, porque acho que fui demasiado assustador. Quem é que escreve uma mensagem destas a um desconhecido? Ela não faz ideia de quem sou, é quase impossível responder-me e revelar algum tipo de informação.

Saio da igreja um pouco sem rumo e desesperado, por não saber onde ir nem o que fazer. Começo a andar sem destino, em direção à Praça do Comércio, onde já não vou há tanto tempo e que me parece mais pequeno, agora que cresci e me tornei homem. É como se estivesse a ver um local completamente diferente daquele em que me lembro de passear quando era um adolescente. Sigo pela Rua Augusta sempre em frente, admirando os séculos de história inculcados na calçada portuguesa que transpiram uma sensação familiar, quase como se esta ainda fosse a minha casa, mesmo passado tantos anos.

Quando chego à Praça D. Pedro IV no Rossio, sinto uma vibração no telemóvel. Para meu desespero, não é uma notificação no WhatsApp, por isso não foi a Mariana a responder-me. No entanto, a notificação é do Instagram. Tenho uma mensagem da Melissa, dizendo apenas «liga-me» com o seu número de telemóvel.

Não hesito e paro juntamente a uma das fontes da Praça, para me amparar, e ligo-lhe. O sinal de chamada toca cerca de duas vezes até uma voz feminina atender do outro lado.

— Estou?

— Estou, sim. Olá — digo-lhe, meio atrapalhado, por não saber ao certo como me apresentar e começar a conversa.

— És o Alex, que me acabou de enviar uma mensagem, certo? — pergunta-me, antes de me dar tempo de me apresentar.

— Sim, sou eu.

— Olá, Alex. Ainda bem que me enviaste aquela mensagem... — diz-me, um pouco aliviada, sem, no entanto, eu perceber porquê. — Já ouvi falar muito de ti, sabias?

— A sério? — pergunto-lhe, um pouco incrédulo, mas por um lado talvez faça sentido que a melhor amiga da Mariana perceba o que está a acontecer.

— Sim, sei tudo o que se passou entre vocês.

— Melissa, confirma-me que ela não se casou nem se vai casar hoje, por favor — peço-lhe desesperadamente, sem conseguir continuar a conversa antes de ter a confirmação exata em relação a isto.

Ela ri-se um pouco do outro lado da linha, antes de me responder.

— Não, Alex. Já não vai casar... Ela não te chegou a dizer nada, pois não?

— Não, não disse. Tentei falar com ela, mas sem sucesso. Prometeu contactar-me depois de se ir embora de Madrid no mês passado, mas, entretanto, não me disse mais nada, nem me respondeu às mensagens.

— Pois, faz sentido. Digamos que ela tem estado a tentar assimilar tudo o que aconteceu e eu, por muito que a quisesse ajudar, não sabia como, porque não sabia como te contactar..., mas tu foste mais inteligente do que eu ao procurar-me no Instagram.

— Sim, em relação a isso... Desculpa, mas foi a única coisa que me lembrei para tentar saber o paradeiro dela. Eu preciso mesmo de falar com ela e de estar com ela. Sei que não é a ti que devia estar a pedir isto, mas sabes-me dizer onde é que ela mora?

— Onde é que ela mora? Como assim?

— Eu preciso mesmo de falar com ela... — reitero, num tom de súplica. — Estou no Rossio neste preciso momento. Diz-me para que lado devo ir.

— No Rossio? Espera, tu estás em Lisboa?! — questiona, surpreendida e chocada.

— Sim, cheguei há mais ou menos uma hora — admito. — Sabia que ela se ia casar hoje e tinha de tentar, tinha de fazer os possíveis para evitar que ela fizesse isto. Fui diretamente à Sé, mas...

— Alex, ela está neste preciso momento a caminho de Madrid! Para ir ter contigo! — exclama, interrompendo-me.

— O quê?!

— Sim... Ela não tem estado bem nas últimas semanas, sem saber ao certo como dar o próximo passo. A relação com o Miguel acabou logo depois de voltarmos da despedida de solteira e, entretanto, tem sido tudo um grande choque para ela. Digamos que entre adaptar-se à ausência do Miguel e organizar os seus pensamentos e as suas emoções tem sido tudo muito complicado. Mas, finalmente, hoje decidiu ir ter contigo para falarem. Acho que na realidade ela apenas tem medo...

— Medo? De mim?

— Medo de sofrer e de se magoar novamente, creio eu. Há coisas que tu não sabes... — revela, sem querer, mas consigo perceber que se arrepende, logo em seguida. Antes de me dar hipótese de lhe perguntar ao que se refere, volta a falar. — Ainda assim, ela está neste momento a ir ter contigo. É um bom sinal, apesar de terem pensado os dois exatamente no mesmo. — Ri-se. — Não deixa de ser romântico. Quando ela me contou a vossa história, nem queria acreditar em quão surreal é. Conheço-a há mais de dez anos e ela nunca me tinha dito nada.

— Infelizmente, a nossa história está marcada por desencontros. Mas eu amo-a. Sempre amei e isso foi algo que nunca consegui mudar — confesso.

— Então endireita as coisas. Ela cancelou o casamento por sentir o mesmo que tu. Por haver muita coisa entre vocês que precisa de ser resolvida.

— O que faço? Vou para Madrid?

— Vai para Madrid — responde, acabando com a minha incerteza.

Lisboa é tão ou mais bonita do que eu me recordava, mas não tem aquilo de que necessito nem aquilo de que vim aqui à procura. Por isso, volto a chamar um Uber e sigo em direção ao aeroporto.

Capítulo 41

Mariana, 30 anos

15 julho de 2022

Atravesso a passadeira vermelha que me liga ao meu noivo como um fio invisível, que nos unirá para sempre.

Muitas vezes, acordo a meio da passadeira, em sobressalto, experienciando depois uma sensação de alívio que me faz rebolar para o lado contrário e continuar a dormir. Noutras vezes, só acordo mesmo no final, depois da troca de alianças, depois de o Miguel colocar a minha aliança e de ela não caber no meu dedo, de ficar de tal modo apertada que me sinto a sufocar, a ponto de acordar sem ar, agitada.

De todo o modo, os meus sonhos — ou pesadelos, dependendo da perspetiva — são sempre os mesmos e acabam sempre da mesma maneira.

Sou eu a caminho do altar.

Já tenho este sonho há umas semanas, desde que voltei de Madrid. Antes, o que sentia em relação ao casamento era um misto de dúvida e incerteza, mas nunca chegou a ser este misto de medo e repugnância — tal só acontece desde que reencontrei o Alex, como se ele tivesse vindo espoletar o que o meu inconsciente já sabia e que o meu subconsciente ainda não se tinha dado conta.

São três horas da manhã quando acordo completamente transpirada depois deste pesadelo, obrigando-me a ir passar a cara por água. Lavo o rosto e olho para o espelho da minha pequena casa de banho, adjacente ao meu quarto.

Consigo ver as minhas pequenas rugas de expressão que me ladeiam os olhos e emolduram o rosto, um sinal do passar do tempo, consciencializando-me de que já não tenho nem quinze, nem vinte, nem vinte e cinco anos. Já vivi trinta anos — quase trinta e um — e tenho estado a brincar com a felicidade, a manobrar-me, para não ter de admitir que não sou plenamente feliz e realizada, a esconder-me por trás de todas estas convenções e a tentar acreditar que estou prestes a ser feliz.

Será quando me casar? Será quando, finalmente, tiver um filho? Será quando... quando o quê?

Será realmente adequado projetar uma ideia de felicidade condicionada a um evento futuro? Não deveria eu ser feliz *agora*, nos momentos que antecedem

todos esses eventos que a sociedade nos dita como adequados à minha faixa etária?

Foi assim que descobri que não era totalmente feliz, que tinha várias partes de mim mal resolvidas e recalçadas no fundo do meu ser e que, se não admitisse a realidade, nunca iria ser feliz, iria tornar-me num robô ambulante, que vive para o trabalho ou apenas para os seus hipotéticos filhos.

Voltei a viver na casa onde vivi grande parte da minha vida, quando me mudei com os meus pais para Lisboa.

Desligo a luz da casa de banho, cansada, ou melhor, exausta, quer da minha vida nos últimos tempos, quer dos meus sonhos, que me atormentam. Volto a deitar-me na minha cama e recordo a minha última conversa com o Miguel, há cerca de três semanas, na qual lhe disse que não podíamos casar.

Recordo o seu rosto transtornado, vendo em mim a pessoa que destruiu os seus sonhos, que desmoronou o castelo de areia que andámos a construir nos últimos anos.

— *É por causa dele, não é?*

Fiquei calada, tentando fingir que o que ele me dizia não era óbvio.

— *Dele?*

— *Aquele que foi teu noivo. Aquele com quem te querias ter casado. Aquele de quem eu te faço lembrar... desde o início — disse-me, angustiado. — Eu sabia que tinhas bagagem, mas pensei... pensei que, ao longo de todos estes anos, eu me tivesse tornado suficiente, que o tivesses esquecido.*

Os meus olhos foram assolados por lágrimas que eu não autorizei a formarem-se. Estas começaram a escorrer-me pelo rosto, sem que eu as pudesse controlar.

— *Tudo bem, Mariana, não tens de admitir. Mas não sou burro, não precisas de me explicar como é que, ao longo de todos estes anos, não o esqueceste, mas sei que não o fizeste — acrescentou, com lágrimas nos olhos, procurando uma razão que nem eu própria lhe podia dar. Também queria e desejava que tudo pudesse ter sido diferente.*

— *Desculpa-me, queria tanto que não tivesse sido assim..., mas não posso, não te consigo fazer feliz nem ser feliz assim. Nunca íamos ser felizes juntos.*

— *Nós fomos felizes juntos! Somos felizes juntos! — disse-me, quase num grito incrédulo.*

— *Fomos sim, mas...*

— *Mas tu já foste mais feliz com ele, não é? Eu ia ser sempre a segunda melhor opção... Ele ia sempre viver nos teus pensamentos e ser uma sombra na*

nossa relação. Como é que eu poderia competir com isso?

— Isto não é nenhuma competição, Miguel...

— Pois não. Para ser uma competição, tinha de haver a mínima hipótese de eu poder ganhar, não é? Eu nunca tive essa hipótese — respondeu-me amargurado.

Não lhe respondi, não só porque tudo o que lhe pudesse dizer naquele momento iria originar uma reação da sua parte, como porque não sabia até que ponto é que negar o que disse seria hipócrita da minha parte. Nunca lhe quis mentir e não o iria fazer deliberadamente. Já bastava o que tive de omitir ao longo de todos estes anos.

— Quero que ambos sejamos o mais feliz que consigamos. E não sei se nos íamos fazer felizes um ao outro. Não para toda a vida, como deve ser.

— Sinceramente, o que me deixa mais lixado neste momento foi o tempo que estive a perder contigo — diz-me.

O seu comentário atingiu-me como uma flecha. Sei que estava magoado e revoltado comigo, mas o seu tom e o que me disse continua a trespassar-me o coração, sempre que me recordo. Ele quis vingar-se de mim e magoar-me, fazer-me sentir uma merda por não ter conseguido controlar tudo o que nos aconteceu, mas eu também sofri, também estou a sofrer. Eu adoro-o, só que nunca o consegui amar e, depois de ter estado com o Alex, tive a certeza disso.

A nossa rutura ainda me deixa mais angustiada. Tenho de me obrigar a parar de pensar nisso. Sei que o que fiz foi terrível, acabar com um noivado a poucas semanas do nosso casamento, acabar com a nossa amizade de uma década, destruir o nosso grupo, porque há anos que somos eu, a Mel, o Fred e o Miguel. Mas ou isto acontecia agora, ou ia acontecer mais tarde, quando eu parasse de fingir ser feliz e deixasse de me resignar a um destino que não é o meu.

Estive as últimas três semanas a tentar assimilar a perda do Miguel enquanto namorado, noivo e amigo e a tentar perceber quem eu sou e o que vou fazer no meio desta situação.

Desde que terminámos, a POC agravou-se, tal como já é comum acontecer em momentos de grande stresse e tensão. Acreditei que, se contactasse o Alex, alguma coisa má poderia acontecer, afastando-nos para sempre. Assim, decidi ignorá-lo, não respondendo às suas chamadas nem às suas mensagens, não o contactando, mesmo depois de ter prometido fazê-lo. Sempre que pegava no telemóvel para lhe ligar, respirava fundo, enchia-me de coragem, mas nunca chegava a ligar-lhe, porque acreditava na minha obsessão. Faltei à minha palavra, porque prometi algo que não cumpri.

Tive de voltar à medicação a conselho do meu psiquiatra, o qual me disse que,

por vezes, é preciso dar um passo atrás para dar dois em frente. Sempre fui avessa à medicação e à psicoterapia, como se ter esta perturbação me inserisse numa categoria na qual eu não queria ser vista, numa categoria que não é a da normalidade.

Algumas semanas depois de ter reiniciado a toma dos medicamentos, já consigo pensar de modo mais racional, percebendo que as minhas obsessões não têm fundamento.

Olho para o relógio de novo e, com tudo o que já me passou pela cabeça desde que acordei do meu pesadelo em sobressalto, já passou uma hora. Não percebo porque continuo a ter estes pesadelos, mesmo já não estando noiva. Será porque não lhe contei? Será porque não resolvi as coisas entre nós, com medo do que possa acontecer?

Tenho um impulso vindo do meu âmagio e abro o *site* de reservas. Vejo que há um voo para Madrid às nove e meia da manhã.

Faço precisamente o que não estou habituada a fazer, porque não sou uma pessoa impulsiva, antes pelo contrário: pondero tudo matematicamente, arrumo tudo simetricamente nas minhas gavetas mentais antes de conseguir tomar uma decisão, mais uma das consequências da minha POC. No entanto, neste momento, dou por mim a comprar uma passagem em classe económica para daqui a poucas horas.

Levanto-me de repente e organizo numa pequena mochila apenas o essencial, como roupa interior, escova de dentes, uma muda de roupa e uns ténis suplentes.

Entre tomar um duche, colocar creme hidratante na cara, vestir-me e tomar o pequeno-almoço, são sete da manhã e o sol começa a nascer.

O dia do meu casamento tornou-se o dia em que irei ter com o Alex a Madrid, para admitir o que sinto por ele.

Capítulo 42

Mariana, 30 anos

16 julho de 2022

Chego a Madrid pelas onze e meia da manhã, mais uma hora do que em Lisboa. Começo a sentir algum cansaço depois da noite agitada que tive e só agora percebo quão impulsiva fui ao tomar esta atitude. Ele até pode não estar em casa ou estar fora de Madrid. Além disso, depois de todas as mensagens que ele me enviou ao longo do último mês — as quais ignorei, não porque não quisesse falar com ele, mas porque não sabia ao certo como o fazer —, parece-me no mínimo infantil aparecer na casa dele sem aviso prévio.

Decido fazer o *check-in* num hotel, pelo menos por uma noite, para me organizar e pensar no que vou fazer. Talvez a melhor ideia fosse contactá-lo, antes de lhe ir tocar à porta. Procuo o meu telemóvel na mala e verifico que ainda está em modo de voo e que não me voltei a ligar à rede desde que aterrei.

Poucos segundos depois, sou bombardeada com mensagens escritas do Alex e da Mel, a única pessoa que sabe onde estou.

Tenho uma mensagem dele que diz:

«Sei que já não vais casar. Estou em Lisboa, mais propriamente no Largo de Santo António. Diz-me se nos podemos encontrar, por favor.»

O quê?!

O Alex está em Lisboa e eu, em Madrid. Quão absurdo é isto? Continuo a ver as mensagens e a Mel diz-me para ficar em Madrid, porque ele está a caminho. Como é que a Mel sabe que o Alex está a caminho de Madrid? Tudo isto me parece demasiado ilógico para ser real. Nesse preciso momento, recebo uma nova mensagem dele.

«Estou a caminho, amor. Não te vás embora. Encontramo-nos à porta da minha casa às 14 horas. Amo-te.»

Arrepio-me ao ler aquela palavra proibida. Não a uso desde os meus dezasseis anos. Escudo-me no facto de se ter popularizado e vulgarizado na boca de toda a gente, que a diz sem sentimento. Mesmo que este argumento seja real, não é esse o principal motivo que me leva a evitá-la, mas sim por nunca mais o ter sentido. Mesmo adorando o Miguel, sei agora que nunca o amei, pois nunca fui capaz de o dizer.

Também te amo, balbucio, antes de escrever a mesma coisa. Não sei se vai receber a mensagem antes de descolar ou depois de aterrar em Madrid, mas o que interessa é que o disse. Disse-o e sinto-o.

Um alívio toma conta de mim. Ainda não me tinha dado conta do esforço que faço diariamente para não deixar transparecer os meus sentimentos, como se eu fosse uma caixa bem lacrada cujo acesso está vedado a toda a gente.

Admitir em voz alta que o amo e escrever-lhe isso numa mensagem é libertador. Olho para o relógio e vejo que faltam cerca de duas horas e meia para o nosso reencontro. Vou buscar algo para comer, porque não me lembro da última vez que o fiz.

Compro uma sandes e um sumo numa mercearia perto do meu hotel, que está localizado na Calle de Goya, mesmo em frente à estação de metro de Velázquez e a poucos quarteirões de distância da casa do Alex. Ao regressar ao hotel, sou imediatamente atraída por uma igreja que se situa mesmo em frente. Não sei o seu nome antes de me aproximar da fachada e só quando entro é que sei que estou na Basílica de la Concepción de Nuestra Señora.

Entro e olho em volta, apreciando o ambiente. É branca e extremamente iluminada, num estilo neogótico. O altar é em talha dourada. Sento-me num dos bancos e olho para o relógio, verificando que faltam poucos minutos para as 13 horas. Está quase na hora do meu casamento. Por esta altura, estaria a caminho da igreja, no vestido branco simples sem ombros que tinha escolhido, apenas adornado com alguns apliques na zona do tronco. Respiro fundo e fecho os olhos, dando-me conta de que o destino tinha outros planos para mim. Toda esta jornada de sofrimento e desencontros trouxe-me aqui.

Abro a carteira para verificar o telemóvel, se todos os meus bens se encontram guardados na minha carteira e se não perdi nada.

Lembro-me de repente do que me foi dito há muitos anos por alguém inusitado: que iria perder algo valioso, algo que me iria trazer sofrimento, mas também me faria crescer e amadurecer. Teria de ter paciência.

Pensei muitas vezes no que ela me disse naquela noite na feira e percebo que as suas palavras podem dar azo a inúmeras interpretações, com base na quantidade de coisas valiosas que já perdi desde aquela noite.

No último mês, perdi mais uma: a segurança da vida que tinha com o meu noivo, algo que me trouxe sofrimento, especialmente por o ter feito sofrer. Porém, esta perda também me permitiu compreender o que realmente quero e quem realmente amo.

Foi preciso mais do que paciência para ter chegado aqui: foram precisos anos de saudade, momentos de desespero, choro e lágrimas; mas hoje tudo isso me

trouxe até aqui, até este momento.

Hoje seria o dia do meu casamento e a única coisa que sinto é gratidão por ter entendido que não poderia hipotecar mais o meu futuro. Não depois de esbarrar com o Alex naquela discoteca e perceber que ainda nos amamos.

Não perdi o Alex.

Na realidade, estou neste preciso momento a ir ter com ele.

Capítulo 43

Alex, 31 anos

16 julho de 2022

Assim que a vejo à porta do meu prédio a olhar para o telemóvel, o meu coração salta um batimento. Quase parece fruto da minha imaginação. Houve uma altura em que nos imaginava novamente juntos, mas claro que tudo não passava de devaneios e que as probabilidades de isso acontecer eram quase nulas. Mas nunca imaginei vê-la aqui, à porta do meu prédio, à minha espera.

Fito-a intensamente, para aproveitar e saborear este momento, enquanto me aproximo. Mesmo depois de ter feito um voo para Lisboa, de ter andado à sua procura, a fazer tempo até me responder, de ter voado de regresso para Madrid para vir ter com ela e acabar com este desencontro interminável que tem sido a nossa história, é como se me sentisse revigorado, com a adrenalina no auge, com a emoção de a ver aqui, solteira e à minha espera.

Ela olha para cima assim que me sente a aproximar-me. Olha-me nos olhos e sorri devagar. Quando chego ao pé dela, coloco-lhe uma mão na nuca e outra no queixo, tocando-lhe nos lábios. Ela dá-me um pequeno beijo no polegar, que posiciono em cima da sua boca. Fixo-a durante alguns segundos antes de a beijar, provocando uma onda de desejo que se dilui dos nossos lábios para os restantes recantos do nosso corpo, concentrando-se no meio das minhas pernas.

— Anseio por este momento há quinze anos — digo-lhe, por entre beijos, mas sem nunca me afastar da sua boca, como se tivesse medo que, ao afastar-me, ela pudesse desaparecer novamente. — Tive tantas saudades tuas.

Segundos ou minutos depois, acalmo-me e consigo tirar as chaves da mochila e abrir a porta do prédio. Puxo-a para o interior, beijando-a novamente junto das caixas de correio. Beijamo-nos até nos faltar o ar e subimos atabalhoadamente na direção do meu apartamento.

Assim que entramos em casa, encosto-a contra a parede e tiro-lhe a roupa, sem pudores.

Imaginei este momento milhares de vezes, até a minha mente não conseguir inventar mais cenários possíveis para o que pudesse acontecer.

A pele dela é tão suave quanto eu me lembro. Solta um gemido abafado, quando a minha mão entra em contacto com a sua coxa e percorre o seu

caminho instintivamente até ao destino final. Não consigo ir com calma. São anos a fantasiar com este momento, o momento em que nos podemos fundir novamente um no outro.

É *minha*, sempre foi minha.

Tem o meu nome cravado nos seus poros e eu o nome dela.

Inspiro o seu odor a baunilha e maçã, o perfume que sinto na zona do pescoço. Tiro-lhe a *T-shirt* e ela fica apenas de calções, porque não tem sutiã. Começo a desapertar-lhe o botão dos mesmos, para retirar todas as camadas que nos separam um do outro. Quero acabar com toda a distância que existe entre nós. Já nos bastam os anos de distância que tivemos. Não quero que haja uma única fibra a separar-nos.

Beijo-a com urgência, como se o mundo fosse acabar hoje, como se pudéssemos ser repentinamente separados de novo. Estou tão traumatizado com essa ideia, que me sinto aterrorizado por isto poder ser apenas um sonho do qual eu possa acordar brevemente.

Sorvo e sugo os seus mamilos, endurecendo-os. Ela geme baixinho, enquanto ajuda a que os calções lhe caiam pelas pernas, um gemido de prazer que me tolda os sentidos e deixo de ver o que quer que seja à minha frente. Pego-a pelas nádegas e ela rodeia as suas pernas à volta da minha cintura. Transporto-a para a minha cama naquela posição, onde a coloco delicadamente, deitando-a de costas. Já tenho o cinto desapertado, mas continuo com as calças vestidas.

Ela ajuda-me a ver-me livre delas e dos meus boxers com as suas mãos livres. Fico nu da cintura para baixo e completamente ereto, desde que lhe pus as mãos em cima.

As nossas línguas entrelaçam-se e engolimos os suspiros um do outro. A ponta do meu pénis roça a costura da sua roupa interior, querendo irromper por aquele caminho estreito e húmido. Olho para ela, perguntando-lhe silenciosamente o que posso fazer. Vejo-a com pouca nitidez, devido a quão turva se encontra a minha visão pelo desejo, mas não preciso de a ver para saber que as suas ações falam comigo. Retira a sua mão direita por trás da minha nuca e desvia a sua roupa interior, dando-me consentimento expresso sobre o que quer que aconteça a seguir.

— Tens a certeza? — pergunto, enquanto alcanço um preservativo guardado na minha gaveta da mesa de cabeceira.

Ela acena com a cabeça, dando-me luz verde para avançar.

Desenrolo o preservativo o mais rapidamente que consigo e afundo-me no seu interior, sentindo-me pleno. Era isto que me faltava desde sempre. Ela, a mulher da minha vida, que eu deixei escapar por ser um miúdo inseguro e atormentado

pelas circunstâncias que tentava ultrapassar. Com ela, sinto-me em *nirvana*. As suas dobras são escorregadias, de tão húmida que se encontra. Afundo-me lentamente no seu interior, saboreando a sensação de me perder nela centímetro a centímetro.

Sinto-a a estremecer vigorosamente quando me venho, numa explosão que me transcende. Não me lembro da última vez que tive um orgasmo assim, mas arrisco-me a dizer que foi com ela, mesmo com uma barreira de látex entre nós.

Como é que vivi os últimos quinze anos sem ela?

Recomeço a dar-lhe pequenos beijos nos lábios, enquanto a nossa respiração volta a estabilizar em sincronia. Temos as bocas coladas e inalamos o odor do nosso amor. Fiquei tão estonteado por a ver ali em frente à minha porta de entrada, que na altura nem reparei no anel que usa no dedo nem no colar que traz hoje ao pescoço, aqueles que lhe dei há tantos anos com o pequeno coração vermelho. Toco em cima do seu colar e sorrio levemente, aturdido pelo significado que agora lhe atribuo. Dei-lhe aquele coração simbolicamente, mas a verdade é que lhe entreguei mesmo o meu coração juntamente com ele.

— Pensei que nunca mais ia estar contigo na minha vida. Pensei que... estava condenado a nunca mais ser feliz — confesso-lhe.

— Eu também. Juro que nunca mais senti isto, embora quisesse muito.

— Amei-te toda a minha vida. Tentei esquecer-te e não consegui. Desculpa-me por tudo, por te ter abandonado, por não ter confiado em nós nem na nossa relação... Se eu não tivesse sido tão estúpido, talvez não tivéssemos estado tanto tempo um sem o outro.

— Não me peças desculpa. Passaste por muito.

— E ainda passei pior por não te ter ao meu lado.

— Não vale a pena recriminares-te pelas opções que tomaste no passado. O passado já não existe, já passou.

— Mas quase estragou o nosso futuro.

— Shhh... Não penses mais no passado. O que interessa é que estamos aqui — diz-me, enquanto me toca na cara, percorrendo a minha face com a ponta dos dedos.

— E o teu noivo? Como é que vocês ficaram?

— Eu adoro o Miguel... Não poderia ser de outra maneira, visto que estávamos noivos. Ele foi o meu passado e tem sido o meu presente, mas desde que te reencontrei que tive a certeza de que ele não poderia ser o meu futuro.

Dou-lhe mais um beijo, prolongando aquela sensação de paz que me invade pela sua presença. Ela olha em volta, finalmente observando o meu quarto, pois nunca cá tinha estado dentro e também porque, quando entrámos, não olhámos

para nada à nossa volta.

O olhar dela para repentinamente na moldura que tenho pendurada na parede, ao lado da minha cama.

— Isto... isto é... — Ela começa a falar, mas não termina, por isso decido ajudá-la e termino a sua frase.

— É a carta que deixaste na minha caixa de correio há muitos anos.

Uma lágrima escorre-lhe pelo rosto, enquanto outra se volta a formar. O seu olhar inunda-se de algo que consigo perceber que é demasiado doloroso para ela.

— Recebeste-a — assinala, com alívio. — Nunca cheguei a saber se a terias recebido ou se os novos proprietários a teriam deitado fora.

— Os meus avós deram-ma, mas foi passado algum tempo. Eles disseram-me que chegaram a tentar falar com os teus pais, mas que, quando os encontraram, fingiram que não os conheciam.

— Isso não me surpreende. Porque será? — pergunta, ironicamente. Depois, continua a falar. — Não percebeste o que disse na carta, pois não? Se fosse hoje, tinha sido mais explícita e tinha-te contado... Talvez isso tivesse mudado o rumo de tudo e atendesses os meus telefonemas, pelo menos. — Ela lamuria-se, mas eu não sei a que se refere.

— Como assim? Estás a falar do quê? — Vou buscar a moldura, soltando-a do prego, e leio silenciosamente aquelas mesmas frases que já li milhares de vezes e que sei praticamente de cor na minha cabeça.

— «Guardo-te dentro de mim, mesmo que tu nunca recebas esta carta, mesmo que tu nunca entendas o seu sentido» — lê ela, em voz alta. — Nunca percebeste o sentido, pois não?

PASSADO

Capítulo 44

Mariana, 16 anos

Janeiro de 2008

Acordo extremamente agoniada naquela manhã de janeiro.

São várias as manhãs em que acordo assim, com um nó no estômago que me obriga a cambalear até à casa de banho e me faz vomitar todo o seu conteúdo. Faço a minha higiene diária e começo a preparar-me para mais um dia de escola, mais um dia de tortura pela ausência do meu grande amor. Não se torna mais fácil com o passar dos dias e das semanas.

Quando chego à cozinha, começo a preparar o meu galão matinal. O meu pai já saiu de casa, mas a minha mãe ainda cá está, a terminar o seu pequeno-almoço. Barra uma torrada com manteiga e acrescenta-lhe uma fatia gordurosa de fiambre, cujo odor me invade as narinas e provoca a mesma sensação que senti ainda há poucos minutos. O meu estômago volta a querer cuspir o que quer que seja que ainda exista no seu interior e dou por mim ajoelhada na sanita a vomitar de novo. Levanto-me em seguida, olhando para o espelho e para as minhas profundas olheiras que já fazem parte de mim há alguns meses. Lavo novamente os dentes, voltando a ficar com o hálito fresco e sem vontade de pensar em comida, porque continuo nauseada, mesmo ainda não tendo comido nada esta manhã.

Abro a porta e a minha mãe está espedada à espera que eu saia da casa de banho. O seu rosto é rude e austero, capaz de me fulminar só com o olhar.

— Quando foi a tua última menstruação? — pergunta, apanhando-me desprevenida e sem eu me dar conta do motivo pelo qual me pode estar a perguntar algo tão íntimo.

De repente, sinto as minhas pernas a fraquejar com a súbita tomada de consciência que se apodera de mim. A minha última menstruação foi... antes de a mãe do Alex morrer, antes de a nossa vida dar uma volta de 180 graus, antes de o nosso castelo de areia se desmoronar. O tempo tem sido um borrão, os dias têm passado lenta e indistintamente e, no meio do meu desgosto, não compreendi o mais óbvio.

Os meus olhos arregalam-se de repente perante aquela revelação. *Não, não, não, não, não pode ser.* Eu não posso estar grávida. Posso? Não tomava a pílula, mas

usámos sempre proteção. O preservativo não é 99% eficaz? Será humanamente possível que, no meio de toda a tragédia, ainda possa acontecer mais uma? Serei eu este 1%?

— Mariana, tu já não és virgem? Existe alguma hipótese de estares grávida? Como é que pudeste fazer-me isto a mim e ao teu pai? — O tom com que a minha mãe me fala é frustrado; mais do que isso, é zangado, como se me quisesse bater. Também me irrita que, perante esta possibilidade, a primeira coisa que se lembra de me perguntar seja «como é que eu lhes pude fazer isto».

— Já não sou virgem, mãe — respondo-lhe, com uma calma fingida, porque, na realidade, estou em pânico. Não tenho mais respostas para lhe dar neste momento, mas sem dúvida de que preciso de ir a uma farmácia quanto antes.

— Maldito rapaz! Maldita família! — grita aos brados, descontrolada.

Nunca vi a minha mãe assim e começo a ter medo das suas reações. Pega no telemóvel e começa a ligar ao meu pai.

— António, tens de vir para casa imediatamente! Temos uma situação urgente para resolver.

Eu saio de casa a caminho da farmácia mais próxima, onde compro um teste de gravidez. Rezo a um Deus no qual não sei se acredito, para que tudo não passe de um susto, para que simplesmente tenha comido algo que me fez mal no dia anterior, para que tudo isto seja uma consequência do desgosto.

Quando chego a casa depois de rezar em silêncio, o meu pai ainda não chegou e a minha mãe está sentada na sala com o portátil em cima dos joelhos, bastante concentrada. Olha para mim desagradada e, quando me vê com o saco da farmácia na mão, diz-me agressivamente que vá fazer o teste quanto antes, porque *não temos tempo a perder*.

Espero alguns minutos depois de urinar, tal como dizem as instruções do teste. A ansiedade começa a tomar conta de mim. Olho para o espelho e para a minha barriga e não noto diferença nenhuma em matéria de volume. Não seria de esperar que isso acontecesse, se estivesse grávida?

Passam minutos, mas não tenho coragem de olhar logo para o resultado. Só quando a minha mãe bate à porta é que acordo do meu estado de apatia e viro o teste ao contrário, o qual revela dois tracinhos vermelhos.

Estou grávida e estou absolutamente desgraçada.

*

Estou grávida de doze semanas, ou seja, três meses. Para grande desgosto dos meus pais, já não posso fazer um aborto.

Assim que vi aqueles dois riscos no teste de gravidez, mesmo tendo sentido pânico, percebi mais uma vez que a minha vida tinha mudado, que me tinha sido tirado algo que eu amava, mas me tinha sido dado algo em troca. Que apesar de o Alex ter saído da minha vida, eu tinha uma parte dele dentro de mim, *guardada* dentro de mim. E ia fazer de tudo para a acarinhar, mesmo que isso implicasse virar a minha vida do avesso, mesmo que isso implicasse ter de começar a trabalhar em vez de ir para a universidade, como era o plano inicial.

É óbvio que, para os meus pais, esta foi a maior tragédia do mundo, como nada tinha sido até agora — nem a morte da mãe do Alex, nem a sua mudança, nem me verem a definhar de dia para dia. Não, até agora tudo tinham sido factos da vida, que não os afetavam diretamente na sua rotina nem nos planos que tinham feito para mim. Chego até a ponto de dizer que, para eles, tudo o que tinha acontecido até agora foi o melhor que podia ter acontecido, porque se acabaram as loucuras da emancipação e do casamento aos dezasseis anos. Eu era finalmente uma adolescente normal, amputada da minha rebeldia.

Até àquele dia.

O meu pai chegou a casa sem saber o que se passava e, quando descobriu, levou as mãos à cabeça, disse que aquilo não podia acontecer, que tínhamos de ir imediatamente ao hospital, que felizmente o referendo para a despenalização do aborto em Portugal tinha sido em fevereiro de 2007 e desde abril que a lei previa a despenalização da interrupção voluntária da gravidez, quando realizada por mero pedido da mulher até às dez semanas.

Fomos imediatamente ao Hospital Garcia de Orta, pensava eu que para fazer apenas exames, mas a consulta a que fui era de interrupção voluntária da gravidez. De qualquer modo, estava grávida de doze semanas. Não podia fazer um aborto, mesmo que quisesse. Tal só acontecia em caso de malformação do feto ou de violação, no qual a interrupção seria possível até às dezasseis semanas.

— Não foi violação e, se estiver tudo bem com o bebé, quero continuar grávida — digo à médica, com a pouca confiança que me restava, mesmo fazendo frente aos meus pais.

Capítulo 45

Mariana, 16 anos

Janeiro de 2008

Não podia viver ali e ninguém podia saber. Estas eram as preocupações do meu pai, cuja reputação ficaria manchada caso se soubesse que a filha do Presidente da Câmara tinha engravidado aos dezasseis anos e nem sequer se soubesse o paradeiro do pai da criança.

Um escândalo, uma tragédia.

Era por isso que iríamos morar para Lisboa, onde ninguém nos conhece, nem ao cargo do meu pai. Apenas poucos quilómetros e uma ponte separavam os meus pais dos respetivos locais de trabalho, e, mesmo passando a morar mais longe, era um preço baixo a pagar para se livrarem da vergonha e preservarem o seu bom nome.

— No meu tempo, seria expulsa de casa pelo meu pai. Acredita que estás a ter muita sorte por mudarmos a nossa vida toda, de propósito, por causa de ti e da tua irresponsabilidade — diz-me a minha mãe.

Empacotamos as nossas coisas, chamamos uma carrinha de mudanças e em poucas horas tenho toda a minha curta vida empacotada em caixotes, prestes a atravessar a ponte para uma casa em Lisboa.

Pego num papel e numa caneta e começo a escrever o que me vem à cabeça e que sei que não posso deixar por dizer. Talvez ele nunca veja isto. Não faço ideia do que irá acontecer, mas não posso deixar de lhe dizer que tenho parte dele dentro de mim.

Guardo-te dentro de mim, mesmo que tu nunca recebas esta carta, mesmo que tu nunca entendas o seu sentido.

Saio de casa e dirijo-me para aquele prédio que tão bem conheço e do qual guardo tão boas recordações, apesar de também ser o palco da maior desgraça que vivenciámos.

Capítulo 46

Mariana, 16 anos

Fevereiro de 2008

Lembro-me de coisas muito vagas, sem um fio condutor exato. Lembro-me de acordar com uma dor lancinante no baixo-ventre e de ir a cambalear para a casa de banho; lembro-me da humidade que senti a escorrer-me pelas pernas, bem como do seu tom; lembro-me de chamar a minha mãe a chorar; lembro-me que era de noite, que o sol ainda não tinha nascido; lembro-me dos lençóis ensanguentados. Lembro-me de perceber o que estava a acontecer e de os meus pais aparecerem num ápice à porta do meu quarto despenteados e de pijama.

Levaram-me imediatamente para o Hospital de Santa Maria. Agarrei-me à esperança... Talvez aquilo não fosse incomum, talvez pudesse acontecer sem querer dizer nada.

Se eu acreditar com muita força, vai ficar tudo bem.

Vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem.

Não sei quantas vezes repeti para mim própria aquele conjunto de palavras que, de algum modo, me permitiram acalmar.

No entanto, a esperança e a calma foram-me arrancadas pouco depois de dar entrada no Hospital.

— Lamento, mas perdeu o bebé — comunicou-me a enfermeira, num tom calmo e controlado, como se o que me dissesse fosse algo corriqueiro e fácil de assimilar.

Para mim, não foi.

Na realidade, fiquei muito tempo a assimilar o que me tinha acontecido, a despedir-me da minha barriga, que aos quatro meses já se começava a notar um pouco, embora não muito. Demorei até deixar de falar com ela, ela que albergava uma vida, uma vida que era a personificação do meu amor pelo Alex e que, mesmo tendo-me deixado sozinha, na minha cabeça não me tinha verdadeiramente abandonado.

Até os meus pais, que no mês anterior tinham desejado aquele desfecho, lacrimejavam agora ao balbuciar palavras de afeto e de compreensão, ao me ver derreada.

Passei os dias que se seguiram na solidão do meu quarto, enrolada no meu edredão, acreditando que, se não me levantasse, se continuasse a dormir, talvez pudesse um dia acordar daquele pesadelo. Sim, certamente era um pesadelo e eu estaria prestes a acordar a qualquer momento.

Forçava-me a dormir, repetindo para mim própria que, se conseguisse dormir mais, tudo iria estar como dantes quando acordasse. Quanto mais eu dormia, mais me convencia de que acordaria no passado, ainda com um feto no meu útero, ou quiçá acordasse e nenhuma das tragédias sequer tivesse acontecido. Dormia na esperança de acordar novamente em outubro de 2007, de ir para a escola como em todos os outros dias normais e de encontrar o Alex sentado na nossa carteira a sorrir-me, como era habitual.

Não sei ao certo quanto tempo dormi, mas nunca acordei do pesadelo, pois ele era a minha realidade.

Os dias, os meses e os anos passaram e tudo se tornou numa memória demasiado penosa para ser recordada. Esquecer era tão impossível, que o meu objetivo passou a ser evitar o pensamento. Era mais fácil fingir a memória e dizer-lhe «agora não, mais tarde».

Mais tarde, eu sofreria sozinha, enredada em pensamentos obsessivos e criando mantras compulsivos, que me permitissem não me lembrar da realidade.

PRESENTE

Capítulo 47

Alex, 31 anos

16 julho de 2022

— O sentido não é que me amas e que me guardarás para sempre no teu coração e na tua mente? — Sinto-me intrigado e confuso por poder haver mais algum significado naquelas palavras.

— Também, mas não só — responde-me, começando a chorar compulsivamente. — Eu tinha-te mesmo dentro de mim, uma parte de ti... um feto. Eu estava grávida, Alex.

Sinto os membros dormentes e a cabeça vazia com aquela revelação.

Grávida? De mim? Como e por que razão eu nunca soube de nada?

— O quê?

— Juro que te queria contar, mas tu não me atendias o telemóvel e, passado pouco tempo, o teu número deixou de estar atribuído... Depois, os meus pais... Bom, chegámos à conclusão de que o melhor era irmos embora de Almada. Eu não queria fazer um aborto, mas, mesmo que quisesse, já era demasiado tarde.

— Oh, meu Deus, o que aconteceu?

— Perdi-o... pouco tempo depois. Quando acordei, já não havia nada a fazer.

Os meus ombros começam a tremer antes de me dar conta de que também eu estou a chorar com todas aquelas revelações, com todas as coisas que me passaram ao lado em tantos anos. Agarro-me a ela e imploro por perdão, embora nem eu próprio consiga perdoar-me neste momento, por ter sido tão idiota.

— Lamento tanto, Mariana. Desculpa-me! Fui tão infantil, tão imaturo. Se eu não tivesse sido uma besta, se não te tivesse abandonado, nem tivesse deixado de te responder, talvez... — Faço uma pausa, não aguentando a culpa que me preenche o peito e que leva a que me odeie.

— Para de te recriminar. Fomos vítimas de uma série de desgraças... nenhum de nós tem culpa — diz-me, entre soluços. — Preciso de ti para recuperar, para superar...

— Superar isto? Claro que sim, meu amor. Prometo que vou estar contigo sempre, de agora em diante.

— Superar isto e o que veio depois... — Ela aponta na direção da sua mala, como se quisesse que eu a fosse buscar.

— Queres que vá buscar a tua mala?

Ela aquiesce com a cabeça, mas esconde-se debaixo dos meus lençóis, como se estivesse com vergonha ou com medo, enquanto continua a chorar. Avanço no sentido da sua bolsa, para perceber o que se passa e o que poderá lá estar dentro que lhe cause tanta dor. Quando a abro, vejo o telemóvel, a carteira, a chave de um hotel e... uma lista infindável de frases e... tarefas? Leio várias palavras escritas no papel, embora não se estejam a sobrepor umas às outras. Pelo contrário, estão equidistantes umas das outras e repetidas várias vezes, ao longo da página, como ladainhas.

Há um excerto que reconheço imediatamente como sendo da letra da música «Ouvi Dizer», dos Ornatos Violeta, embora haja partes sublinhadas, cujo significado não consigo decifrar.

«Em todo o lado essa palavra
Repetida ao expoente da loucura
Ora amarga, ora doce
P’ra nos lembrar que o amor é uma doença,
Quando nele julgamos ver a nossa cura!»

— Não entendo, Mariana. Que significa isto?

— Significa que sou *maluca*, Alex — responde-me, dando ênfase àquela palavra. — Tenho perturbação obsessivo-compulsiva, que é uma doença psiquiátrica. Tenho obsessões, pensamentos intrusivos ou imagens que me passam à frente dos olhos, como se fossem filmes, sem que eu os consiga desligar! Além de compulsões... rituais, que faço para minimizar a ansiedade induzida pelas obsessões, como repetir palavras, movimentos ou fazer contagens aleatórias.

— Mariana, tu não és maluca! Só precisas de ajuda...

Não entendo o porquê de se sentir envergonhada nem das suas palavras cruéis em relação à sua doença, que, mesmo não sabendo os contornos nem a sua dimensão, acredito que seja possível minimizar, com medicação ou terapia.

— Tens estado a ser acompanhada? — pergunto-lhe, com receio de que me diga que não tem tido apoio.

— Sim, embora nem sempre funcione bem. Quando me sinto mais assoberbada, os sintomas intensificam-se... como de há um mês para cá. Foi por isso que não te cheguei a ligar — confessa —, porque acreditei que, se o fizesse, ia acontecer alguma coisa má que nos afastaria novamente. Não sei explicar, os pensamentos são irracionais. Penso que só tive coragem de vir ter contigo hoje, porque, nas últimas semanas, tive de voltar a tomar medicação.

Os seus olhos estão inchados quando me aproximo e lhe dou um beijo na testa.

— Mariana, lamento tanto, por tudo. Desculpa não ter estado contigo para te apoiar em tudo o que tiveste de ultrapassar. O que aconteceu faz parte do passado. Agora estou contigo e nunca mais te vou deixar sozinha, combinado? Eu também já estive no lodo. Foi a terapia que me ajudou a enfrentar todos os meus fantasmas. Vou-te ajudar em tudo, inclusivamente a amenizar essa sensação. — Olho-a nos olhos enquanto faço esta promessa, enquanto lhe garanto que iremos ultrapassar tudo juntos, de agora em diante. — Eu vou ajudar-te — reitero.

— Prometes? — interroga-me com a voz rouca do choro e da emoção, por revelar os seus dois segredos tão bem guardados ao longo dos últimos anos.

— Prometo. Não podemos mudar o passado, mas, pelo menos, podemos moldar o futuro.

— Eu amo-te.

— Eu também te amo.

— Promete-me apenas que nunca mais me abandonas — pede-me ela.

— Prometo por tudo o que é mais sagrado.

Epílogo

Mariana, 32 anos

Dois anos depois

Há ruas e caminhos pelos quais temos de passar, para chegar ao nosso destino.

Aquilo a que chamamos sorte mais não é do que *timing*. Ao longo de toda a minha adolescência e começo de vida adulta, acreditei que o *timing* não conspirava a nosso favor, mas agora dou-me conta de que, afinal, ele foi bondoso connosco, reunindo-nos antes que fosse tarde de mais. Se não nos tivéssemos cruzado naquela discoteca, se as minhas madrinhas não tivessem organizado uma despedida de solteira em Madrid, eu provavelmente estaria casada com o Miguel e viveria uma vida totalmente diferente da que estou a viver agora.

Há dois anos, eu não acreditava no destino, mas agora acredito que ele existe, sim.

Quem poderia prever que, depois de todo o percurso que percorri, ia chegar até aqui? Que ia estar na Feira do Livro de Madrid a dar autógrafos a leitores do meu primeiro romance, *Porque no te he olvidado*?, com prefácio de Alice Kellen, uma das autoras sensação de jovens adultos em Espanha?

Ainda há dois anos comprava aqui uma edição especial do seu livro de que mais gostei até hoje, com o Alex ao meu lado. Questiono-me agora se não foi tudo uma grande piada orquestrada pelo destino, se não existe *alguém* ou *algo* lá em cima a brincar connosco ou a mandar-nos pistas de como a nossa vida poderá mudar radicalmente e que nem sempre as mudanças serão para pior.

Ainda há dois anos estava noiva do Miguel e achava que a minha vida estava a correr bem, até esbarrar no Alex e a sua presença ter provado que afinal a minha vida ainda nem tinha *começado*.

Hoje, dois anos depois do nosso reencontro, estou casada com o Alex e não imagino a minha vida a decorrer de outra maneira.

Mudei-me para Madrid pouco depois da minha visita relâmpago no dia 16 de julho. Quando voltei para Lisboa, ponderei todas as minhas alternativas. Ficar em Portugal era o mais seguro, era o que me estava destinado por natureza, porque nasci e cresci lá, mas se a pessoa que eu amava estava em Madrid, o que ficaria lá a fazer? A única coisa que eu tinha em Portugal eram os meus pais e a minha melhor amiga, que foi a maior apoiante da minha mudança, que me disse

que a vida é demasiado curta para eu andar a desperdiçar mais tempo longe de quem eu amo.

A realidade é que estava num ponto da minha vida em que não sentia que quisesse continuar a ser advogada, devido ao estilo de vida da profissão não ser o que queria para mim. Apesar de não ter admitido a ninguém, sendo mais um dos meus segredos bem guardados, o meu grande sonho nunca deixou de ser escrever a tempo inteiro e nessa altura, mais do que nunca, sentia-me inspirada para isso, com tudo o que me tinha acontecido e com as reviravoltas inesperadas da minha vida em apenas um mês.

Por insistência do Alex, que me persuadiu a, pelo menos, experimentar, acabei por me mudar para o apartamento dele em Madrid. Trouxe muito poucas coisas, apenas uma mala com roupa e alguns dos meus bens essenciais. Achava uma loucura vir viver de repente com ele, sem nunca sequer termos namorado a sério. Os meus pensamentos insistiam que as coisas poderiam correr mal, pelo que pensei que o melhor seria trazer o mínimo possível. Assim, se as coisas não corressem bem, seria mais fácil transportar tudo caso tivesse de me ir embora. No entanto, todas as minhas dúvidas e inseguranças revelaram-se infundadas e essa foi a melhor decisão que poderia ter tomado.

Enquanto ele ia para o escritório, eu ficava a escrever, acreditando que o meu esforço iria valer a pena. Passados três meses de uma rotina bastante disciplinada da minha parte, tinha o meu primeiro romance escrito. Chorei muito quando o terminei, porque até esse momento não me tinha dado conta da necessidade que tinha de contar aquela história, que no fundo viveu comigo ao longo dos últimos anos. Escrevi sobre nós, sobre todos os nossos desencontros, sobre as nossas perdas, sobre a minha doença, mas essencialmente sobre estarmos destinados um ao outro, sobre nem mesmo o tempo, a distância ou as várias tragédias que tivemos de vivenciar terem sido capazes de separar a nossa ligação emocional. A nossa história saiu-me da ponta dos dedos como se tivesse vida própria, mas o que eu não sabia e estava longe de imaginar é que, tal como eu, muitas pessoas a iam querer ler.

Para mim, era algo especial e mágico, porque se tratava de mim e do Alex, uma história que eu tinha vivido. No entanto, esta tornou-se também bastante especial para os outros. Quando acabei de a escrever, decidi contratar um tradutor para ma traduzir para espanhol e, já que estava em Espanha, lancei-me aos lobos e tentei a minha sorte junto de várias editoras espanholas. Não foi propriamente rápido — esperei meses por uma resposta positiva e contei com muitas rejeições, mas um dia, enquanto dormia uma sesta com o *Jean Pierre* — um dos nossos gatos —, recebi uma chamada da mesma editora da Alice Kellen,

que me fez uma proposta de publicação.

Não conseguia acreditar. Dei pulos de alegria, de tão feliz que fiquei. Agarrei no *Jean Pierre* e beijei-o, ri-me às gargalhadas até o riso se transformar num choro de felicidade e sentir que, finalmente, estava onde sempre tinha almejado estar.

Acho que foi nesse dia que me dei conta de que as mudanças às vezes acontecem devagar e outras acontecem subitamente, bastando pôr as mãos à obra.

Esta também é uma história na qual abordo a minha perturbação obsessivo-compulsiva. Pelo que a minha atual psicóloga me disse, 40% dos indivíduos com início de POC na infância ou na adolescência podem experimentar uma probabilidade bastante alta de remissão no início da idade adulta. O início da minha perturbação ocorreu na adolescência, em consequência da partida repentina do Alex e agravou-se quando perdi o bebê. Na altura, não foi algo que tenha reconhecido facilmente nem que pudesse controlar, foi algo que aconteceu na sequência desses eventos traumáticos. Entretanto, posso dizer que consegui uma grande remissão e que, atualmente, só tenho alguns pensamentos intrusivos ocasionais ou comportamentos repetitivos comuns na população geral, como verificar duas vezes se a porta está trancada, mas já não é uma situação que me perturbe e condicione, como senti em vários momentos ao longo da vida.

Decidi escrever sobre tudo isso, para que outras pessoas se sintam mais acompanhadas, como eu me teria sentido se tivesse lido sobre isso nos meus anos de adolescência.

Pensava eu que já poucas coisas me poderiam deixar tão feliz e assoberbada como esse momento em que soube que o meu livro iria ser publicado, quando, meses depois do seu lançamento, este se tornou viral no TikTok, a ponto de as vendas em Espanha terem disparado e de a minha editora ter sugerido que a próxima edição tivesse um prefácio escrito pela Alice Kellen, o que, obviamente, me encheu de enorme orgulho e satisfação.

Por isso, hoje, ao olhar para o rosto destas jovens mulheres, tenho de me controlar para não chorar enquanto autografo os seus livros. Não me posso demorar muito com cada uma delas, mas não resisto a escrever-lhes algo que gostaria que me tivessem dito quando eu era mais nova, para que eu nunca me esquecesse, mesmo quando pensasse que era impossível:

*Nunca olvides tus sueños y lo que quieres. ¡Lucha hasta que lo consigas!
Besos, Mariana Batalha*

Outra coisa de que me dei conta ao longo deste tempo em que estive com o Alex é de que não me queria casar com toda a pompa e circunstância que imaginei no passado. Falámos sobre isso, sobre fazermos o que tínhamos combinado em crianças, que nos iríamos casar pela Igreja, mesmo que não fosse na Sé, porque, sinceramente, depois de quase ter casado lá, não quis sequer pensar nisso. Foi como se essa ideia tivesse ficado permanentemente maculada e associada a algo que eu nunca mais iria querer na vida. Além disso, o Alex já não ter a sua mãe consigo nem ter uma relação realmente próxima com o pai dele — algo que tentei reverter e, pelo menos, já passamos as épocas festivas todos juntos —, fez-nos perceber que não fazia sentido organizarmos uma coisa em grande.

Por isso, marcámos finalmente o nosso casamento pelo registo civil e casámos no dia 13 de junho de 2023, há um ano. O nosso casamento foi apenas com as pessoas que nos são mais próximas: o pai do Alex e a sua família, os meus pais, que finalmente aceitaram a nossa relação, a Mel e o Fred, os meus grandes amigos.

A única coisa que nos pareceu fazer sentido foi casar no dia de Santo António, uma vez que nos reencontrámos no seu mês, como se se tratasse de um milagre orquestrado pelo santo casamenteiro de Lisboa, o qual tentava unir um amor perdido. Portanto, mesmo não casando na sua paróquia, que nos estava *destinada* desde pequenos, acabámos por lhe prestar homenagem ao casar no dia dele.

Bom, essa não foi a única homenagem que decidimos fazer.

Na minha barriga, cresce uma menina que se chamará Amélia, em homenagem à mãe do Alex, que, apesar de não ter assistido à maior parte da nossa história de amor, sempre torceu por ela.

Soube há pouco tempo que o Miguel também reencontrou o amor novamente e fico feliz por ele. Apesar de não termos conseguido preservar nenhum tipo de contacto, ficarei para sempre grata pelos anos que passámos um com o outro, mesmo que isso não se tenha revelado suficiente para nos mantermos juntos.

Hoje, percebo que a vida é mesmo assim: umas pessoas aparecem na nossa vida e outras deixam de fazer parte dela. Algumas delas têm até o poder de, quando aparecem, provocarem um tornado capaz de abalar o mundo e a realidade.

Mas é por estas pessoas que vale a pena viver.

² *Porque Não Te Esqueci.*

³ «Nunca te esqueças dos teus sonhos e do que queres. Luta até conseguires! Beijos, Mariana Batalha.»

Querido leitor, se chegaste até aqui, faz de conta que esta página são os créditos que aparecem após os filmes e ouve esta música de olhos fechados.

Juro que vai valer a pena! :)

«Past Lives» — Børns

Nota da autora

Esta história começou por ser um exercício de escrita que fiz quando estava noiva e a organizar o meu casamento e no qual tentei imaginar qual seria a sensação de uma noiva que, na realidade, não se quer casar.

Daí em diante, tal como a Mariana refere no epílogo em relação à sua história, também a minha viajou pela ponta dos meus dedos, sem que eu tivesse um grande controlo sobre o seu rumo. Ao longo da escrita deste livro, as personagens ganharam vida própria como se me fossem sussurrando ao ouvido o que eu deveria escrever e eu fosse apenas um veículo para contar a sua história. Sinto estas personagens como reais, agora que as transpus para o papel e lhes dei vida.

Neste livro, tentei conjugar alguns dos ingredientes que mais gosto de ler num romance. Como romântica incurável que sou, o ponto fulcral do livro teria de ser um romance arrebatador, capaz de sobreviver à passagem do tempo e à ausência física. A minha *trope* literária favorita é *second chance romance* e quis que esta fosse a *trope* principal deste livro. Contudo, ele vai muito além disso e conjuga temas bastante sensíveis para mim, como a perda, o luto e as doenças mentais.

Há dois anos, eu não poderia ter escrito um livro que tratasse estes temas, pois não os conhecia. No entanto, infelizmente, experienciei a dor da perda, o que me levou a ter vários pensamentos que, a dada altura, acabei por extravasar para o papel e que deram origem a algumas das reflexões do Alex.

Além do luto, que teve como base o meu próprio processo de luto, abordo outros tópicos duros, como o suicídio, a perturbação obsessivo-compulsiva e o aborto espontâneo, que, não sendo temas muito explorados, afetam uma grande parte da população. Quis desmistificá-los ao máximo, abordando-os de maneira que o leitor sentisse que estes podem entrar na vida de qualquer pessoa, independentemente do seu estrato social ou do volume da sua conta bancária.

De acordo com o Estudo Epidemiológico Nacional de Saúde Mental (datado de 2013), Portugal apresenta uma das mais elevadas prevalências de doenças psiquiátricas da Europa, destacando-se as perturbações da ansiedade, onde se inclui a perturbação obsessivo-compulsiva (POC), sendo atualmente uma das patologias psiquiátricas de maior prevalência e considerada pela OMS uma das dez patologias mais incapacitantes por perda de rendimento e diminuição da

qualidade de vida.

Conheço quem se debata com esta doença e sei quão limitadora se pode tornar, especialmente sem o tratamento adequado, assim como muitas outras doenças do foro mental. O meu objetivo foi desmistificá-la e retirar-lhe algum estigma, que, queiramos ou não, continua a haver em relação às doenças mentais.

Chegados até aqui, vem a melhor parte, que é a altura em que posso agradecer a todas as pessoas que tenho chateado ao longo dos últimos meses, por não me calar em relação ao livro que tenho estado a escrever.

Em primeiro lugar, como não poderia deixar de ser, tenho de agradecer à minha mãe, Carla Craveiro, porque é e sempre foi a primeira pessoa a apoiar-me em tudo. A minha mãe sempre acreditou em mim, mesmo quando eu própria não acreditei. Obrigada, mãe, pelo teu amor incondicional, capaz de preencher todos os meus vazios, por sempre me teres motivado, independentemente das probabilidades e possibilidades e por teres sido a primeira pessoa a impulsionar-me a escrever, acreditando que um dia conseguiria chegar até aqui.

À minha avó Maria Herminda Carreira («avó Minda»), que, apesar de, infelizmente, não poder ler o meu livro nem os meus agradecimentos, acredito profundamente que está constantemente a alinhar as estrelas para que elas brilhem para mim. Desde 2022 que sinto que tudo o que de bom me acontece é por sua causa. Obrigada, avó, por teres sido a melhor avó do mundo, por sempre me teres mostrado o significado de uma mulher com personalidade. Sei que estás sempre comigo, mesmo que não seja fisicamente.

Ao meu marido Filipe Reis, que me incentiva diariamente a lutar pelos meus sonhos e que tem estado presente ao longo dos últimos dez anos nas várias etapas da minha vida. Obrigada pelo teu ombro amigo, por me apoiares em tudo o que eu quero fazer, por vibrares tanto com as minhas conquistas, mas, acima de tudo, por me permitires ser eu própria e encontrar o meu lugar no mundo.

À minha amiga Soraia Picoito, porque, sem o seu apoio, incentivo e motivação, nenhum dos meus manuscritos poderia existir, de todo! Obrigada por me teres dado a força necessária para eu começar a escrever, por teres vibrado com cada pequena vitória como se fosse tua. És uma amiga espetacular.

À minha amiga Marta Vieira, que não só é psicóloga e me falou sobre a perturbação obsessivo-compulsiva, como me explicou o seu «ABC da Manifestação» e me ajudou a acreditar e visualizar este livro a tornar-se realidade.

Ao meu amigo e fotógrafo André Costa, que é dos meus amigos mais antigos, conhecendo-me desde os meus dezasseis anos. Obrigada por me teres falado dos pormenores relacionados com o processo fotográfico e teres ajudado a dar vida

ao Alex.

À minha *betareader* Sara Marques, @saramarques_books, que consegui pôr a chorar mais do que uma vez ao longo desta leitura! Obrigada por seres uma *betareader* incrível, por queres ler tudo o que escrevo e por te teres tornado uma verdadeira amiga.

À minha *betareader* Nance Gonçalves, @nancegoncalves.autora, que deixou de corrigir testes por ter ficado viciada a ler a primeira versão deste manuscrito. Obrigada por todas as reações genuínas ao longo desta leitura e pelo teu precioso *feedback*.

Às *bookstagrammers* que aceitaram o meu convite para lerem este livro antecipadamente: Mariana Nunes (@chroniclesofmariana), Marta Carvalhosa (@oslivrosdamartinha), Joana Alves (@jucamindscape), Daniela Cristóvão (@docesonhadorablogue), Jéssica Cruz (@fofocaliteraria), Íris Bicho (@didi.books_) e Micaela Silva (@eutuosgatoseoslivros). Obrigada pela vossa disponibilidade, interesse e pelo vosso *feedback* tão positivo!

A todos os meus amigos e colegas que deliraram com eu estar a escrever um livro e que me deram palavras de incentivo ao longo de todo este processo.

A toda a comunidade do *bookstagram*, que sempre demonstrou imensa curiosidade em ler o resultado do que eu andava a escrever.

À Marta Miranda, a minha editora, que viu potencial na minha história desde o primeiro dia e que tornou o meu sonho realidade. Nem tenho palavras para descrever o que isto significa para mim. Obrigada!

Obrigada, também a ti — sim, *tu!* —, que acabaste de ler o meu livro e de conhecer um bocadinho da minha imaginação.

Espero que tenhas gostado e que tenhas ficado com vontade de ler mais histórias contadas por mim!

Obrigada,

Sara Marinho